

Renato Moraes
Sérgio Tosi Rodrigues
(orgs.)

OS PESQUISADORES PIONEIROS EM COMPORTAMENTO MOTOR NO BRASIL

Renato Moraes
Sérgio Tosi Rodrigues
(orgs.)

OS
PESQUISADORES
PIONEIROS EM
COMPORTAMENTO
MOTOR NO BRASIL



canal6 editora
1ª edição 2018
Bauru, SP

Conselho Editorial

Dra. Cássia Letícia Carrara Domiciano

Dra. Janira Fainer Bastos

Dr. José Carlos Plácido da Silva

Dr. Luís Carlos Paschoarelli

Dr. Marco Antônio dos Reis Pereira

Dra. Maria Angélica Seabra Rodrigues Martins

canal6 editora

Rua Machado de Assis, 10-35

Vila América - CEP 17014-038 - Bauru, SP

Fone (14) 3313-7968 | www.canal6.com.br

P474 Os pesquisadores pioneiros em comportamento motor no Brasil
/ Renato Moraes e Sérgio Tosi Rodrigues (org.). — Bauru, SP:
Canal 6, 2018.
174 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-7917-502-2

1. Aprendizagem motora 2. Capacidade motora 3. Pesquisa no Brasil
I. Moraes, Renato. II. Rodrigues, Sérgio Tosi. III. Título.

CDD: 152.3

AUTORES

Ana Maria Pellegrini

Departamento de Educação Física, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo. Foi uma das fundadoras da SOCIBRACOM e membro do Conselho Fiscal na gestão 2006-2008.

Arno Krug

Centro Educacional Luterano de Joinville, Santa Catarina.

Cynthia Yukiko Hiraga

Departamento de Educação Física, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo. Foi membro do Conselho Fiscal da SOCIBRACOM na gestão 2010-2012.

Fernando Copetti

Departamento de Métodos e Técnicas Desportivas, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Go Tani

Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano, Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. Foi um dos fundadores da SOCIBRACOM e seu Vice-Presidente no biênio 2004-2006.

José Luiz Lopes Vieira

Departamento de Educação Física, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Maringá, Paraná.

Marcio A. Oliveira

Vice-Presidente Associado da Universidade de Maryland, EUA. Foi um dos fundadores da SOCIBRACOM, fez parte de vários grupos gestores eleitos, tendo sido Presidente no biênio 2010-2012.

Renato Moraes

Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo. Foi Presidente da SOCIBRACOM no biênio 2016-2018.

Ricardo Demétrio de Souza Petersen

Departamento de Educação Física, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. Foi um dos fundadores da SOCIBRACOM e seu Presidente no biênio 2004-2006.

Sérgio Tosi Rodrigues

Departamento de Educação Física, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo. Foi um dos fundadores da SOCIBRACOM e seu Vice-Presidente no biênio 2016-2018.

Vera Lucia Krebs

Instituto da Criança, Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo.

APRESENTAÇÃO

A história da área de Comportamento Motor no Brasil pode ser contada a partir do retorno de cinco pesquisadores que foram obter formação pós-graduada nos EUA e no Japão. Os professores Jefferson Thadeu Canfield, Ana Maria Pellegrini, Ruy Jornada Krebs, Go Tani e Ricardo Demetrio de Souza Petersen são aqui chamados de pioneiros por terem sido os primeiros a irem ao exterior buscar formação específica em comportamento motor, retornarem ao Brasil no final dos anos 1970 e início dos anos 1980 e instituírem os primeiros grupos de pesquisa em comportamento motor no Brasil.

Esse livro foi organizado para mostrar a trajetória acadêmica e pessoal destes pesquisadores pioneiros em Comportamento Motor no Brasil. Pode parecer um clichê, mas conhecer nossa história é fundamental para entender o que conquistamos até o momento e para preservar a memória daqueles que contribuíram para o nosso desenvolvimento. Apesar da área de comportamento motor ser nova no Brasil, temos pouco mais de 40 anos de história, muitos avanços foram conquistados ao longo desse tempo. Hoje as disciplinas de comportamento motor estão presentes em praticamente todos os currículos de graduação em Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Boa parte dos programas de pós-graduação da área 21 da CAPES possuem pesquisadores vinculados a área de comportamento motor. No início dos anos 2000 tivemos a constituição da Sociedade Brasileira de Comportamento Motor que representa um momento de maturidade científica da área por congregar um número expressivo de pesquisadores e, em 2018, estamos realizando a 9ª edição do Congresso Brasileiro de Comportamento Motor, o que mostra que a área tem conseguido criar novas lideranças e dar continuidade ao legado dos pesquisadores pioneiros.

Como se observa, as sementes plantadas por esses pesquisadores pioneiros geraram muitos frutos que se multiplicaram em diversas partes do Brasil. Atualmente, há grupos de pesquisa em comportamento motor em todas as regiões do Brasil.

Esse livro está organizado em capítulos escritos pelos próprios pesquisadores pioneiros como no caso dos professores Ana Maria Pellegrini (em coautoria com a professora Cynthia Yukiko Hiraga), Go Tani e Ricardo Demetrio de Souza Petersen. O falecido professor Ruy Jornada Krebs foi biografado pelos professores José Luiz Lopes Vieira, Fernando Copetti, Arno Krug e Vera Lucia Krebs (irmã do professor Ruy), pessoas próximas e queridas pelo professor Ruy. Infelizmente, por problemas de saúde, o professor Jefferson Thadeu Canfield, não pode escrever seu próprio capítulo. Assim, assumimos o desafio de escrever um capítulo contando um pouco da trajetória do professor Jefferson. Além desses capítulos sobre os pesquisadores pioneiros, entendemos que seria apropriado incluir também um capítulo sobre a história da criação da Sociedade Brasileira de Comportamento Motor (SOCIBRACOM). Assim, convidamos o professor Marcio A. Oliveira, que desempenhou várias funções em diferentes gestões da SOCIBRACOM e acompanhou de perto o processo de criação da nossa sociedade.

Este livro só foi possível graças à colaboração de várias pessoas. Gostaríamos de agradecer a todos os autores por prontamente aceitarem nosso convite, a todos que enviaram algum relato que nos ajudaram na confecção do capítulo do professor Jefferson, ao professor José Angelo Barela por intermediar o patrocínio para publicação do livro e ao Instituto Arcor Brasil pelo apoio financeiro para a publicação do livro.

Tenha uma excelente leitura!

Renato Moraes
Sérgio Tosi Rodrigues
Editores

SUMÁRIO

1. JEFFERSON THADEU CANFIELD - PRECURSOR DA
ÁREA DE COMPORTAMENTO MOTOR NO BRASIL 9
Renato Moraes
Sérgio Tosi Rodrigues

2. ANA MARIA PELLEGRINI – OPORTUNIDADES,
ESCOLHAS E UM PERCURSO..... 21
Ana Maria Pellegrini
Cynthia Yukiko Hiraga

3. RUY JORNADA KREBS – “UM DOS PILARES DA
EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA” 57
José Luiz Lopes Vieira
Fernando Copetti
Arno Krug
Vera Lucia Krebs

4. COMPORTAMENTO MOTOR NO BRASIL: UMA
BREVE HISTÓRIA DO MEU ENVOLVIMENTO COM A ÁREA 71
Go Tani

5. MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA E TRABALHO 145
Ricardo Demetrio de Souza Petersen

6. CONSTRUINDO UM FUTURO DE MEMÓRIAS..... 163
Marcio A. Oliveira

1

JEFFERSON THADEU CANFIELD - PRECURSOR DA ÁREA DE COMPORTAMENTO MOTOR NO BRASIL

Renato Moraes

Universidade de São Paulo

Sérgio Tosi Rodrigues

Universidade Estadual Paulista

SOBRE O CAPÍTULO

Nossa intenção inicial sempre foi que o próprio professor Jefferson Thadeu Canfield escrevesse o presente capítulo. O convite foi feito e apesar das tentativas iniciais do próprio Jefferson em escrevê-lo, sua condição de saúde não permitiu que assim fosse feito. Consultamos e convidamos outras pessoas para escrever um capítulo sobre o Jefferson, mas infelizmente nenhuma delas se sentiu em condições de fazê-lo. Assim, na qualidade de editores do livro, nos sentimos responsáveis em retratar de forma correta e honesta um perfil do professor Jefferson. Gostaríamos de agradecer a colaboração valorosa que o professor Go Tani nos deu, enviando informações importantes sobre o professor Jefferson e contatando os professores Arno e Dircema Krug, que gentilmente enviaram um relato sobre a trajetória do professor Jefferson que muito nos ajudou. Agradecemos também o retorno recebido do professor Luis Augusto Teixeira, por nos enviar informações que contribuíram com a confecção

do presente capítulo. As iniciais GT (Go Tani), ADK (Arno e Dircema Krug) e LAT (Luis Augusto Teixeira) foram usadas ao longo do texto para se referir as informações enviadas por eles. As informações do currículo Lattes (CL) do professor Jefferson (última atualização em 26/12/2002) também serviram de fonte de informação para a confecção deste capítulo (<http://lattes.cnpq.br/2642482708511196>), além de outras fontes na Internet. Ao final do capítulo inserimos dois relatos escritos por ex-alunos de mestrado do professor Jefferson. Um escrito pelo professor Sérgio Tosi Rodrigues e outro pelo professor Milton Vieira do Prado Junior.

TRAJETÓRIA ACADÊMICA

O professor Jefferson é graduado em Educação Física pela Escola Superior de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo realizado o curso de graduação entre os anos de 1963 e 1966 (CL). Nesse período, o Jefferson foi contemporâneo dos professores Arno e Dircema Krug e, de acordo com os mesmos, demonstrava interesse em conteúdos gerais e particularmente por Voleibol. O interesse pelo Voleibol fica evidenciado com a publicação de dois livros sobre o assunto (Canfield, 1976; Canfield & Reis, 1998). O professor Jefferson também era fotógrafo amador (ADK). Mais recentemente, em 2012, o professor Jefferson organizou uma exposição de suas fotos no Museu de Arte de Santa Maria¹.

O professor Jefferson foi um dos pioneiros do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (Mazo, 2005), criado em 1970, e foi docente dessa instituição entre os anos de 1971 a 1996 (CL). Posteriormente, em 1974, o professor Jefferson realizou uma Especialização em Pesquisa na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob a orientação do professor Mauricio Leal

1 <http://museudeartedesantamaria.blogspot.com/2012/06/abertura-exposicao-jefferson-canfield.html>

da Rocha. Em 1976, apresentou a Tese de Livre Docência intitulada “Relações entre tempo de movimento de uma tarefa específica e performance esportiva” (Canfield, 1976), decorrente da Especialização em Pesquisa realizada na UFRJ.

Mesmo tendo feito a Livre Docência, foi cursar o mestrado na *University of Pittsburgh*, nos EUA, sob a orientação do Prof. Dr. Shirl J. Hoffman. O curso de mestrado foi realizado entre os anos de 1976 e 1978 e a dissertação defendida intitulou-se “*Transfer effects in skill acquisition under closed and open conditions*” (CL). Após finalizar o mestrado, o professor Jefferson foi fazer o doutorado sob a orientação do Prof. Dr. Robert Singer na *Florida State University*, nos EUA, em 1978. Este curso de doutorado não foi finalizado, já que ele teve que abandoná-lo no meio porque foi chamado de volta à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (GT), onde assumiu a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, nível de mestrado, a partir de agosto de 1979 (ADK).

Ele deu uma nova dinâmica ao programa, inclusive disponibilizando todo o material que trouxe do período do mestrado nos EUA aos alunos do curso (ADK). O professor Jefferson foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano entre agosto de 1979 e abril de 1982. Entre fevereiro de 1990 e junho de 1994 foi novamente Coordenador Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, agora também com o curso de doutorado. Ao retornar ao Brasil, em 1979, o professor Jefferson assumiu as aulas de Aprendizagem Motora no Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da UFSM. Além desta disciplina, foi responsável pelas seguintes disciplinas na pós-graduação: Desenvolvimento Motor, Seminário de Psicomotricidade, Docência Supervisionada, Teorias de Aprendizagem Motora, Introdução à Ciência do Movimento Humano, Seminário de Dissertação, Laboratório em Ciência do Movimento Humano: Aprendizagem Motora e Estudos Avançados em Ciência do Movimento Humano: Aprendizagem Motora. No Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano formou 28 mestres e 4

doutores, muitos deles pesquisadores de destaque atualmente no cenário científico da Educação Física brasileira.

Apesar de seu envolvimento com a Aprendizagem Motora, o professor Jefferson sempre teve preocupação com a aplicação dos conhecimentos na intervenção profissional (GT). Talvez por esse motivo tenha orientado muitos alunos que buscaram a interação com a Teoria dos Estilos de Ensino do Muska Mosston (GT). Ele foi o introdutor dos modelos e paradigmas da área de Aprendizagem Motora, principalmente do Modelo de Gentile (1972), que serviu de referencial teórico para os alunos do curso de mestrado da UFSM e também introduziu a Teoria dos Estilos de Ensino de Muska Mosston na realidade dos alunos do curso de mestrado da UFSM (ADK). Interessante destacar que esse material serviu de base teórica para a disciplina de “Metodologia da Educação Física”, implementada pelos professores Arno Krug e Dircema Krug em 1972, na Faculdade de Educação Física de Cruz Alta, curso em que sempre que o professor Jefferson era convidado, prontamente se colocava à disposição para palestrar e discutir novas ideias (ADK). O professor Jefferson também introduziu as noções básicas da área de Desenvolvimento Motor no curso de mestrado da UFSM e, mais uma vez reforçando sua preocupação com a intervenção profissional, solicitava como trabalhos avaliar o comportamento motor de crianças considerando a realidade brasileira (ADK).

Dando sequência a sua formação acadêmica, o professor Jefferson realizou três estágios de pós-doutorado: Universidade Técnica de Lisboa, *Free University of Amsterdam* e *Louisiana State University*. As informações relativas a estes estágios de pós-doutorado que conseguimos obter foram poucas. Em 1987, o professor Jefferson realizou o estágio de pós-doutorado na *Free University of Amsterdam* onde ele trabalhou com o Prof. Dr. John Whiting e com o Prof. Dr. Geert Savelsbergh (GT e LAT). Desse estágio, resultou a publicação de um artigo na revista *Kinesis* (Savelsbergh, Whiting, & Canfield, 1989). O programa de pós-graduação da UFSM chamava-se “Ciência do Movimento Humano” por causa da forte influência do Jefferson (GT). Um dos motivos para o professor

Jefferson realizar o pós-doutorado com o John Whiting foi justamente por conta do conceito de Ciência do Movimento Humano (GT). O termo *Human Movement Science* tem forte influência do Instituto da *Free University of Amsterdam* para o qual o John Whiting foi especialmente chamado para desenvolver o projeto com essa denominação (GT). Na *Louisiana State University*, o professor Jefferson trabalhou com o Prof. Dr. Richard Magill.

Ao longo de sua trajetória acadêmica, o professor Jefferson publicou 28 artigos científicos, quatro capítulos de livros, seis livros e organizou três livros (CL). A lista completa das produções científicas do professor Jefferson está disponível no seu currículo Lattes. A maioria destas publicações tinha como tema central a aprendizagem motora, mas ele também contribuiu com publicações na área de esporte e na área de pós-graduação em Educação Física. Um livro muito importante e que serviu de referência para muitos iniciantes na área de comportamento motor foi publicado em 1981, trata-se de um livro sobre aprendizagem motora (Canfield, 1981).

Durante o período que trabalhou na UFSM, o professor Jefferson foi Chefe de Departamento, Coordenador de Pesquisa da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Presidente da Comissão de Pesquisa do Centro de Educação Física e Desporto, Membro da Comissão de implantação do curso de Doutorado em Ciência do Movimento Humano, dentre outras atividades administrativas. Em 2011, o professor Jefferson foi homenageado com a Medalha do Cinquentenário pela UFSM em reconhecimento ao destaque obtido junto às atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Algo a se ressaltar no professor Jefferson é a sua firme convicção da importância dos eventos científicos para o avanço da Educação Física no Brasil. Ele foi responsável pela organização de quatro edições do Congresso de Ciência do Movimento Humano promovidos em Santa Maria. Segundo o professor Go Tani, este evento era o melhor congresso da área no que se refere a qualidade da organização, da programação e sobretudo dos recursos humanos que congregava (GT).

Entre 1996 e 2002, o professor Jefferson trabalhou no Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria. Na UNIFRA, o professor Jefferson foi Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa, tendo participado da elaboração da proposta do programa de pós-graduação em Educação e sido seu coordenador. Além das atividades administrativas, foi docente da disciplina de Metodologia da Pesquisa em vários cursos de Especialização da UNIFRA. Foi responsável pela criação do Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNIFRA e na 12ª edição desse evento foi homenageado pelas importantes contribuições que deu a UNIFRA².

SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPORTAMENTO MOTOR (SOCIBRACOM)

A SOCIBRACOM foi criada em 2002 e seu primeiro presidente foi o professor Jefferson. Na gestão 2004-2006, ele foi membro do Conselho Fiscal da SOCIBRACOM³. Em 2006, por ocasião da realização do III Congresso Brasileiro de Comportamento Motor, em Rio Claro, interior de São Paulo, a SOCIBRACOM instituiu o Prêmio Pesquisador Sênior. Este prêmio foi batizado de Prêmio Jefferson Canfield em homenagem à brilhante carreira deste importante pesquisador brasileiro. Na oportunidade, a SOCIBRACOM reconheceu o professor Jefferson como precursor brasileiro da área de Comportamento Motor, cujas atividades acadêmicas e profissionais foram decisivas para a implantação e desenvolvimento da área de Comportamento Motor no Brasil.

2 Homenagem da Profa. Iraní Rupolo, Reitora da UNIFRA disponível em <https://unifra.br/Home/Noticia.asp?1647>.

3 As informações sobre os membros da Diretoria da SOCIBRACOM estão disponíveis em http://socibracom.com/?page_id=15

IMPRESSÕES PESSOAIS

O professor Jefferson era uma pessoa discreta e reservada, sendo um verdadeiro *gentleman* nas relações com as pessoas (GT). Apesar de não ter sido orientador dos professores Arno e Dircema Krug, por já possuir muitas responsabilidades, sempre se colocou à disposição para ajudar na orientação dos trabalhos, por ser estudioso e atencioso (ADK).

■ *Sérgio Tosi Rodrigues*

“O professor Jefferson foi meu orientador no curso de mestrado, na área de Aprendizagem Motora, no Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da UFSM, entre os anos de 1990 e 1994. Vale mencionar, antes que eu conhecesse pessoalmente o professor Jefferson, os fatores que me levaram a buscar o mestrado na UFSM. Durante minha graduação em Educação Física e Técnico Desportivo na UNESP, campus de Rio Claro, eu recebi treinamento de iniciação científica da professora Ana Maria Pellegrini. Foi a professora Ana quem recomendou fortemente e me estimulou a procurar o professor Jefferson, expoente da área de Aprendizagem Motora no Brasil, para orientação do curso de mestrado que, naquela ocasião, a UNESP ainda não oferecia. Aprovado para o mestrado, conheci o professor Jefferson quando dos preparativos para mudança para Santa Maria; ele inclusive foi meu fiador na locação de um imóvel, facilitando sobremaneira aquele período de transição. Calmo e extremamente gentil, tive na figura dele todo apoio operacional e acadêmico durante aquele ano de estadia no Rio Grande do Sul. Um fato marcante neste primeiro ano de mestrado foi a palestra do Dr. Richard Magill, organizada pelo professor Jefferson em Santa Maria. A possibilidade de contato com o autor de um dos livros mais utilizados na disciplina de Aprendizagem Motora pelo país foi sensacional; a condução da apresentação e o debate promovido pelo

professor Jefferson mostraram que a excelência da pós-graduação estava ao nosso alcance, trazendo grande carga de motivação aos estudos.

No âmbito das discussões sobre o comportamento motor humano, o professor Jefferson exerceu um papel importante de referência. Com minha curiosidade bastante aguçada sobre as novidades da Perspectiva Ecológica devido aos estudos na graduação com professora Ana Pellegrini, a postura ponderada e bem fundamentada dele, com preocupações de cunho filosófico inclusive, levou-me a refletir e amadurecer as comparações daqueles conteúdos com os mais tradicionais da área, aspecto central para um estudante que precisava converter um problema teórico em procedimentos experimentais de sua dissertação. O artigo de Savelsbergh, Whiting e Canfield (1989) é um exemplo ideal para mostrar as contribuições do professor Jefferson. Seu conhecimento e clareza das premissas tanto da Teoria de Processamento de Informação quanto da Perspectiva Ecológica desvendavam a complexidade do debate intenso da época. Sempre expressando confiança nas propostas dos orientados, o professor Jefferson dava ampla liberdade teórica e metodológica na construção do projeto de mestrado.

Após um longo intervalo de tempo, reencontrei o professor Jefferson com grande satisfação em maio de 2010, quando pudemos matar as saudades e colocar em dia as novidades pessoais e acadêmicas. Tratava-se de um convite, que ele aceitou prontamente, para realizarmos concurso público para contratação docente na disciplina “Voleibol na Escola”. O perfil da vaga previa a combinação de conhecimentos do voleibol e fundamentação em Comportamento Motor, temas de grande conhecimento do professor Jefferson. Nesse período pude compartilhar a visão do professor Jefferson sobre comportamento motor aplicado ao esporte, valorizando o processo de aprendizagem dos fundamentos e contextualizando o alto rendimento esportivo.”

■ *Milton Vieira do Prado Junior*

“O professor Jefferson foi meu orientador de mestrado entre os anos de 1990 a 1994. Como descrevê-lo... talvez as palavras... Acolhedor! Humano! Orientador! Incentivador! Recordo-me quando eu, Sérgio e Luis Antonio chegamos em Santa Maria-RS em 1990, aprovados no Mestrado sem ter conversado pessoalmente com o professor Jefferson no momento do processo seletivo em 1989. Ele retornando da Holanda e nós indo a Santa Maria com projetos aprovados, porém sem saber qual seria a reação inicial.

Sabíamos que o professor Jefferson desenvolvia projetos baseados nas teorias tradicionais da Aprendizagem Motora – circuito fechado e aberto – para explicar a execução das habilidades motoras e principalmente buscando sua aplicação prática na Educação Física e Esportes. Focava seus estudos na relação do conhecimento teórico e aplicação prática no ensino. Para nossa surpresa, apesar de temáticas diferentes nos acolheu, respeitou nossas ideias, incentivou a busca de novas soluções metodológicas e valorizou o trabalho interdisciplinar.

Nas primeiras aulas conquistou a turma de alunos e demonstrou na prática qual seria o papel de um Educador. Colocava as variáveis de aprendizagem na sua forma de ensinar. Com sua postura tranquila, serena, recebia as informações do ambiente (as questões dos alunos), selecionava as mais importantes, processava e tomava sempre decisões tranquilas para oferecer o feedback necessário para o momento dentro de seu método de ensino. Para além de sua resposta, buscava articular com conhecimentos anteriores sua explicação e abria um leque de possibilidades de transferência daquela aprendizagem em situações futuras. Porém, sempre fechava sua explicação valorizando os princípios e reafirmando as diferenças individuais, onde a vivência prática e a resolução de problemas motores sempre deveria ser o foco para mudança permanente de comportamento motor. Somente assim, poderíamos afirmar em testes e retestes que a aprendizagem ocorreu de forma eficiente.

Recordo-me que ao final de uma disciplina nos desafiou a elaborar pequenos projetos de pesquisa e vivenciar a coleta de informações, com diferentes populações e de preferência em situações reais de ensino-aprendizagem. Nunca esqueço do meu projeto individual com a variável memória de curta duração, onde um grupo recebia informações verbais de uma sequência de movimentos; enquanto outro grupo visualizava a demonstração desta mesma sequência; ao final os dois grupos deveriam reproduzir a sequência após 30 segundos. Nos resultados sempre valorizava a apresentação da quantidade e da qualidade da recordação. Claro que a o grupo da demonstração foi superior e descrevi nos resultados. Professor Jefferson no momento da discussão e fechamento da conclusão disse: não supervalorize o que deu certo pois isto a teoria explica; busque investigar o que está fora da média e valorize as experiências humanas e seus relatos.

A aprendizagem necessita de tempo! Após 4 anos de convivência no laboratório, participando de experimentos com equipamentos que estudava o controle motor, onde acerto e erro era perceptível, o professor reafirmava constantemente e enfatizava que tínhamos que analisar o tempo no erro ou quais eram as estratégias utilizadas pelos participantes para resolver problemas e diminuir o erro. Mesmo assim, no momento do fechamento da dissertação de mestrado escolhi um tema onde o tempo para o contato foi o foco. A precisão e execução do movimento mais próximo da realidade era a tese que defendia. Dois professores da Engenharia, com seus orientandos me auxiliaram na construção do equipamento e na precisão da aquisição dos dados temporais, portanto, para aquele momento histórico os dados coletados eram inquestionáveis. Os participantes eram alunos da graduação e teriam que executar três tarefas experimentais. Tudo perfeito, coletado, redigido os resultados e a discussão de acordo com a literatura e totalmente comprovada a teoria dos sistemas dinâmicos. Porém, o professor Jefferson e a banca deram mais uma lição de ensino que fez mudar o rumo da sua prática profissional. Com tudo comprovado e justificado no momento da defesa perguntaram: Você perguntou aos participantes se eles queriam e

estavam motivados a participar? O que eles fizeram antes da coleta e o que fariam depois, isto não pode mudar a precisão no momento da coleta? Perguntas que nunca esperava receber naquele momento. Não havia pensado nisso! Foi neste momento que a maior aprendizagem ocorreu. Temos que pensar em quem está aprendendo e não simplesmente na tarefa a ser aprendida.

Após anos é fácil perceber o que ocorreu. O professor estava iniciando nova fase de estudos valorizando uma abordagem mais complexa para explicar as repostas motoras. Valorizando a interpretação que respeita o aspecto motor, cognitivo e afetivo social nas explicações do processo ensino aprendizagem.

Recordar hoje, deste histórico é reafirmar em cada palavra uma experiência de vida que o professor Jefferson possibilitou aos seus orientandos. Com certeza, qualquer levantamento histórico sobre a área de Aprendizagem Motora tem que ressaltar a postura e a prática desse profissional que incentivou uma nova geração a valorizar a área da aprendizagem, controle e ensino de habilidades motoras.”

Em síntese, esperamos que alguns fatos e lembranças do professor Jefferson aqui descritos possam ajudar os leitores a compor um retrato dinâmico da área de Comportamento Motor no Brasil no período e de sua contribuição impar. Em especial, rever a trajetória de um dos primeiros doutores da área mostra que somos relativamente novos, como “crianças” diante do mundo e da vida, frutos da alta qualidade e competência de nossos precursores, como este livro demonstra. Em apenas algumas gerações de professores e pesquisadores por eles formados, assim como pelos alunos de seus alunos, produzimos excelentes resultados até o momento; nossos avanços estão cristalizados pela organização da Sociedade Brasileira de Comportamento Motor.

REFERÊNCIAS

- Canfield, J.T. (1976). Relações entre tempo de movimento de uma tarefa específica e performance esportiva. Tese (Livre Docência) - Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 77 f.
- Canfield, J.T. (1976). Voleibol. Santa Maria: Imprensa Universitária/UFSM.
- Canfield, J.T. (1981). Aprendizagem Motora. Santa Maria: Imprensa Universitária/UFSM.
- Canfield, J.T., Reis, C.P. (1998). Aprendizagem motora no voleibol. Santa Maria: JTC Editora.
- Gentile, A.M. (1972). A working model of skill acquisition with application to teaching. *Quest*, 17, 3-23.
- Mazo, J.Z. (2005). Memórias da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS): um estudo do período de sua fundação até a federalização (1940-1969). *Movimento*, 11, 143-167.
- Savelsbergh, G.P.J., Whiting, H.T.A., Canfield, J.T. (1989). Abordagens cognitiva (processamento de informação) e ecológica na ação interceptativa da pegada: uma revisão. *Kinesis*, 5, 179-195.

2

ANA MARIA PELLEGRINI – OPORTUNIDADES, ESCOLHAS E UM PERCURSO

Ana Maria Pellegrini
Cynthia Yukiko Hiraga
Universidade Estadual Paulista

APRESENTAÇÃO

Experiências vividas constantemente nos vêm à mente. Desde nossos primeiros passos e de nossas primeiras palavras até a nossa idade mais avançada, vivenciamos experiências, adquirimos novos saberes. Muito frequentemente lembramos de fatos, faces, ocorrências do passado, mas não lembramos de quando eles entraram em nossa memória... e muito menos quando eles escaparam! Tomei a liberdade em incluir a Professora Dra. Cynthia Hiraga nesse trabalho, com a devida permissão dos editores dessa obra, pois a minha memória tenta pregar algumas peças, principalmente a memória recente. Certamente, alguém prontamente poderia me dar um diagnóstico da doença de Alzheimer ou algum tipo de demência!

A memória é uma das funções complexas e importantes do cérebro humano. Quando o desempenho de lembrar eventos, objetos e pessoas declina, surgem as dificuldades, no trabalho, na escola e na vida social. Ainda que a minha memória pregue certas peças, nesse exato momento em que busco articular esse texto, recorro aos mecanismos da atenção como um modo de reunir esforço mental para desenvolver e concluir

esse projeto. Tento manter na mente a ideia lançada por Willian James em 1890 sobre seu conceito de atenção, no qual o foco e a concentração da consciência são essência da atenção. A essa altura estou me perguntando: será que há mecanismos associados para superar o declínio da memória? Será que a consciência, no sentido do processamento controlado (Schneider & Shiffrin, 1977) pode ajudar a minha memória que insiste em ficar ‘preguiçosa’?

A preparação desse texto foi um enorme exercício para a minha memória, tanto recente como antiga. A reconstrução na minha mente dos fatos, eventos, pessoas, lugares, dos mais de meio século de vida, na medida em que um parágrafo ou um trecho de uma passagem histórica se completava, ia preenchendo algumas lacunas que pareciam estar perdidas no tempo ou na própria memória. Nesse contexto, o presente trabalho foi facilitado graças a dois registros importantes do passado. O memorial circunstanciado elaborado para fins de provimento de cargo de Professor Titular da disciplina de Aprendizagem e Controle Motor, do Departamento de Educação Física, do Instituto de Biociências (IB), da Universidade Estadual Paulista – UNESP (Pellegrini, 1996). O outro é o material gravado em áudio para o projeto Memória da UNESP coordenado pelo Professor Dr. Massanori Takaki (Memória da UNESP. Dra. Ana Maria Pellegrini, 2014).

Por último, a discussão e o debate com a Professora Cynthia sobre as questões teóricas e experimentais da área me fizeram viajar através do tempo para relembrar pessoas, lugares e eventos, e detalhes que para o leitor podem não ter significado, mas são esses detalhes que se conectam com muitos outros e que constituem a história de cada um.

DA INFÂNCIA À JUVENTUDE

A todo momento, desejando ou não, estamos prestes a optar por algo, i.e., tomar decisões. O conjunto dessas decisões no ciclo vital é que nos define como indivíduos autônomos e capazes. No entanto, sabemos

que o que somos no presente nada mais é do que a reconstrução, minuto a minuto, ano a ano, de nossa vida. Somos sujeitos da nossa própria história que retrata potencial para mudanças em todas as dimensões que possuímos. Rever o passado com o objetivo de compor o presente implica em buscar a linha mestra que norteou o encadeamento de ações e experiências ao longo do tempo. Estas experiências, embora aparentemente desconexas, não relacionadas, com certeza influenciaram o curso de minha vida.

A infância é um período marcado por grandes mudanças no comportamento. A lembrança dessas mudanças é um desafio contínuo à memória humana, pois elas são multidimensionais (i.e., físico-motoras, cognitivas e psicossociais). Algumas mudanças permanecem vagamente na memória, muitas delas esquecidas no tempo, outras ainda resistem ao tempo e ao processo de envelhecimento. Da família Pellegrini, descendentes de italianos, terceira filha de um total de seis irmãos, nasci em 30 de maio de 1943, na cidade de São Paulo. Muito cedo fui para a escola e durante quase três anos frequentei o então Jardim de Infância, único tipo de escolarização antes do primário naquela época. Pouco me lembro dos primeiros anos de vida escolar. As figuras marcantes eram as freiras da Casa Pia São Vicente de Paulo com seus enormes chapéus.

Algumas lembranças da infância tardia, no entanto, permanecem vívidas na minha mente. Ainda que minhas preocupações fossem de brincar, correr pelo bairro com os amigos da vizinhança, o Brasil passava por um período de muita turbulência. O cenário político social vivia dias de instabilidade com implicações nas instituições educacionais. Comum à época eram os exames admissionais para ingresso em nível de Educação Fundamental, o antigo Ginásio, excluído de uma educação baseada na igualdade e inclusão dos dias atuais. Um pouco de estudo e obtive aprovação no exame de admissão ao Ginásio, no Colégio Estadual Presidente Roosevelt, que posteriormente se tornou Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo (USP).

As lembranças das aulas de Educação Física são umas das boas memórias desse tempo. As mesmas eram ministradas pela professora no

salão nobre, no quarto andar. Apesar das precárias condições, a professora fazia milagres. Da nossa vida estudantil faziam parte as hoje históricas demonstrações de ginástica, no dia sete de setembro, no Estádio do Pacaembu. Embora não difundido no Brasil naquela época, o Handebol era um dos esportes coletivos que aprendemos, ainda que de forma adaptada. Surpreendentemente, a iniciação à Ginástica Artística também constava do programa de atividades, mas era muito pouco difundida no país naquela época.

A prática de esportes na minha infância se deu por conta de minha constituição física. De compleição física pobre, muito magra e de pouca estatura, por meus pais fui encaminhada a frequentar o Centro de Educação Física do Pacaembu. Eram duas horas por dia, três vezes por semana, após longas caminhadas para chegar até lá. Foram anos de experiências motoras variadas, incluindo a Natação, em piscina de 50 metros de comprimento, imensa para uma iniciante. Também ficou na lembrança a preparação e o sucesso na apresentação de sequências de arco e bola, no Ginásio do Ibirapuera, do que compõe hoje a Ginástica Rítmica, promoção da então Escola Superior de Educação Física do Estado de São Paulo. Naquela festividade muito me impressionou o desfile de abertura, com as alunas da Escola Superior de Educação Física desfilando garbosamente em seus uniformes de gala.

Se não bastassem as atividades físicas do Centro de Educação Física do Pacaembu, ainda havia a possibilidade de acompanhar as minhas irmãs mais velhas nos treinos de Voleibol do então Clube Universitário, que sem estrutura esportiva, utilizava as instalações da Escola de Educação Física da Força Pública, na Ponte Pequena, em São Paulo. No primeiro ano eu me contentava em bater bola contra a parede. No ano seguinte, houve o primeiro campeonato infantil de Voleibol, em São Paulo, e, muito pequena e franzina, vibrava quando conseguia fazer a bola passar a rede ao dar o saque.

Para o Ensino Secundário (i.e., Ensino Médio atualmente) fui buscar formação de professores no Curso Normal (entre 1958 a 1960). Apesar da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de

1996 declarar que a formação de professor para o ensino básico fosse em nível superior, em curso de licenciatura ou de graduação plena, o próprio documento aceita a formação em nível médio, na modalidade de Curso Normal, para o exercício do magistério na educação básica (Tanuri, 2000). Durante o Curso Normal, tive a felicidade de encontrar excelentes professores. Agora, as disciplinas na área de humanidades me encantavam. O Curso Normal daquela época cumpria seu papel, o da formação de professores para o nível primário, ainda que de forma limitada e técnica (Saviani, 2009; Tanuri, 2000).

A disciplina de Educação Física no Curso Normal deixou suas marcas através da Professora Judith Mercadante. Excelente professora na transmissão do valor, conteúdo e formas de trabalho em Educação Física Infantil. Após conclusão do Curso Normal, ingressei em 1961 no Curso de Especialização em Educação Física Infantil da Escola de Educação Física do Estado de São Paulo, curso com duração de um ano. Este curso contribuiu muito mais em termos de conhecimento em disciplinas básicas, como Anatomia e Fisiologia, do que em termos da formação de um profissional para atuar no antigo primário. A prática esportiva continuava sendo parte de minha rotina agora na Sociedade Esportiva Palmeiras, nas equipes de Basquetebol e Voleibol.

A prática de diversos esportes (i.e., Natação, Voleibol, Basquetebol, Ginástica) foi constante ao longo da minha infância e adolescência. As experiências esportivas e o curso de Especialização em Educação Física Infantil influenciaram sobremaneira na escolha para o curso de Educação Física no Ensino Superior. Ainda, minha mãe desejava que uma das filhas seguisse a carreira docente, então este suporte somente veio a me encorajar frequentar o curso, já que as minhas irmãs mais velhas seguiram suas carreiras na área de Exatas.

DAS VIVÊNCIAS ESPORTIVAS, DO CURSO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Em 1962 ingressei no Curso Superior de Educação Física oferecido pela Escola de Educação Física do Estado de São Paulo. Tendo em vista ter concluído o Curso de Especialização em Educação Física Infantil obtive permissão para aproveitar muitos créditos de disciplinas correspondentes aos do primeiro ano do Curso Superior. Dessa forma, dois anos foram suficientes para obtenção do título de Professora de Educação Física, em 1963. Durante o curso, a facilidade em vencer as disciplinas práticas que dominavam o currículo fez com que o Curso Superior de Educação Física fosse feito por mim com certa tranquilidade. As aulas teóricas e práticas à época eram ministradas nas dependências do Parque Água Branca e no Ginásio do Ibirapuera. Na sequência obtive o diploma de Técnico Desportivo de Desportos Aquáticos em 1964.

A atual Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP) foi criada em 1934 como Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo (para informação adicional, consultar Museu de Ciências da USP). A meta do curso era a formação de professores e técnicos esportivos. Na grade curricular cursada tive disciplinas teóricas e práticas, biológicas e humanísticas, tais como: Anatomia e Fisiologia Aplicadas, Metabologia Aplicada, Psicologia Aplicada, História da Educação Física e dos Desportos, Metodologia da Educação Física e dos Desportos, bem como disciplinas associadas às modalidades esportivas (e.g., Danças, Esgrima, Saltos e Arremessos, Desportos Aquáticos e Náuticos, entre outras). Diria que a formação acadêmico-profissional estava para uma formação de cunho generalista, mas com viés tecnicista que fortemente permeava nossa formação.

A prática esportiva nesse momento era realizada por mim no Esporte Clube Pinheiros simultaneamente à formação universitária. Por este clube participei de campeonatos estaduais e nacionais, colecionando um bom número de medalhas e conhecendo vários estados do

país. Além disso, participei de quase todas as competições da Federação Universitária Paulista de Esportes - FUPE, no Atletismo, Natação, Voleibol, Basquetebol, e até no Xadrez. Jogando Voleibol representei o Estado de São Paulo em vários Campeonatos Universitários Brasileiros e, em 1963, com a seleção brasileira, fomos campeãs mundiais universitárias na *Universiade*, realizada em Porto Alegre, RS.

A *Universiade* é um evento internacional, organizado para atletas universitários pela Federação Internacional do Desporto Universitário (FISU). O nome é uma combinação das palavras Universidade e Olimpíada. A Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU) é a entidade nacional responsável pela gestão e organização de eventos esportivos entre universitários de todo país. Conforme os registros históricos da FISU, esta foi a primeira e única vez que uma cidade brasileira sediou uma *Universiade*, além do fato que também foi a primeira vez que tal evento fora realizado na América Latina (Pereira et al., 2012). A participação num evento internacional dessa magnitude reforçou os valores das práticas corporais, em diferentes modalidades, ao longo da infância e adolescência, bem como a convicção da escolha profissional.

O desejo e a motivação para aplicar os conhecimentos adquiridos nos bancos do Curso Superior de Educação Física me levou a desde os primeiros anos de formada a preencher o horário dando aulas de Educação Física no Ensino Primário e Secundário. No segundo semestre de 1966, a classificação em segundo lugar no concurso de Ingresso ao Magistério Secundário e Normal da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, me levou à cidade de Monte Aprazível. De volta a São Paulo, passei pelo Jardim da Saúde, Casa Verde e finalmente cheguei à Escola Estadual Profa. Zuleika de Barros Martins Ferreira, na Vila Pompéia, onde permaneci por vários anos.

Ricas experiências no trabalho com crianças e adolescentes foram vivenciadas durante aqueles anos. Dispendia uma atenção especial com aqueles que apresentavam dificuldades na execução de habilidades motoras básicas e na aprendizagem de habilidades mais complexas.

Conduzia nossas alunas a participar de demonstrações de ginástica no Pacaembu e, sempre que possível, preparava equipes para participar dos Jogos Colegiais do Estado de São Paulo. Se de um lado as condições de trabalho eram, de maneira geral, bastante precárias, por outro, a satisfação do trabalho me dava ímpeto para continuar estudando e aprendendo.

DA DOCÊNCIA NA EEFÉ-USP AO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Em 1967, surgiu a oportunidade de retomar os estudos e buscar, naquele momento, o Curso Técnico de Voleibol. No segundo semestre daquele ano, recebi convite do Professor Emérito Dr. Moacyr Brondi Daiuto para desempenhar a função de Instrutor Voluntário da XXI Cadeira de Desportos Terrestres Coletivos - Basquetebol e Voleibol - da Escola Superior de Educação Física do Estado de São Paulo. No início, as atividades se restringiam a acompanhar a Professora Maria Ruth de Queiroz Telles no desenvolvimento das disciplinas Voleibol I, II e III. Com certeza, uma experiência ímpar para um início de carreira na docência do ensino superior, ao lado de alguém que um dia fora sua mestra e naquele momento recebendo mentoria na preparação para uma carreira acadêmica. Um fato comum à época, mas uma realidade distante nos dias de hoje.

Com relação ao Professor Moacyr Brondi Daiuto (1915-1994), mais conhecido como Moacyr Daiuto, deixo aqui expressa minha gratidão pela oportunidade que me foi oferecida e a honra do convívio com uma personalidade importante no cenário esportivo brasileiro. Professor Daiuto foi um dos mais importantes treinadores do basquetebol paulista e brasileiro. Como técnico da Seleção Brasileira de Basquetebol masculino conquistou a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de 1948, em Londres. Tal conquista foi a primeira medalha olímpica do Basquetebol brasileiro, bem como a primeira medalha olímpica do

Brasil em modalidades coletivas. Uma bela homenagem ao professor publicada em seu centenário foi feita pelo Professor Dr. Dante de Rose Junior (Rose Júnior, 2015).

No ano seguinte assinei meu primeiro contrato de trabalho junto ao ensino superior e com ele surgiram as primeiras preocupações frente às responsabilidades neste nível de ensino. Percebi a necessidade de buscar um curso que me preparasse para o ensino superior e que me diferenciasse dos recém-formados daquela instituição de ensino. Em 1968, com o afastamento da Professora Ruth de Queiroz Telles da Escola Superior de Educação Física, assumi a disciplina de Voleibol, juntamente com a colega Professora Maria da Conceição Muniz. Neste mesmo ano iniciei o Curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, no período noturno.

Nos primeiros dois anos do Curso de Pedagogia, as competições esportivas de Voleibol não permitiam que fossem cursadas todas as disciplinas oferecidas neste curso. Era 1968, no decorrer do curso fui me ambientando a um contexto fora do mundo esportivo. O grupo de estudos era bastante diversificado e formado, em sua maioria, por elementos já atuando no mercado de trabalho relacionado à Educação. Várias colegas trabalhavam com reeducação através do método Romain (Rocha, 2012), e através delas tive o primeiro contato com a psicomotricidade.

Com um esforço redobrado, consegui completar este curso no fim do primeiro semestre de 1973. O período de 1968 a 1973 foi vivido com grande intensidade, pois como professora do Ensino de Primeiro e Segundo Graus tinha uma carga horária de 24 horas por semana, enquanto que na Escola Superior de Educação Física, tinha um contrato de trabalho de 18 horas semanais. O Curso de Pedagogia e a prática do Voleibol completavam as jornadas nos três períodos, manhã, tarde e noite, todos os dias da semana.

DOS GUIAS CURRICULARES E O COMPORTAMENTO MOTOR

Dois acontecimentos importantes marcaram este período. Em 1972, com alguns colegas iniciamos um trabalho junto ao Centro de Recursos Humanos e Pesquisa Educacionais Prof. Laerte Ramos de Carvalho, da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, na elaboração dos Guias Curriculares para o Ensino de Primeiro Grau. Em 1975 finalmente a Escola de Educação Física foi definitivamente para a Cidade Universitária, incorporada pela Universidade de São Paulo desde 1962 (informação adicional, consultar Museu de Ciências da USP). A incorporação da Escola Superior de Educação Física pela USP me levou a um contrato em Regime de Turno Completo (RTC) e posteriormente fui solicitada a apresentar um projeto de pesquisa. O interesse pelo mestrado em Educação Física nasceu da experiência vivida no decorrer deste período.

Durante a década de 60 não haviam cursos sistematizados em Comportamento Motor nas universidades brasileiras. A área de Comportamento Motor no Brasil é relativamente recente. Tomemos como referência, uma publicação clássica de 1899 do psicólogo funcionalista Robert S. Woodworth no *Psychological Review* sobre a precisão do movimento voluntário. Uma excelente descrição sobre as origens e a evolução em termos mundiais da área do Comportamento Motor se encontra no primeiro capítulo do livro de Schmidt e Lee (1999). O Comportamento Motor, como área de pesquisa no Brasil, tem evoluído desde a formação do primeiro doutor no país, na década de 70. Uma evolução substancial pode ser vista a partir do retorno dos primeiros doutores formados no exterior no início da década de 80, e me incluo nessa leva (Pellegrini et al., 2006). Dentre os doutores destacamos o Professor Dr. Jefferson Thadeu Canfield, considerado o primeiro Doutor na área no Brasil.

Um marco para estabelecer o início dos meus estudos na área de Comportamento Motor não tem data ou momento exato. Diversos foram os momentos no decorrer da vida acadêmica e profissional que

me fizeram refletir sobre a questão do comportamento motor, ainda que de forma não sistematizada, mas intuitiva. Um momento marcante foi quando da elaboração dos Guias Curriculares de Educação Física para o Ensino de Primeiro Grau. Esse momento me levou a refletir sobre o conteúdo da Educação Física neste nível de ensino. Pela primeira vez a Educação Física era tratada no mesmo nível das demais disciplinas curriculares. A coordenadora dos trabalhos, Professora Delma Conceição Carchedi, nos deu muito estímulo e acreditou em nosso trabalho. Com os colegas Maria Alice Magalhães Navarro e Luiz Alberto Lorenzetto propusemos três linhas mestras que norteariam as atividades de Educação Física no Ensino de Primeiro Grau: o ser humano e sua estrutura corporal, o indivíduo diante da natureza e o indivíduo e o grupo. Anos mais tarde encontraria esta mesma abordagem em livros de origem americana. Havíamos trabalhado tanto tempo na busca de algo que já havia na literatura... Portanto, particularmente desconhecia ainda boa parte da literatura internacional.

Vencida a tarefa de identificar os temas centrais que norteariam a Educação Física nas oito primeiras séries do Ensino de Primeiro Grau, a grande dificuldade ficava em dosar e definir as atividades ao longo destas séries. Descobri o quanto não sabia a respeito de Crescimento e Desenvolvimento Motor, bem como a respeito de Aprendizagem Motora. Poucas eram as fontes de referências na literatura disponíveis no Brasil sobre as potencialidades e necessidades das crianças e adolescentes. Além disso, os livros existentes focalizavam apenas o conteúdo a ser desenvolvido na Educação Física Infantil.

Muito do que foi definido naqueles guias curriculares se baseou em nossas experiências, no ensino junto aos antigos Ensinos Primário e Secundário. Levou algum tempo até que o trabalho fosse completado. Posteriormente, estive envolvida na elaboração dos Guias Curriculares de Educação Física para o Ensino de Segundo Grau. Agora, em parceria com o Professor Luiz Vicentini. A linha esportiva, dominante nesta fase de escolarização, não era tão questionada no início da década de 70, como a é hoje.

Várias foram as atividades relacionadas com a elaboração dos Guias Curriculares. A Secretaria de Educação Física e Esportes (SEED) do Ministério de Educação e Cultura (MEC) organizou uma série de estágios com a participação de dois representantes de cada Estado da Federação. Dois deles foram organizados em função de um convênio da SEED com o governo da Alemanha. O terceiro estágio, também de caráter internacional, contou com a presença de professores do Japão, Bélgica, França e Estados Unidos. Como coordenadora da Equipe de Currículo da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, participei de dois encontros nacionais de currículo e supervisão de ensino, realizados em Belo Horizonte, em 1975.

A busca pelo conhecimento é inerente ao ser humano. A curiosidade pelas coisas e pelo mundo que nos rodeia faz parte da natureza humana. O Curso Superior de Educação Física ampliou a perspectiva de atuação profissional para além das práticas e o domínio pela técnica e precisão nos gestos esportivos. Certamente essa minha perspectiva era também influenciada pela formação humanística do Curso Normal. No Curso Superior de Educação Física, a Professora Maria Ruth de Queiroz Telles, da disciplina de Voleibol, foi uma entre os mestres que me vem à mente pelo seu carisma e envolvimento com a formação dos seus alunos. Seus ensinamentos sobre o conteúdo da disciplina incluíam aspectos da iniciação ao esporte, assim como as implicações nas questões do desenvolvimento infantil e aprendizagem motora associada ao ensino do Voleibol, ainda que intuitivamente. À época não tínhamos diretamente qualquer disciplina que endereçasse aspectos do comportamento motor associados à aquisição de habilidades esportivas.

DO MESTRADO E DOUTORADO NA UNIVERSIDADE DE ILLINOIS

A inquietação profissional, tanto no Ensino Fundamental como no Nível Superior, na busca de excelência na docência, me levou a novos

desafios acadêmicos. O interesse em prosseguir estudos em nível de Pós-Graduação me levou a colaborar com a Professora Emérita Dra. Maria Augusta Peduti Dal Molin Kiss. Em 1975, fui convidada a participar de reunião promovida pela SEED/MEC, em Brasília, para definir uma Política Nacional de Pós-Graduação em Educação Física. Nesta reunião decidiu-se que as primeiras Instituições de Ensino Superior (IES) a oferecer curso de Pós-Graduação em nível de Mestrado, a partir de 1977, seriam a USP, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 1976, como parte da Política Nacional, foi oferecido um Curso de Aperfeiçoamento em Biodinâmica. A presença do Professor Dr. Riehle, através de convênio da SEED com a Alemanha, enriqueceu bastante este curso, frequentado por nós e, em sua maioria, por aqueles que no ano seguinte iniciaram o curso em nível de Mestrado.

A Professora Maria Augusta, médica e especializada na área de medicina do esporte, foi umas das pioneiras na investigação sobre desempenho esportivo. Uma pesquisadora de grande destaque na produção de conhecimento e na formação de recursos humanos. Uma homenagem lançada em dois editoriais de revista científica (Editorial: homenagem Maria Augusta Peduti Dal Molin Kiss, 2011; Homenagem à professora Maria Augusta Peduti Dal Molin Kiss, 2014) pode dar uma dimensão da importância do seu trabalho. A admiração que tenho pela Professora vai além do seu trabalho, pois além da brilhante carreira acadêmica, foi uma das poucas figuras femininas que se destacou em uma época em que a área acadêmica brasileira era predominantemente ocupada por figuras masculinas.

Em 1975, assumi a coordenação da área pedagógica do Centro de Estudos e Pesquisa em Educação Física e Esportes na EEFE-USP. A consciência de que minha formação era incipiente em áreas específicas que permitissem desenvolver projetos de pesquisa na área pedagógica, me levou a solicitar uma bolsa de estudos para estagiar no exterior. Solicitei estágio nas áreas de Currículos e Programas em Educação Física e em Aprendizagem Motora, nas Universidades de Michigan e

Illinois, nos Estados Unidos. A escolha se deu em função de reconhecer as dificuldades na elaboração dos Guias Curriculares para a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, e da preocupação com uma melhor fundamentação na subárea de Aprendizagem Motora para desenvolver as disciplinas de Voleibol I, II e III na EEFÉ-USP.

Com o Professor Dr. John Todor (Universidade de Michigan) tive um primeiro contato com a subárea da Aprendizagem Motora. Em específico, com a Teoria de Processamento de Informação aplicada ao estudo do Comportamento Motor. Tive, também um primeiro contato com a questão das diferenças no Estilo Perceptivo, proposta por Herman Witkin (e.g., Witkin et al., 1977). Bastante difícil, naquele momento, foi compreender a Abordagem Desenvolvimentista Neo-Piagetiana construída por Juan Pascual-Leone (e.g., Pascual-Leone & Johnson, 2011). A primeira impressão é a que fica! Então, sobre esse ‘banho’ de conhecimento, percebi que havia muito a ler, perguntar, debater, e sobretudo, aprender...

Na Universidade de Illinois o contato era com a Professora Dra. Janet B. Teeple que desenvolvia suas atividades junto ao Laboratório de Aprendizagem Motora. Acompanhei as aulas da Professora Dra. Karen Fry, na disciplina de Currículos e Programas em Educação Física. Realizei uma revisão de todos os textos referenciados para o curso e descobri que para trabalhar nesta área era necessário possuir uma fundamentação bastante sólida em Crescimento e Desenvolvimento Motor e em Aprendizagem Motora. Na oportunidade do estágio no exterior, no Congresso Internacional de Psicomotricidade, em Bruxelas, tomei conhecimento dos principais líderes europeus na área motora (e.g., Le Boulch, 1987; Vayer, 1986). Foi nessa oportunidade que descobri a equivalência dos termos Psicomotricidade, da linha francesa, e Aprendizagem Motora da linha americana.

Ao retornar ao Brasil, em dezembro de 1976, recebi a notícia de que havia sido aprovado um programa especial pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para a EEFÉ-USP, e que esta IES iniciaria seu programa de Pós-Graduação, em

nível de Mestrado, em 1977. Na ocasião recebemos a Professora Teeple (Universidade de Illinois) que veio ao Brasil a convite da CAPES para ministrar a disciplina no recém criado curso da EEFÉ-USP, e daria assessoria aos demais centros considerados pela CAPES como emergentes para a Pós-Graduação em Educação Física no Brasil (UFMS e UFRJ). A Professora Teeple permaneceu conosco durante os meses de junho e julho, concordando em se responsabilizar pela orientação do meu mestrado, oficializado com a aceitação de matrícula pelo Graduate College da Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign. Durante sua permanência em nosso meio, tive a oportunidade de discutir a programação das atividades junto à Universidade de Illinois.

A escolha do tema da dissertação de mestrado sobre dicas visuais para o início do movimento na recepção da bola (Pellegrini, 1979) se baseou em nossas experiências no Ensino de Primeiro e Segundo Graus e nas disciplinas de Voleibol, ministradas na EEFÉ-USP. Utilizando equipamento não muito sofisticado, um tapete sensível conectado a um cronômetro eletrônico e uma máquina de lançar bolas de tênis, conectada ao mesmo cronômetro, coletamos os dados com crianças que frequentavam o curso de atividades físicas oferecido pela Universidade de Illinois durante o verão. A defesa da dissertação foi frente a uma comissão formada pelas Professoras Doutoras Margaret Thompson, Marjorie Souder e Janet Teeple. Ao concluir o mestrado, além do fator tempo para a permanência no exterior, motivou-me a escolha por Illinois, seu quadro de especialistas na área da atenção. Assim fui oficialmente aceita para o programa de doutorado na Universidade de Illinois, sob a orientação do Professor Dr. Karl Newell.

Vários foram os cursos e seminários que participei na área de “atenção” com os Professores Doutores Wickens, proponente de uma das importantes teorias sobre atenção (e.g., Wickens, 2002); Schneider, proponente, junto com o Professor Dr. Shiffrin, de uma teoria sobre controle e automatização (Schneider & Shiffrin, 1977). Tive também a oportunidade de cursar a disciplina Percepção com o Professor Dr. H. Hake, de renome na área da Psicofísica e a disciplina Teorias de

Aprendizagem com o Professor Dr. Jack Adams, que propôs a Teoria de Circuito Fechado na Aprendizagem de Habilidades Motoras (Adams, 1971). Com o Professor Dr. Michael Coles além de cursar a disciplina Psicologia Experimental, tive a oportunidade de trabalhar em seu laboratório de pesquisa (Coles et al., 1982).

Durante todo este período de vivência nos Estados Unidos, acompanhei os trabalhos da Professora Dra. Margaret M. Thompson que me deu todo o apoio, tanto na dissertação de Mestrado como na tese de Doutorado, e nos estudos sobre Desenvolvimento Motor que desenvolvi logo do meu retorno ao Brasil. Acompanhei os trabalhos da Professora Dra. Susan L. Greendorfer, e com ela projetei um estudo em prosseguimento aos seus trabalhos que estavam sendo desenvolvidos na área da Sociologia do Esporte. Junto ao Professor Newell, agora em nível de doutorado, procurei explorar todas as possibilidades de pesquisa na área da Aprendizagem e Controle Motor. Foi também sob a orientação do Professor Newell que tive um primeiro contato com a Abordagem Ecológica e a Teoria da Percepção-ação (e.g., Gibson, 2015).

O tema da Tese de Doutorado foi sobre os mecanismos subjacentes ao desenvolvimento da habilidade de dividir a atenção entre duas tarefas, e sua escolha foi motivada pela dificuldade encontrada pelo ser humano em executar duas tarefas simultaneamente (Pellegrini, 1982). A riqueza dos questionamentos apresentados e as discussões geradas pelos membros da banca durante a defesa permitiram visualizar os problemas que surgem à medida em que se busca o aprofundamento em uma área do conhecimento (Pellegrini, 1983). Entre os membros da banca estavam os Professores Doutores Chris Wickens, Michael Coles, Lean Lipps-Birch, Marjorie Souder e o orientador, Karl Newell.

DO RETORNO AO BRASIL

No dia seguinte à defesa da Tese de Doutorado, retornei ao Brasil, uma vez que os afastamentos já haviam expirado. Por orientação da

Divisão Administrativa da EEFE-USP, o pedido inicial de afastamento havia sido para o doutorado, mas ao final incluiu fazer também o mestrado. Foi-me dado, então, afastamento para um total de quatro anos para cursar o mestrado e o doutorado. Assim, imediatamente após a chegada à São Paulo, me apresentei às instituições com as quais tinha vínculo profissional (EEFE-USP e Escolar Estadual Profa. Zuleika de B. M. Ferreira), assumindo as funções.

No primeiro semestre de 1982, preparei o curso de Aprendizagem Motora Aplicada à Educação Física que havia sido incluído no currículo do Curso de Licenciatura em Educação Física e seria oferecido, pela primeira vez, no segundo semestre daquele ano. Nesta mesma disciplina, me submeti ao Concurso de Professor Assistente, tendo sido aprovada, assim ingressei na carreira docente do ensino superior. Com o reconhecimento do título de Doutor, passei à categoria de Professor Assistente Doutor e assumi o Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa, e me exonerei do cargo de Professor de Educação Física do Ensino Secundário e Normal, da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

O ano de 1982 foi um ano de adaptação e retomada de minhas atividades. A falta de ambiente para discussões acadêmicas me levou a assumir que seria necessário formar recursos humanos para que pudessemos desenvolver pesquisa na área de interesse. Em 1983, formamos um grupo de estudos com professores da própria EEFE-USP, que ainda não haviam iniciado a Pós-Graduação, e alguns alunos que já haviam cursado a disciplina de Aprendizagem Motora e tinham interesse na área. Este grupo deu origem ao Laboratório de Aprendizagem e Desenvolvimento Motor, no Departamento de Ginástica, da EEFE-USP, sob minha responsabilidade.

O grupo de estudos havia optado por trabalhar na área do Desenvolvimento Motor, elaborando projetos de pesquisa que constituíram nossa primeira linha de pesquisa no Brasil. Com base no modelo de Desenvolvimento Motor proposto pelas Professoras Doutoras M. A. Robertson e L. Halverson, da Universidade de Wisconsin, buscamos aprofundar nossos conhecimentos sobre a aquisição do correr e

do arremessar por cima, em crianças normais e em deficientes mentais (Junghahnel et al., 1986). Os membros do laboratório que participaram desses projetos foram bolsistas de aperfeiçoamento ou de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), durante aquele período, e em sua maioria já obtiveram o título de Mestre e Doutor.

Uma outra linha de pesquisa que buscamos desenvolver, após retorno, foi na área da Sociologia do Esporte. A discussão e o acompanhamento dos trabalhos desenvolvidos pela Professora Dra. Susan Greendorfer, da Universidade de Illinois, motivou-me a elaborar um projeto sobre os fatores que determinam o envolvimento de crianças em atividades físicas, testando, em nosso contexto, o mesmo modelo usado com crianças brancas e negras nos Estados Unidos (Greendorfer et al., 1986; Pellegrini et al., 1987). Ainda que a minha formação acadêmica experimentalista e em sua essência reducionista tenha sido predominante, a educação humanística na formação docente do curso Normal e a atuação profissional como professora de Educação Física no Ensino Básico me permitia examinar um fenômeno à luz de abordagens sociológicas.

DA MUDANÇA PARA A UNESP

A experiência internacional vivenciada no mestrado e doutorado permitiu uma boa formação acadêmica. Essa experiência representou um grande desafio não somente a mim em particular, mas a essa geração, a primeira na Educação Física que se embrenhou nessa empreitada, induzida e apoiada pela CAPES. Não obstante, os desafios de uma carreira acadêmica não se limitaram à questão da formação. Em janeiro de 1985, visitei o IB da UNESP, Câmpus de Rio Claro, onde tive a oportunidade de conhecer a proposta para o Curso de Educação Física, através do Professor Dr. Amilton Ferreira, à época seu Diretor. Uma oportunidade de mudança e desafio pela frente.

O Professor Amilton Ferreira foi um dos entusiastas na criação do curso de Educação Física no IB. Diante da sua formação acadêmica na área de Biologia, formado em História Natural, o Professor Amilton reconhecia a contribuição e relevância da atividade física no desenvolvimento humano. Seu entusiasmo pela Educação Física o levou, como administrador visionário, à época, a propor a criação de um polo avançado de estudos e pesquisas em Educação Física. O Professor Amilton sempre demonstrou convicção de que as exigências para que a Educação Física fosse nivelada às demais áreas do conhecimento levariam este curso e seu corpo docente a um nível ainda não alcançado nas demais Escolas de Educação Física do país.

Ainda que a decisão de assumir o compromisso com a UNESP de Rio Claro tivesse ocorrido no início de 1985, a contratação junto ao Departamento de Educação Física do IB, como Professora Colaboradora, foi assumida no dia 1º de abril. Algumas passagens sem grande importância ficam em nossa memória por alguma razão. E uma delas certamente foi no segundo semestre de 1985 quando colaboramos com o IB ministrando as aulas da disciplina Controle Motor que haviam sido programadas para aquele semestre, em função da minha contratação. Como a contratação não havia sido publicada, a responsabilidade ‘no papel’ da disciplina ficou a cargo do Professor Dr. José Maria de Camargo Barros.

O envolvimento de bolsistas e de alunos do curso de graduação em Educação Física, no desenvolvimento dos vários projetos de pesquisa desenvolvidos sob minha orientação, levou à criação do Laboratório de Desenvolvimento e Aprendizagem Motora (LABORDAM), com o objetivo de congrega professores e alunos interessados nesta área de investigação. Reuniões de estudo semanais e seminários apresentados pelos próprios elementos do LABORDAM ou por professores de outros Departamentos da UNESP, estimularam a reflexão e a troca de ideias, criando assim um clima favorável ao desenvolvimento das atividades e atitudes acadêmicas.

O período incluindo o ano de 1988 e início de 1989 foi devotado por mim à preparação para o Concurso de Livre Docência, na disciplina de Controle Motor do Departamento de Educação Física do IB de Rio Claro. Combinamos neste trabalho o interesse pelas diferenças individuais, dentro do contínuo dependência-independência de campo (Pellegrini, 1989), e a preocupação com a compreensão dos mecanismos subjacentes à atenção dividida, despertados quando de meu estágio nos Estados Unidos, em 1976. Como coroamento da vida acadêmica, alguns anos mais tarde, a realização do Concurso de Titular da disciplina de Aprendizagem e Controle Motor ocorreu no ano de 1996.

Muito ainda estava por fazer e avançar, na Educação Física, e mais especificamente na área de Comportamento Motor. As atividades junto aos órgãos da Administração Federal eram intensas. Políticas públicas estavam por definir os rumos da formação de pessoal em nível superior. Por exemplo, em 1982, colaborei com a Professora Dra. Maria Augusta da EEFE-USP na elaboração do documento Avaliação e Perspectivas em Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional do CNPq. Convém destacar que só a partir de 1982 o CNPq reconheceu a Educação Física como área de investigação criando um código no conjunto das subáreas das Ciências da Saúde. Ainda em 1982, junto à SEED/MEC, participei de um grupo de trabalho encarregado de elaborar um documento sobre a implementação da Educação Física na pré-escola e nas quatro primeiras séries do primeiro grau.

O período que se seguiu após me estabelecer no IB da UNESP do Câmpus de Rio Claro foi devotado à implantação do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade. De acordo com a proposta do Professor Amilton, diretor do IB quando de minha contratação, da criação de um Centro de Estudos Avançados em Educação Física em Rio Claro, para que isto fosse possível, seria necessário ampliar o oferecimento de cursos, agora com a Pós-Graduação Stricto-Sensu. A proposta emanada principalmente por docentes do Departamento de Educação Física - IB - se distanciava dos padrões normais não só no que diz respeito ao título - Ciências da Motricidade, mas principalmente

na abrangência da área de concentração proposta. Dessa forma, o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade foi criado em 1991, nível de mestrado acadêmico. A criação do Curso de Doutorado no programa foi implementada, dez anos depois, em 2001.

Alguns anos de UNESP e me sinto honrada do companheirismo acadêmico com a Professora Dra. Maria Eunice Quilici Gonzalez, docente do Departamento de Filosofia da UNESP, do Câmpus de Marília. Seu posicionamento teórico da Filosofia Ecológica, com base na Teoria da Auto-Organização influenciou meu modo de conceber o comportamento motor humano. Ainda, através da Professora Nice, como é chamada, conheci um grupo de pesquisadores que se reunia todas as sextas-feiras no Centro de Lógica e Epistemologia - CLE - da Universidade de Campinas - UNICAMP - para o Seminário do Grupo Interdisciplinar CLE Auto-Organização. O grupo já se destacava na época e se destaca nos cenários nacional e internacional até os dias atuais pela profundidade das discussões acadêmicas, pela formação diversificada dos membros, pela abordagem multidisciplinar dos temas e problemas, e a coordenação brilhante do Professor Emérito Dr. Michel M. Debrun (1921-1997).

O Professor Debrun, como era chamado, filósofo e sociólogo francês imigrou para o Brasil em 1957, depois de frequentar a *École Normale Supérieure* de Paris. Foi pesquisador da Fundação Getúlio Vargas, professor do antigo Instituto Superior de Estudos Brasileiros e perito internacional da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). A formação ideológica brasileira foi um dos temas relevantes da obra do Professor Debrun. A partir de 1986, o Professor Debrun passou a coordenar um grupo de pesquisadores, os quais estudavam problemas relacionados com as noções de 'ordem', 'desordem', 'crise', 'caos', 'informação', 'autopoiese', 'auto-referência'. A partir de 1992, o debate dos seminários centralizou-se em torno da auto-organização e informação e das suas inter-relações (mais informação sobre o Professor pode ser encontrada em Biblioteca Michel Debrun).

Que alegria e honra ter tido a oportunidade de conviver com um pensador de primeira grandeza! O Professor sempre demonstrava muita simpatia quando tentávamos aprender sobre a auto-organização (e.g., primária e secundária) no comportamento motor e na dinâmica do jogo esportivo. Um pouco desse aprendizado pode ser encontrado na primeira interlocução com esse grupo multidisciplinar (Debrun et al., 1996). Seu exemplo favorito era o futebol! Um pouco do Professor Debrun e passagens que retratam o encanto pelo Brasil, a doçura com seus interlocutores e o perfeccionismo nos seus manuscritos, pode ser lido num excelente texto publicado na Folha (Pinheiro, 1997).

Os desafios fazem parte da rotina acadêmica. Em 2008, um grupo de docentes do Departamento de Educação Física tomou iniciativa para a implantação do programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* no IB em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, na área Interdisciplinar. A exemplo do primeiro curso criado, esse curso também se distanciava dos padrões normais para docentes predominantemente da Educação Física e Fisioterapia. O curso foi aprovado em 2010 nos dois níveis, Mestrado e Doutorado. Nesse contexto, então, a concepção para a produção do conhecimento deve ser vista de modo mais amplo e concebendo a tecnologia como meio e fim no desenvolvimento humano, não mais limitado ao conceito motor. Ainda, o curso permite oportunidade de interagir com alunos de diferentes formações, pedagogo, psicólogo, jornalista, engenheiro, matemático, educador físico, fisioterapeuta, entre outras.

DO PESQUISADOR EM COMPORTAMENTO MOTOR: PERSPECTIVA

A busca para se tornar um pesquisador em comportamento motor leva alguns anos. Uma graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado, no mínimo levaria algo em torno de dez anos. Será que isso seria suficiente para se tornar um bom pesquisador? Um cientista em

Comportamento Motor? Na verdade, fazer ciência é um exercício de aprendizagem constante, mais do que anos de preparação. Então, prepare-se para continuamente estar na posição de aprendiz. Essa preparação vai além de adquirir e dominar competências e habilidades na coleta de dados, análises estatísticas, escrita de textos acadêmicos. Ainda, inclui desenvolver uma visão profunda e inventiva de ciência num contexto mais amplo. Desse modo, numa concepção *kuhniiana*, a ciência é construída conforme as fases ou paradigmas da evolução social e política (Chalmers, 1993).

O estudo do comportamento motor é um trabalho árduo. Os cientistas buscam o entendimento dos fenômenos relativos a três subáreas, em particular, a saber: Controle Motor (i.e., compreensão dos mecanismos subjacentes à produção e continuidade do movimento), Aprendizagem Motora (i.e., compreensão dos processos relativos à aquisição de habilidade motoras relativamente permanentes em função da prática), e Desenvolvimento Motor (i.e., compreensão dos processos associados às mudanças nas ações motoras ao longo do ciclo vital). Sobretudo, estudar o comportamento motor é um trabalho gratificante. O conhecimento produzido na área apresenta potencial para otimizar, beneficiar, diferentes contextos, tais como: reabilitação motora, educação, esporte, função ocupacional, entre outros.

A experimentação científica requer disciplina e rigor. As decisões sobre delineamento metodológico devem se basear em três pontos (cf., Lerner et al., 2009), a saber. Primeiro, e mais importante, a escolha metodológica deve ser baseada em teoria. Um modelo teórico bem articulado pode oferecer pressupostos para prever o comportamento com mais exatidão. Segundo, um delineamento metodológico apropriado deve elucidar a pergunta de pesquisa levantada. Uma correspondência ótima entre teoria e delineamento metodológico deve esclarecer os processos subjacentes ao comportamento. Terceiro, uma correspondência ideal entre o delineamento metodológico e os procedimentos estatísticos deve permitir explorar melhor os dados coletados. Em resumo, o estudo sobre o comportamento motor humano exige uma interface dinâmica

entre teoria, delineamento metodológico e análise estatística. A evolução da ciência em qualquer campo busca nessa interface dinâmica refinar e estender as teorias a fim de intervir no bem-estar humano.

A resposta para a questão de como alguém deve se preparar para ser um bom pesquisador em Comportamento Motor não é trivial. Qualquer resposta deixa a impressão de uma receita ou guia para tal. Definitivamente não é essa a nossa intenção nesse momento. Segue, contudo, alguns pontos que permearam minhas crenças e convicções nessa jornada que é pessoal, acadêmica e profissional. A necessidade em se identificar com a questão do movimento humano é essencial. O ser humano tem no movimento a base da sua existência, então um movimento reflete além da questão mecânica, sentimento e inteligência. O movimento, seja na performance máxima, na prática do exercício físico, no entretenimento e lazer, na educação, na espontaneidade sem qualquer propósito, constitui o desenvolvimento humano filogenético e ontogenético.

Um requisito importante para tornar-se um bom pesquisador é perseverar nas convicções teóricas. As convicções teóricas não somente podem, mas devem se renovar ao longo do tempo. A ciência deve ser concebida mais como um modo de pensar, em vez de um conjunto de fatos e teorias colocado à prova. O conhecimento científico é dinâmico e evolutivo subsidiado pela produção e reprodução da informação. Cientistas devem ser pessoas engajadas na construção do conhecimento revisando criticamente os modelos e as teorias existentes. A ciência não é sobre encontrar a verdade absoluta, mas testar e refinar hipóteses cada vez melhores, para que essas hipóteses abordem o que pensamos ser verdade sobre os fenômenos na natureza (cf., Prothero, 2007).

Dois exemplos seguem na sequência como tentativa de ilustrar as hipóteses que assumimos como verdadeiras para explicar o comportamento motor. Um clássico e leitura obrigatória de um aspirante a pesquisador na área se refere aos trabalhos publicados por Richard A. Schmidt. Tendo em vista as limitações da Teoria do Circuito Fechado proposto por Jack Adams (Adams, 1971), Schmidt publicou sua concepção acerca

da Teoria do Esquema (Schmidt, 1975). A Teoria do Esquema diz respeito ao armazenamento, representação das experiências motoras anteriores. Esta teoria sugere que os movimentos são controlados por dois processos associados a memória (i.e., programa motor generalizado e esquema de recordação) O impacto dessa teoria na pesquisa foi imediato e imenso e ganhou popularidade nos anos que se seguiram.

Tanto J. Adams como R. A. Schmidt, líderes acadêmicos na área, dentre tantos outros, estão entre os pensadores que influenciaram sobremaneira a área. A visão teórica para explicar tais processos se baseia no Modelo de Processamento de Informação. Teoricamente, o pressuposto desse modelo é fundamentado na premissa de que o funcionamento do cérebro é análogo ao processamento de informação por um computador. Em termos filosóficos, a abordagem pelo Modelo do Processamento de Informações pressupõe a existência de uma representação interna responsável por gerar padrões de movimento.

Uma crescente insatisfação com modelos cognitivistas, no entanto, no final da década de 70, entre alguns pesquisadores, resultou em uma crise paradigmática na área. Numa visão *kuhniana*, essa crise paradigmática na área de Comportamento Motor foi elegantemente elucubrada por Abernethy e Sparrow (Abernethy & Sparrow, 1992) [Tony Sparrow é um colega com quem tive o prazer de dividir o laboratório de pesquisa quando do doutoramento na Universidade de Illinois, ambos de nós sob a supervisão de Karl Newell]. A crise paradigmática no comportamento motor entre as abordagens teóricas, do Modelo de Processamento de Informação e Sistemas Dinâmicos (Abernethy & Sparrow, 1992) foi precipitada pela visão de que o comportamento motor não é representado abstratamente em nível central – orquestrado pelo *homunculus*.

Abordagens teóricas baseadas na Teoria de Sistemas Dinâmicos negam a existência de tal representação, argumentando que os padrões de movimento emergem de modo auto organizado, das interações das propriedades físicas e dinâmicas do sistema motor (Kelso, 1995). Em meio a essa crise paradigmática merece destaque uma publicação editada por Kelso (1982), exceto para uma tentativa de reconciliação entre as duas

visões discrepantes – teórica e filosoficamente – mas para uma reflexão desse período, onde a mudança na explicação do fenômeno implicaria em uma mudança na crença teórica e no *fazer ciência*.

Os trabalhos de Esther Thelen (Thelen & Smith, 1994) se constituem em outro modelo exemplar de ciência. Thelen e Smith buscaram na Teoria de Sistemas Dinâmicos a compreensão de processos relativos ao desenvolvimento infantil como uma alternativa para as abordagens tradicionais. A Teoria de Sistemas Dinâmicos propõe que o movimento é produzido a partir da interação de múltiplos subsistemas. Um dos pressupostos dessa teoria se baseia nos trabalhos do fisiologista russo Nikolai Bernstein (1967) de que uma ação motora coordenada é um problema do sistema em dominar os muitos graus de liberdade resultantes dos componentes ambientais, neurais, musculares, biomecânicos e metabólicos em uma ação motora particular. Os graus de liberdade não são controlados individualmente, mas são restritos a interagir entre si como uma unidade funcional.

Thelen e seus colegas (Thelen et al., 1984) examinaram o reflexo do caminhar que aparece e desaparece antes do caminhar voluntário. O reflexo do caminhar é geralmente observado até os cinco meses de idade, então, aparece muito antes do caminhar voluntário, mas desaparece meses antes do aparecimento do caminhar voluntário. Várias explicações para o desaparecimento do reflexo do caminhar foram postas por visões tradicionais. Uma das explicações consiste na maturação do córtex. Uma explicação alternativa, ainda mecanicista, é a de que o reflexo possa ser embutido no movimento voluntário (e.g., Zelazo et al., 1972). Nesse caso, o reflexo do caminhar seria transformado no caminhar voluntário.

A engenhosa série de experimentos foi elaborada com a premissa de buscar explicações outras além das visões tradicionais. Eles começaram com a noção de que vários sistemas - em vez de apenas um sistema - desempenham um papel no desaparecimento do reflexo do caminhar. Thelen e seus colegas demonstraram que a Teoria de Sistemas Dinâmicos pode ser usada para examinar os processos subjacentes ao

desenvolvimento. Enquanto a maturação do sistema nervoso é importante no desenvolvimento motor, outros subsistemas são igualmente importantes para a mudança observada no reflexo do caminhar. A conclusão principal desses pesquisadores foi de que o desenvolvimento da força muscular pode não estar sincronizado com o aumento de massa adiposa nas pernas fazendo com que o reflexo do caminhar desapareça.

Nessa perspectiva, a intervenção baseada em evidência científica será assertiva e com maior chance de êxito no princípio da beneficência. O avanço da ciência se dá na produção de um novo conhecimento, conferindo novidade e inventividade; se dá também na reprodução de conhecimento, ratificando o aspecto confirmatório de uma ocorrência. Como experimentalistas, as proposições teóricas devem ser empiricamente testadas. Cientistas devem ser guiados pela curiosidade e buscar inspiração para suas investigações para resolver as angústias humanas na promoção do bem-estar humano.

DO CENÁRIO DO COMPORTAMENTO MOTOR

Desde meu retorno ao Brasil, várias foram as oportunidades ao longo dos anos para ministrar cursos de Aprendizagem Motora e Desenvolvimento Motor em diversos centros de Educação Física, do Amazonas ao Rio Grande do Sul. Nestas oportunidades em que fui convidada a proferir palestras e conferências ou ainda participar de mesas redondas, pude obter um bom referencial de como se encontra a Educação Física pelo país. Tenho convicção que muito se avançou academicamente e a área de Comportamento Motor é uma realidade presente nos cursos de Educação Física no Brasil. Estamos em um nível bem acima do que quando pensávamos e agíamos intuitivamente na nossa prática pedagógica nas décadas de 60 e 70.

A área de pesquisa em Comportamento Motor no Brasil avançou muito desde os primeiros doutores. Resultado desse avanço pode ser comprovado pelos diversos grupos espalhados pelo país. Muitos desses

grupos estão inseridos na Pós-Graduação, o que contribui na formação de novos mestres e doutores, como na produção de conhecimento na área através de pesquisas. Uma avaliação com mais exatidão da área no Brasil se faz necessária para mapear a evolução a partir de dados referentes aos grupos de pesquisas existentes, das produções acadêmicas, da formação de recursos humanos, da inserção acadêmica no mercado, entre outros dados (Corrêa et al., 2017; Pellegrini et al., 2006).

Contudo, temos um caminho a trilhar, a ciência é dinâmica e evolutiva, há que se ter um olhar para além de nossas fronteiras, acompanhar a evolução que ocorre fora do país. Acreditamos que não estamos alheios ao que ocorre na área fora do país. A internacionalização da área desde a década de 80 até os dias atuais, com envio de estudantes de Doutorado, para centros de pesquisas com expressão internacional, é um passo importante na consolidação da área, em longo prazo. Os grupos de pesquisa, no Brasil, em geral, tem produzido pesquisas relevantes. A diversidade de pesquisas na área é grande, considerando as três subáreas (i.e., Aprendizagem, Desenvolvimento e Controle Motor), o contexto das pesquisas (i.e., esporte, educação ou reabilitação), e a amostra (criança, adulto ou idoso). Contudo, informações bibliométricas atualizadas sobre a natureza dos trabalhos produzidos na área são escassas ou inexistentes para uma avaliação mais precisa.

A busca pelo entendimento dos fenômenos associados ao comportamento motor deve ser examinada em diferentes níveis de análise. Uma análise mais ampla, tanto nacional como internacional, do Comportamento Motor, mostra que a área ainda carece de investigações em certos níveis de análise. Muito mais frequentes são as pesquisas em nível comportamental, e mais recentemente, as pesquisas na área tem buscado examinar questões em nível sistêmico, e.g., neurofisiológico. Contudo, uma estrutura de pesquisa com viés interdisciplinar pode ser um caminho mais frutífero. A essência é o conceito de níveis de análise em termos de ciências da saúde (Anderson, 1998). Em específico, estes níveis incluem o social/ambiente, comportamental/psicológico, sistemas de órgãos, celular e molecular. A interdependência desses

cinco níveis de análise sugere que os avanços nas ciências da saúde, nesse caso, no Comportamento Motor, podem ser acelerados por uma abordagem multinível mais integrada da pesquisa.

DA CONTRIBUIÇÃO PARA A ÁREA DE COMPORTAMENTO MOTOR

Definir a própria contribuição para uma área diante de uma comunidade acadêmica não é uma tarefa fácil. Ao longo do tempo, minhas atividades tiveram uma trajetória em que, de uma base bastante ampla de experiência e de uma formação bastante diversificada, fui caminhando para um trabalho mais específico. Busquei atuar em linhas que acreditei ter contribuído para um melhor desenvolvimento da Educação Física em nosso meio. Minha atuação, durante vários anos, no Ensino de Primeiro e Segundo Graus, permitiu uma visão dos problemas do profissional que atua na educação. A atuação como professora e técnica de Voleibol permitiu uma visão dos problemas que enfrenta um profissional no campo esportivo, ou seja, no da competição. As experiências em laboratório de pesquisa permitiram a visão clara de que em ciência não caminhamos isoladamente.

Minha vivência junto às instituições, USP e UNESP, foi rica. Tal riqueza vai além da dinâmica do ambiente acadêmico, se entende às influências das mudanças paradigmáticas sociais em diferentes épocas sobre nosso modo de pensar e agir na formação de novos profissionais. Acredito que a preocupação nesses anos de atividades no campo do ensino, pesquisa e extensão, consistiu na formação de recursos humanos. Acredito que minha contribuição para a área do comportamento motor em nosso contexto está na formação de alunos na Graduação e na orientação de Mestres e Doutores na Pós-Graduação. Em particular, daqueles que demonstraram interesse e desenvolveram trabalhos na área do Comportamento Motor Humano.

Ao lado da formação de recursos humanos, a produção de conhecimentos é uma outra contribuição do trabalho desenvolvido ao longo da minha jornada. O apoio de uma comunidade ou grupos de interesse, na produção e divulgação do conhecimento científico, é básico no desenvolvimento do pesquisador. A reflexão crítica está no centro das nossas atividades, e naturalmente acabamos por expressar as convicções teóricas que guiam nosso modo de pensar e agir na ciência. Uma dessas reflexões se encontra num trabalho no qual tive a satisfação de compartilhar de ideias e crenças teóricas com um coletivo de autores (Pellegrini, 1997). Mais adiante, duas reflexões que faço destaque são alguns dos pensamentos acerca das questões relativas à Aprendizagem Motora, subárea do Comportamento Motor, diante das mudanças paradigmáticas da área (Pellegrini, 2000; 2009).

Registro aqui nossa contínua preocupação com a formação de recursos humanos. Ao longo de um pouco mais de quatro décadas de trabalho no Ensino Superior entre USP e UNESP tive a oportunidade de orientar um número de alunos da graduação, iniciação científica, trabalho de conclusão de curso, mestrado, doutorado e pós-doutorado. Entendemos que a vivência do aluno em laboratório de pesquisas visa o aprofundamento em uma subárea do conhecimento e o domínio de técnicas de coleta e análise de dados. No entanto, mais importante consideramos o contato com a comunidade científica, com a diversidade em posicionamentos teóricos e metodológicos.

EPÍLOGO: MISSÃO CUMPRIDA...!

Nem todos os alunos permaneceram por muito tempo no laboratório. Alguns deles descobrem não ser a área de Comportamento Motor, aquela que gostariam de continuar seus estudos e outros sentem a necessidade de estágio em outros laboratórios para uma decisão posterior. Por outro lado, um bom número de alunos que passaram pelo LABORDAM está com suas carreiras acadêmicas em andamento ou concluídas. Desses

alunos que perseguiram a carreira acadêmica, deixo um registro aqui de satisfação e agradecimento aos Mestres e Doutores que, sob minha orientação, continuam seus estudos e pesquisas, contribuindo, em nosso contexto, para o desenvolvimento da área. Essa é a convicção de que a área do Comportamento Motor no Brasil continuará evoluindo e novas gerações virão para substituir as antigas. Esse é o curso natural da vida.

Após uma longa jornada dedicada ao Esporte e a Educação Física chego ao final das minhas recordações com a percepção de uma missão cumprida. Este trabalho me motivou a repensar minha participação nas diversas atividades da vida acadêmica. Fica ainda uma leveza na nostalgia dos bons momentos e um percurso cheio de oportunidade. Sou grata a todas as pessoas que direta e indiretamente – algumas dessas pessoas estão em destaque ao longo do capítulo – possibilitaram as oportunidades que de alguma forma canalizaram as minhas decisões. Somos o resultado das nossas próprias escolhas.

Por fim, escrever este capítulo para a SOCIBRACOM (Sociedade Brasileira de Comportamento Motor) foi gratificante. Muitas lembranças me levaram a rever o significado da vivência esportiva ao longo da infância, da adolescência, e agora, da velhice. Como alguém que estudou o assunto, ainda que tenha ‘pendurado as joelheiras, mas não as raquetes’, busco na prática comprovar a eficácia da atividade física no envelhecimento e sobretudo nas funções cognitivas. Ora, se as pesquisas apontam para tantos benefícios, então, é necessário comprovar buscando evidências empíricas! A velhice se constitui em uma passagem obrigatória no percurso da vida, não em uma escolha; mas a aposentadoria da vida é uma questão de escolha.

REFERÊNCIAS

- Abernethy, B., Sparrow, W.A. (1992). The rise and fall of dominant paradigms in motor behaviour research. In: J.J. Summers (Ed.), *Approaches to the study of motor control and learning*. Amsterdam: North-Holland, p. 3-45.
- Adams, J.A. (1971). A closed-loop theory of motor learning. *Journal of Motor Behavior*, 3, 111-150.
- Anderson, N.B. (1998). Levels of Analysis in health science: a framework for integrating sociobehavioral and biomedical research. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 840, 563-576.
- Bernstein, N.A. (1967). *The coordination and regulation of behaviour*. Oxford: Pergamon Press.
- Biblioteca Michel Debrun. Disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/index.php/print/813>. Acesso em: 10 março de 2018.
- CBDU. Universidade de Verão. Disponível em: <https://www.cbdu.org.br/competicao/universiade-de-verao/>. Acesso em: 30 de abril de 2018.
- Chalmers, A.F. (1993). *O que é Ciência afinal?*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Coles, M.G.H., Pellegrini, A.M., Wilson, G.V. (1982). The cardiac cycle time effect: influence of respiration phase and information processing requirements. *Psychophysiology*, 19, 648-657.
- Corrêa, U.C., Oliveira, J.A., Tani, G. (2017). 40 anos da Pós-graduação da EEFÉ-USP: a sua contribuição para o avanço do conhecimento sobre o comportamento motor humano. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 31, 97-110.
- Debrun, M., Gonzales, M.E.Q., Pessoa Jr., O. (1996). *Auto-Organização: estudos interdisciplinares em filosofia, ciências naturais e humanas, e artes*. Campinas: UNICAMP, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência.

- Editorial: homenagem Maria Augusta Peduti Dal Molin Kiss. (2011).
Revista Brasileira de Medicina do Esporte, 17, 80-80.
- FISU. Summer Universíade. Disponível em: <http://www.fisu.net/sport-events/summer-universiade>. Acesso em: 30 de abril de 2018.
- Gibson, J. J. (2015). The ecological approach to visual perception.
London: Taylor & Francis.
- Greendorfer, S.L., Blinde, E.M., Pellegrini, A.M. (1986). Gender differences in Brazilian children's socialization into sport. International Review for Society of Sport, 21, 53-63.
- Homenagen à professora Maria Augusta Peduti Dal Molin Kiss. (2014). Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 28, 533-534.
- Junghahnel, V., Pellegrini, A.M., Nabeiro, M. (1986). Evolução dos padrões fundamentais de movimento arremessar (à distância e ao alvo) e correr em crianças portadoras de deficiência mental. Kinesis, 2, 207-229.
- Kelso, J.A.S. (1982). Human motor behavior: an introduction.
Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Kelso, J.A.S. (1995). Dynamic patterns: the self-organization of brain and behavior. Cambridge: MIT Press.
- Le Boulch, J. (1987). Rumo a uma Ciência do Movimento Humano.
Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lerner, R.M., Schwartz, S.J., Phelps, E. (2009). Problematics of time and timing in the longitudinal study of human development: theoretical and methodological issues. Human Development, 52, 44-68.
- Memória da UNESP: Dra. Ana Maria Pellegrini. 2014. Disponível em: <http://minuto.rc.unesp.br/1minuto/ana.html>.

- Museu de Ciências da USP. Memória USP. Disponível em: http://200.144.182.66/memoria/por/unidade/144-Escola_de_Educacao_Fisica_e_Esporte. Acesso em: 30 de abril de 2018.
- Pascual-Leone, J., Johnson, J. (2011). A developmental theory of mental attention: its applications to measurement and task analysis. In: P. Barrouillet & V. Gaillard (Ed.), *Cognitive development and working memory: a dialogue between neo-Piagetian and cognitive approaches*. New York: Psychology Press. p. 13-46.
- Pellegrini, A.M. (1979). Visual cues for movement initiation in the acquisition of catching skill. Dissertação (Mestrado) - University of Illinois, Urbana-Champaign, 85 f.
- Pellegrini, A.M. (1982). The development of dual task performance. Tese (Doutorado) - University of Illinois, Urbana-Champaign, 193 f.
- Pellegrini, A.M. (1983). O desenvolvimento da atenção em crianças: implicações teóricas e práticas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 4, 45-52.
- Pellegrini, A.M. (1989). Estilos cognitivos e atenção na execução simultânea de duas tarefas. Tese (Livre Docência) - Unversidade Estadual Paulista, Rio Claro, 128 f.
- Pellegrini, A.M. (1996). Memorial Ana Maria Pellegrini. Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 93 f.
- Pellegrini, A.M. (1997). Coletânea de estudos: comportamento motor I. São Paulo: Movimento.
- Pellegrini, A.M. (2000). A aprendizagem de habilidade motoras I: o que muda com a prática? *Motriz*, Suplemento, 29-34.
- Pellegrini, A.M. (2009). Desempenho motor no esporte: das restrições do iniciante ao experiente. *Motriz*, 15, 9-13.

- Pellegrini, A.M., Greendorfer, S.L., Blinde, E.M. (1987). Fatores determinantes do envolvimento da criança em atividades físicas e esportivas. *Cadernos de Pesquisa*, 60, 38-44.
- Pellegrini, A.M., Hiraga, C.Y., Alleoni, B.N., Silva, L.H. (2006). Comportamento motor no Brasil: um olhar para o passado, pensando no futuro. *Brazilian Journal of Motor Behavior*, 1, 23-40.
- Pereira, E.L., Lyra, V.B., Mazo, J.Z. (2012). Universiade de 1963: Porto Alegre sedia um evento esportivo mundial. *Kinesis*, 30, 7-19.
- Pinheiro, P.S. (1997). Memória: a alternativa do pensamento. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs160331.htm>.
- Prothero, D. (2007). *Evolution: what the fossils say and why it matters*. New York: Columbia University Press.
- Rocha, E.M.N. (2012). Psicomotricidade Ramain. Disponível em: <http://primeirainfancia.org.br/psicomotricidade-ramain/>. Acesso em: 30 abril de 2018.
- Rose Júnior, D. (2015). O centenário de Moacyr Daiuto. *Revista Comemorativa*. Disponível em: <http://www.eefe.usp.br/eef/uploads/arquivo/revista%20centen%C3%A1rio%20daiuto.pdf>. Acesso em: 29 de junho de 2018.
- Saviani, D. (2009). Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação*, 14, 143-155.
- Schmidt, R.A. (1975). A schema theory of discrete motor skill learning. *Psychological Review*, 82, 225-260.
- Schmidt, R.A., Lee, T.D. (1999). *Motor control and learning: a behavioral emphasis*. Champaign: Human Kinetics.
- Schneider, W., Shiffrin, R.M. (1977). Controlled and automatic human information processing: I. Detection, search, and attention. *Psychological Review*, 84, 1-66.

- Tanuri, L.M. (2000). História da formação de professores. *Revista Brasileira de Educação*, 14, 61-88.
- Thelen, E., Fisher, D.M., Ridley-Johnson, R. (1984). The relationship between physical growth and a newborn reflex. *Infant Behavior and Development*, 7, 479-493.
- Thelen, E., Smith, L.B. (1994). *A dynamic systems approach to the development of cognition and action*. Cambridge: MIT Press.
- Vayer, P. (1986). *A criança diante do mundo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Wickens, C.D. (2002). Multiple resources and performance prediction. *Theoretical Issues in Ergonomics Science*, 3, 159-177.
- Witkin, H.A., Moore, C.A., Goodenough, D.R., Cox, P.W. (1977). Field-dependent and field-independent cognitive styles and their educational implications. *Review of Educational Research*, 47, 1-64.
- Zelazo, P.R., Zelazo, N.A., Kolb, S. (1972). "Walking" in the Newborn. *Science*, 176, 314-315.

3

RUY JORNADA KREBS – “UM DOS PILARES DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA”

José Luiz Lopes Vieira

Universidade Estadual de Maringá

Fernando Copetti

Universidade Federal de Santa Maria

Arno Krug

Centro Educacional Luterano de Joinville

Vera Lucia Krebs

Universidade de São Paulo

Esta biografia foi realizada com a contribuição de pessoas de grande estima do professor Ruy Jornada Krebs. No corpo do texto estas pessoas estão identificadas pelas seguintes abreviaturas: Vera Lucia Krebs (VK), Fernando Copetti (FC), Arno Krug (AK) e eu que a organizei José Luiz Lopes Vieira (JL).

A INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Ruy Jornada Krebs nasceu em Santiago, cidade do interior do RS, na região missioneira, próxima à fronteira com a Argentina, em 11 de julho de 1948. Segundo filho de Olgy Aquino Krebs e Clotilde Jornada

Krebs, foi intensamente esperado. Oriundo de família grande, teve um irmão mais velho, Antonio Silvio, que contava com um ano de idade ao seu nascimento, uma irmã Vera Lucia, cinco anos mais jovem e o irmão mais moço, Paulo Renato, seis anos mais jovem. Sua infância transcorreu em ambiente alegre, na ampla casa da família, em Santiago, construída por nosso avô materno em 1923. Residiam seus avós maternos, Amadeu e Clotilde (vó Filoca), tias, prima, pais e irmãos. Aos seis anos de idade participou de apresentação de arte no Colégio Medianeira, onde iniciou o curso primário. Como era pequeno, nas aulas de canto, cantava em pé sobre um banco. Era muito estimado pelas professoras, devido à sua inteligência brilhante e simpatia (VK).



Ruy Jornada Krebs com a família (o terceiro em pé a partir da esquerda).
Fonte: Cedida do arquivo pessoal de Vera Krebs

Quando adolescente, montou um pequeno teatro de fantoches nos fundos da casa, onde realizava apresentações de peças, muito concorridas pelas crianças das redondezas. Ele próprio construía com serragem as cabeças dos atores, minha mãe costurava as roupas e o palco funcionava em uma janela (VK).

Gostava muito de escrever e com cerca de 14 anos participou de um concurso literário, com um romance verídico sobre a história amorosa de duas moças que haviam sido nossas babás. Sua letra era muito bonita e o texto foi escrito a mão em dois cadernos escolares finos. Amava a música e costumava cantar trechos de ópera. Participou de apresentações de oratória, tendo declamado a poesia Navio Negreiro, de Castro Alves, em sarau artístico no Clube União de Santiago (VK).

Na época de sua infância e juventude, a Educação Física era uma disciplina obrigatória na escola e não era muito valorizada como profissão. Quando saiu de casa para estudar em Porto Alegre, aos 17 anos, falou que faria vestibular para arquitetura. Somente próximo ao vestibular declarou sua escolha pela Educação Física (VK). Penso que seu desejo de harmonia e beleza, seu anseio de liberdade e expressão corporal plena foi o principal fator motivador para a escolha pelo curso de Educação Física (VK).

Iniciou o seu curso de graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, uma das Universidades mais respeitadas do Brasil. Na época, a profissão de Educação Física era lembrada, principalmente, quanto à formação de professores para escolas de nível secundário. Meu irmão destacava-se por sua intensa busca intelectual dentro de uma carreira que priorizava a atividade física (VK). Uma de suas aparições atléticas aconteceu em 1967. O Ruy participou no JUBEEF (Jogos Universitários Brasileiros das Escolas de Educação Física) em Porto Alegre, me substituindo (pois eu trabalhava nos horários dos jogos), na competição de Tênis em dupla mista, como companheiro da Suzana Petersen, sendo campeão da competição, e sempre fazia piadas comigo a respeito desse fato! (AK).



Formatura na UFRGS, Ruy Jornada Krebs com sua mãe Clotilde Jornada Krebs
Fonte: Cedida do arquivo pessoal de Vera Krebs

Já formado em Educação Física e trabalhando em tempo integral como professor de Educação Física no Colégio Estadual Manoel Ribas, em Santa Maria, onde adquiriu um apartamento, generosamente, convidou meu irmão mais moço e eu para morarmos juntos, reduzindo assim a despesa de nossos pais, que viviam em Santiago. Residimos juntos em seu apartamento de Santa Maria durante todo o meu Curso de Medicina (VK). Nessa época, o Ruy representou, para nós, pai e mãe, além de grande amigo. Sua ajuda e afeto foram fundamentais para nossa formação humana e intelectual. Seremos eternamente gratos a este irmão, com o qual tivemos o privilégio de conviver (VK).

No ano de 1971, o Ruy já lecionava em Santa Maria, e a nosso convite, foi indicado para ser professor das cadeiras de Handebol e Ginástica da futura Faculdade de Educação Física de Cruz Alta (FEFCA), onde iniciou a sua trajetória no Ensino Superior. Posteriormente, passou no concurso da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Durante o

período que lecionou na FEFCA, o maior problema era que nos períodos de chuva, os ônibus atrasavam, pois os 130 km entre Cruz Alta e Santa Maria, viravam um atoleiro só (AK).

Mesmo atuando na UFSM, o Ruy nunca deixou de atender os nossos convites para dar cursos e palestras de forma graciosa, mas com jantares e sobremesas especiais. Essa era uma de suas características, pois sempre atendeu convites e nunca perguntou o que receberia em troca. Em 1976, fomos colegas no Curso de Pós-Graduação na Universidade de São Paulo (USP), em Atividades Físico-Desportivas-Biomecânica (AK).

Dentro do contexto da ampliação da pós-graduação no Brasil, surgiu a possibilidade da realização de estudos de pós-graduação fora do país (FC). O interesse surgiu quando era professor na UFSM. Entrou em contato com a Universidade de Yowa e começou a praticar inglês com professor particular. Em 1977, foi para os Estados Unidos realizar pós-graduação (VK).

Nos anos de 1979-80, o Ruy fez mestrado em Educação Física na *University of Iowa* (UI) nos Estados Unidos sendo o título de sua dissertação “*Changes in personality of physical education students after corporal expression practice*” e seu orientador foi o Prof. Louis Alley. Durante a realização de seu doutorado (1984-1987) o Ruy fez um segundo mestrado em *New Mexico* cujo título foi “*Project future: organized sport for children (1986)*” sob a orientação do Prof. Nicolaas Moolinizer (JL).

O Prof. Nicolaas Moolinizer também foi seu orientador no Doutorado na *University of New Mexico* na qual o Ruy obteve seu título de doutor defendendo a tese intitulada “*Early sport specialization: a conceptual and casual comparative study*” no ano de 1987 (JL).

Em 1986, fui visitá-lo em Albuquerque, Novo México, USA. Constatei que ele era muito estimado e respeitado pelos brasileiros e também estrangeiros que faziam pós-graduação na Universidade do Novo México. Seu orientador, Nicolaas Moolinizer, lhe tratava de forma extremamente cordial e humana. Cheguei à Albuquerque em novembro de 1986 no dia de Ação de Graças (*Thanksgiving Day*), feriado muito importante para os americanos. Fui convidado para acompanhar

o Ruy na comemoração familiar na casa de seu orientador. Junto à família do Prof. Moolinijzer, compartilhamos o jantar, orações e passamos horas extremamente agradáveis conversando. O Prof. Moolinijzer apresentou sua esposa, filhos e nora. Até o cachorro veio participar ao final do jantar, passando por uma portinhola que havia na sala, após ouvir uma campainha. Também estava presente outra aluna do professor, oriunda da Turquia (VK).

Durante toda a minha estadia com ele (1 mês) pude testemunhar o excelente relacionamento com seu orientador. Antes de eu ir embora o Ruy ofereceu um jantar em sua casa (morava sozinho em uma casa pequena e confortável de 2 quartos, sala e cozinha) junto à da família do professor. Fez feijoada, auxiliado pela professora brasileira e amiga Gladis (de Brasília) e por mim Vera Lucia.

Pude testemunhar também o apoio e orientação que meu irmão dava aos demais brasileiros que estudavam lá, provenientes de diferentes estados do Brasil (Bahia, Distrito Federal, entre outros) (VK).

O Ruy finalizou seus estudos formais no ano de 1994 realizando um estágio pós-doutoral na *Indiana University* (IU) com o Professor David Lee Gallahue. Em conversa com o Prof. Gallahue ele me dizia: “*não tenho claro quem faz pós-doutorado com quem*”. Neste estágio, o Ruy escreveu seu livro “*Urie Bronfenbrenner e a Ecologia do Desenvolvimento Humana*”. Impressionado com a teoria bioecológica, o Professor Gallahue introduziu a teoria bioecológica nos seus próximos livros sobre desenvolvimento motor de bebês, crianças, adolescentes e adultos (JL).

O Ruy, além de seu comprometimento acadêmico, sempre soube conciliar o lado pessoal com seus orientadores. Ele também mantinha muito contato com o Prof. David L. Gallahue. O Ruy ainda chegou a conversar por telefone com ele dias antes do seu falecimento. O Professor Gallahue estava no Brasil em um Congresso. Ainda lembro que o Ruy disse-lhe para “*não deixar de provar o suco de açaí que era uma fruta típica do norte*” (AK).

Embora não tenha realizado seu mestrado e doutorado em uma formação específica na área do comportamento motor, o Ruy sempre

gostou de estudar o desenvolvimento infantil e as teorias do desenvolvimento humano. Quando retornou em 1987 do seu mestrado seguido do doutorado realizado nos Estados Unidos, iniciou a sua atuação como docente no mestrado em Ciência do Movimento Humano, do Centro de Educação Física e Desportos na UFSM, onde criou uma linha de pesquisa em desenvolvimento humano. Ao longo dos anos, orientou diversas dissertações dentro dos temas de crescimento físico, desenvolvimento motor e temas ligados à psicologia do desenvolvimento e do esporte (FC).

Foi sempre um grande defensor da Educação Física Escolar, tendo desenvolvido uma proposta metodológica (fundamentação teórica, conteúdos e atividades) para a educação infantil intitulada “Metodologia Globalizada”. Dedicou boa parte de sua vida disseminando sua proposta metodológica em cursos por vários estados do Brasil (FC). A proposta metodológica para a Educação Física Infantil foi concretizada em 4 livros denominados Livro do Professor elaborados para a Sociedade Educacional Positivo de Curitiba no ano de 2001 (Sociedade Educacional Positivo, 2001a, 2001b, 2001c, 2001d). Esta proposta está fundamentada na Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner, no paradigma Indivíduo-Ambiente (1994) e na Teoria de Especialização Motora (1997). O Ruy, além de disseminar a Teoria Bioecológica, propôs conteúdos e atividades pedagógicas para crianças desde as séries iniciais do ensino fundamental até o final do ensino médio. Sinceramente, recomendo a leitura (JL).

A razão pela qual o Ruy lançava seus esforços na área do desenvolvimento motor se dava pelo seu conhecimento acerca da importância que o movimento possui para o desenvolvimento integral da criança. Ele demonstrava grande preocupação com a qualidade motora que as crianças apresentavam ao longo da infância. Utilizava o termo “analfabetismo motor” em suas falas e cursos para chamar a atenção sobre oferecer uma Educação Física de qualidade. Defendia a importância que a Educação Física possuía no processo de ensinar e educar para e pelo movimento, conduzindo a criança a uma adequada alfabetização motora (FC).

Como docente no mestrado e na sequência com a abertura do doutorado, o Ruy liderava um grande número de alunos e conduzia com facilidade as equipes de trabalho (FC). Por ser extremamente generoso e ajudar várias pessoas, era respeitado e estimado por seus alunos. Desenvolveu uma linha de pesquisa na no Centro de Educação Física da UFSM, que ajudou a projetar a Universidade no Brasil e no exterior (VK).

Para responder à questão de quais os requisitos necessários para ser um bom pesquisador ou formador de recursos humanos na área de comportamento motor é necessário fazer uma breve contextualização. O Ruy foi um grande estudioso das teorias do desenvolvimento humano. Conforme relatado no prefácio de sua obra “Desenvolvimento Humano: Teorias e Estudos” manifestou que este interesse foi despertado durante seu doutoramento na *University of New Mexico*, nos Estados Unidos, em uma disciplina sobre crescimento e desenvolvimento humano, e desde então se dedicou a estudá-las e disseminá-las (FC).

O Ruy costumava trazer para suas aulas e nas orientações com seus alunos a importância de se conhecer a criança dentro de diferentes perspectivas. Neste sentido, destacava a fertilidade das discussões sobre “*nature*” vs. “*nurture*” que existiam no século XX acerca do desenvolvimento, e seus desdobramentos em novas abordagens e correntes teóricas. Ele acreditava que o estudo das teorias do desenvolvimento humano permitia compreender a complexidade que está presente neste processo, além de produzir a fecundidade intelectual que faz brotar novas ideias, concepções e compreensões, impedindo a minimização do fenômeno e abrindo horizontes capazes de instigar mudanças paradigmáticas (FC).

Dedicou seus estudos para a criança em desenvolvimento, olhando não somente para a perspectiva motora, mas enquanto um ser em transformação cujo desenvolvimento motor era parte imprescindível para se atingir a plenitude enquanto ser humano. Sempre destacou que quando se estuda o comportamento motor, suas teorias e modelos, não se pode perder a visão da complexidade envolvida neste processo (FC).

Foi em 1994, quando estive na *Indiana University* em seu estágio de pós-doutoramento com o Professor David Gallahue em desenvolvimento motor, que tive contato direto com a teoria que iria inspirar meus novos estudos. Foi o primeiro a trazer na época a abordagem ecológica do desenvolvimento, e posteriormente denominada de Teoria Bioecológica do Desenvolvimento de Urie Bronfenbrenner para o campo da educação física e do esporte. Fez importantes reflexões e projeções teóricas desta teoria que instigaram muitas dissertações e teses na área da educação física, principalmente nas áreas do comportamento motor e da psicologia do esporte (FC).

No meu retorno ao Brasil e na minha busca pela disseminação do conhecimento sobre as teorias e modelos de estudo do desenvolvimento da criança, o Ruy junto com seu grupo de alunos e pesquisadores convidados escreveu e organizou alguns livros (Krebs, 1995; Krebs et al., 1996, 1997, 2001, 2003).

O que o Ruy diria sobre o que é necessário para ser um bom pesquisador na área do comportamento motor? A questão é difícil, mas algumas coisas tenho certeza que ele diria: é fundamental construir uma base teórica sólida para fundamentar seus pressupostos do estudo, e isso não se faz estudando só uma teoria; é importante encontrar uma questão clara de investigação e ao desenvolvê-la, compreender que os resultados desta(s) pesquisa(s) não devem somente responder ao propósito específico do estudo, mas contribuir para a reflexão e desenvolvimento da teoria que o suporta; ainda, penso que diria que se você realmente quer compreender o que está estudando, você precisa se ver dentro do estudo que está realizando e aplicar o conhecimento da teoria na sua vida (FC).

Seria uma tarefa difícil colocar números exatos sobre a quantidade de professores formados em nível de mestrado ou doutorado sob a orientação do Ruy, mas certamente, tendo um olhar qualitativo, podemos citar que vários desses docentes se tornaram líderes em suas instituições, gestores de cursos de graduação e pós-graduação, bolsistas de produtividade do CNPq, editores de periódicos científicos, nucleadores

de grupos de pesquisa na área de comportamentos motor e excelentes formadores de recursos humanos para o ensino, pesquisa e extensão em Educação Física (JL).



Ruy Jornada Krebs ministrando palestra sobre a Teoria Bioecológica de Urie Branfenbrenner.
Fonte: Cedida do arquivo pessoal de Vera Krebs

Entre as contribuições do Ruy para a área de comportamento motor, destaca-se seu comprometimento na área administrativa tendo sido eleito entre os pares para a presidência da Sociedade Brasileira de Comportamento Motor, criou e foi presidente da Sociedade Internacional para Estudos da Criança, foi membro do *Managing Council* da *International Society of Sport Psychology* (2009-12) sendo neste período homenageado pela *Fédération Internationale d'Éducation Physique* como um dos 10 grandes pensadores da Educação Física Brasileira.

Na formação de recursos humanos para atuação na área o Ruy orientou 17 teses de doutorado, 65 dissertações de mestrado e centenas de projetos de iniciação científica ou trabalhos de conclusão de curso.

Em termos de produção acadêmica, o Ruy tem em seu currículo mais de 80 artigos publicados, 12 livros organizados ou editados, 28 capítulos de livros escritos individualmente ou com outros coautores, aproximadamente duas centenas de resumos e/ou trabalhos completos publicados em anais de eventos nacionais ou internacionais (ver currículo Lattes, <http://lattes.cnpq.br/4640173561075456>).

O Professor Ruy Krebs recebeu durante sua trajetória de vida acadêmica e profissional diversos prêmios e títulos (Tabela 1).

Tabela 1. Prêmios e títulos recebidos pelo professor Ruy Krebs.

2009	Distinção como um dos 10 Grandes Pensadores da Educação Física Brasileira	Federação Internacional de Educação Física.
2008	Prêmio Jefferson Canfield	Sociedade Brasileira de Comportamento Motor
1989	Cidadão Santiaguense Ilustre	Câmara Municipal de Santiago, RS
1987	Honnor Society Phy Kappa Phy	North American Universities Association
1987	The Wall of Honnor	University of New Mexico - USA
1984	Prêmio MEC de Literatura Desportiva Liselott Diem	Ministério da Educação e Cultura
1982	Prêmio MEC de Literatura Desportiva Liselott Diem	Ministério da Educação e Cultura

Fonte: Currículo Lattes

Quando se convive diariamente com uma pessoa que possui uma mente fértil e criativa, sempre atualizada e inquieta, sistematicamente lhe colocando frente a novos desafios e perspectivas, é incalculável o impacto que sua ausência deixa. Talvez eu seja um dos seus orientandos que mais sinte de perto esta ausência. A primeira razão é porque fiz toda minha formação sob sua orientação, e tive a feliz, mas impossível tarefa de substituí-lo quando de sua aposentadoria na Universidade Federal de Santa Maria, na data de 11 de agosto de 1997 como professor titular e sua

transferência para Florianópolis após completar seu ciclo profissional. Nosso contato era frequente e sempre munido de muitos desafios e novas perspectivas. Professor brilhante, respeitado, engajado e responsável por um laboratório sempre fervilhante de pessoas, ideias e projetos, deixou um legado do qual dar conta não seria fácil. E todo dia quando chego ao trabalho, lá estão suas obras na parede, as cadeiras que nós na época alunos de mestrado e doutorado compramos e doamos para o laboratório, as quais não me deixam esquecer desta responsabilidade. Todavia os encontros em bancas, congressos e graças às benesses que a Internet e suas tecnologias trouxeram, essa distância se minimizava e podíamos constantemente facilitar esta “transição ecológica” do papel que herdei. Mas nem sempre isso era tão simples e possível. Como grande estudioso de teorias que sempre foi, suas respostas para tudo tinha uma base teórica, e aqui, a todos que estudaram e conviveram próximos ao Ruy nas últimas décadas sabem o que ele dizia destas questões de distância e ausência... “não estudou Bronfenbrenner?! ... Esqueceu o que são as díadas primárias?!”. Não era o fato de fisicamente estar distante que lhe proferia sua ausência, mas o quanto nossas atitudes e crenças por ele eram instigadas. Por isso continuava e ainda continua ativo (FC).

Uma segunda razão que amplia a falta que o Ruy faz é enquanto grande amigo, conselheiro e meu padrinho de casamento. Uma pessoa sempre aberta e pronta para ouvir, aconselhar e muitas vezes lhe dizer ou fazer ver aquilo que sabia, mas não queria ou gostaria de pensar. Não precisava se preocupar com horário para ligar ou fazer contato, sempre disponível e atencioso. E o que sempre me chamava muito a atenção é que sempre durante essas conversas ele dizia “tenho uma notícia boa para te contar”, e sempre havia. E essas boas novas não eram necessariamente sobre coisas pessoais, mas também de pessoas ligadas a ele que tinham alcançado realizações importantes. Sinto a falta do brilhante Professor Doutor Ruy Krebs, que não abria mão de uma boa discussão acadêmica. Sinto falta do grande ser humano e amigo Ruy! Eu costumava dizer para o Ruy que aposentadoria era uma palavra que

não lhe pertencia. Hoje quero dizer que ter partido não é um status que lhe confiro (FC).

Muito precocemente o nosso Ruy nos deixou na data de 11 de dezembro de 2010. Nosso obrigado a Sociedade Brasileira de Comportamento Motor pela lembrança e consideração. Escrever sobre o Prof. Ruy não foi uma tarefa simples, gostaria muito que o próprio Ruy tivesse tido essa oportunidade. Para finalizar vou deixar uma frase que o Ruy sempre falava ao final de suas palestras ou cursos.... **“eu não sei o que vocês acharam, mas ... EU GOSTEI”**... nos abraçava e saíamos para celebrar a vida.

REFERÊNCIAS

- Krebs, R.J. (1995). Urie Bronfenbrenner e a ecologia do desenvolvimento humano. Santa Maria: Casa Editorial.
- Krebs, R.J., Vieira, L.F., Vieira, J.L.L., Beltrame, T.S. (1996). Desenvolvimento humano: uma área emergente da ciência do movimento humano. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria.
- Krebs, R.J., Beltrame, T.S., Copetti, F., Machado, Z., Rocha, V.M., Trevisan, C.M. (1997). Teoria dos sistemas ecológicos: um paradigma para o desenvolvimento infantil. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria.
- Krebs, R.J., Copetti, F., Kraeff, M.S., Souza, P.H.X., Roso, M.R.D. (2001). Desenvolvimento infantil em contexto. Florianópolis: Editora da UDESC.
- Krebs, R.J., Copetti, F., Beltrame, T.S., Pinto, R.F. (2003). Os processos desenvolvimentais da infância. Belém: GTR Gráfica e Editora.

Sociedade Educacional Positivo. (2001a). Orientações metodológicas para a Educação Física: Nível I, II e III. 1º. Ed. Curitiba: Editora da Sociedade Educacional Positivo.

Sociedade Educacional Positivo. (2001b). Orientações metodológicas para a Educação Física: Ensino fundamental de 1º a 4º série. 1º. Ed. Curitiba: Editora da Sociedade Educacional Positivo.

Sociedade Educacional Positivo. (2001c). Orientações metodológicas para a Educação Física: Ensino fundamental de 5º a 8º série. 1º. Ed. Curitiba: Editora da Sociedade Educacional Positivo.

Sociedade Educacional Positivo. (2001d). Orientações metodológicas para a Educação Física: Ensino Médio de 1º a 3º série. 1º. Ed. Curitiba: Editora da Sociedade Educacional Positivo.

4

COMPORTAMENTO MOTOR NO BRASIL: UMA BREVE HISTÓRIA DO MEU ENVOLVIMENTO COM A ÁREA

Go Tani

Universidade de São Paulo

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Recebi da Sociedade Brasileira de Comportamento Motor (SOCIBRACOM) um convite inusitado: escrever um texto sobre a história do meu envolvimento com a área. A Sociedade teve a ideia de publicar um livro, reunindo os depoimentos de seus pesquisadores pioneiros, para registrar e documentar o início das pesquisas em Comportamento Motor (CM) no Brasil.

Quis o destino que fosse um dos pesquisadores que introduziram a área de CM no contexto da Educação Física brasileira, de modo que o gentil convite muito me toca ao mesmo tempo em que me faz sentir um privilegiado em participar do empreendimento. Afinal, trata-se de uma iniciativa que me possibilita rememorar passagens, recordar episódios, refletir sobre sonhos perseguidos, desafios enfrentados e ações realizadas; enfim, descrever o caminho percorrido aproveitando a oportunidade ímpar que a inevitabilidade histórica de ter sido um dos pioneiros oferece. Agradeço aos Professores Renato de Moraes e Sérgio Tosi Rodrigues, presidente e vice-presidente respectivamente da SOCIBRACOM e responsáveis pela edição do presente volume, por me proporcionar essa experiência única.

Contar sobre a sua própria vida não é nada confortável. No mínimo constrange. Por sorte, o convite veio acompanhado de um pequeno roteiro sugerindo tópicos a serem abordados. Ótimo, porque certamente teria muitas dificuldades em definir o que escrever e como escrever. Desta maneira, seguindo as orientações e sugestões dos Editores, serão feitos inicialmente alguns comentários sobre a minha vida prévia ao envolvimento com o curso de preparação profissional em Educação Física, procurando explorar possíveis razões e motivações que me conduziram à escolha de ser professor de Educação Física. Em seguida será feita uma descrição sucinta do curso de preparação profissional frequentado, procurando identificar elementos que tenham, supostamente, me despertado para o universo da pesquisa. A formação pós-graduada no Exterior será abordada a seguir, com destaque para os fatores que me levaram à definição da área de investigação a ser perseguida ao longo da carreira. Finalmente, alguns comentários serão feitos sobre o ingresso na carreira universitária e a minha eventual contribuição para o desenvolvimento da área de CM na Educação Física brasileira.

DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Sou filho de imigrantes japoneses, um *nissei*, que significa em japonês, de segunda geração. Nasci em 19 de junho de 1951, na periferia da cidade de São Paulo, local conhecido como Jaraguá, que fica na altura do Km 25 da Via Anhanguera - rodovia que corta o Estado de São Paulo em direção ao noroeste, a partir da Capital. Meu pai (Sobei Tani) chegou ao Brasil em 1931 na primeira turma de estagiários do Instituto de Prática Agrícola de São Paulo (também chamado de Instituto Prático de Agricultura de São Paulo, Instituto Prático Agrícola de São Paulo ou simplesmente Escola Particular de M'Boy). Tinha 23 anos de idade, natural da cidade de Futsukaichi, província de Fukuoka, e era formado em Economia pela Universidade de Keio em Tóquio. Minha mãe (Mineco Tani), natural da cidade de Kurume, também da província de Fukuoka,

chegou ao Brasil em 1925, aos 15 anos de idade, com o Ensino Médio já concluído, algo raro naquela época, sobretudo entre mulheres. Meus pais tiveram oito filhos, dos quais os dois primeiros faleceram precocemente vítimas de doenças e mau atendimento médico (paralisia infantil e amebíase, respectivamente) por causa da Segunda Guerra Mundial. Os imigrantes japoneses e seus descendentes não eram devidamente atendidos nos hospitais brasileiros. Sou filho caçula e nasci em casa - um parto sem atendimento médico, apenas com o auxílio de uma vizinha desempenhando o papel de parteira. Nada incomum naquela época, ao menos na colônia japonesa onde nasci. A minha mãe era uma das que desempenhavam, com frequência, essa mesma função na comunidade.

A família Tani viveu da lavoura nas cercanias da cidade de São Paulo, primeiro em Itapecerica da Serra e depois em Perus, Morro Doce e finalmente em Jaraguá. A lavoura consistia do cultivo de legumes e hortaliças, particularmente tomate, batata e milho. Em Jaraguá, a principal atividade produtiva mudou da lavoura para a granja de galinhas poedeiras. A vida foi apertada para a família Tani no que se refere ao aspecto financeiro. Manter uma família de seis filhos com pequena lavoura/granja não era nada trivial. Tudo que se produzia vendia-se na feira-livre (barracas que eram montadas nas ruas, em locais pré-determinados, pela Prefeitura Municipal de São Paulo), três vezes por semana (bairros de Presidente Altino, Vila Romana e Lapa). Lembro-me de acordar às 03h30min da madrugada todas as terças, quintas e domingos para vender ovos na feira, desde a infância. Depois da feira, que terminava em torno do meio-dia, ia à escola. Vivi da lavoura/granja até os 19 anos de idade.

O local onde nasci e passei a infância e adolescência era uma colônia japonesa composta de aproximadamente 15 famílias de imigrantes que viviam todas da lavoura/granja. Talvez seja interessante mencionar que a vida na lavoura/granja naquela época significava realizar diariamente atividades como capinar com enxada, cavoucar com enxadão, desmatar com foice, retirar água do poço de vários metros de profundidade com balde, carregar latas de água no braço/ombro para regar hortaliças e

suprir os galinheiros, colher ovos três vezes ao dia, colher e lavar legumes e verduras para vender na feira e assim por diante. Longe da imagem de agricultura aparelhada, mecanizada e até automatizada que se tem atualmente das grandes lavouras.

A luz elétrica, produzida por dínamo acoplado a um motor a diesel, entrou na minha casa quando tinha 14 anos de idade. Até então, era tudo a vela ou lampião de querosene. Assisti à televisão pela primeira vez aproximadamente aos 12 anos de idade, na casa dos avós maternos. Lembro-me que fiquei deslumbrado com o programa “Rim tim tim”. O piso da casa era de terra batida até o início da adolescência. O fogão, à lenha, obviamente. Geladeira, só bem mais tarde. O banho, um *ofurô* (de imersão) também à lenha, com o uso de um tambor metálico improvisado.

Conto essas estórias familiares apenas para que os leitores tenham uma pequena ideia do contexto em que passei a minha infância e adolescência. Um contexto que pode parecer um tanto rústico para os dias de hoje, mas que me possibilitou viver intensamente, em contato com a natureza, num ambiente familiar e comunitário de muita paz e harmonia, repleto de calor humano. Uma feliz infância e adolescência, sem dúvida.

Se a família Tani tinha dificuldades no domínio financeiro, no âmbito afetivo, social e notadamente cultural era “afortunada”. Quando comentei sobre a chegada dos meus pais ao Brasil, intencionalmente descrevi as suas formações educacionais, pois as escolaridades que possuíam não eram nada comuns naquela época, nomeadamente entre os imigrantes. Provavelmente em razão dessa condição peculiar, apesar das dificuldades financeiras, educação e cultura sempre foram privilegiadas na família Tani. Por exemplo, os pais faziam questão de importar três publicações do Japão de periodicidade mensal, uma revista chamada “Judô” e duas coletâneas clássicas de considerável volume denominadas, respectivamente, de “*Bunguei Shunju*” e “*Ooru Yomimono*” (salvo melhor juízo, editadas até os dias de hoje no Japão). Essas coletâneas contemplavam literatura, arte, crônica e atualidades, possibilitando-lhes manterem-se conectados com a cultura em geral e a japonesa

em particular, e assim compartilhar os conhecimentos na convivência social e familiar.

Meu pai era um idealista, um educador no sentido amplo da palavra, cujo objetivo de vida era contribuir para a formação de crianças e jovens, descendentes de imigrantes japoneses, por meio do ensino do judô e da Língua Japonesa. O seu maior orgulho foi ter conseguido lograr esse objetivo sem cobrar um tostão de seus alunos. Na colônia, ninguém o chamava pelo nome, mas sim por *Sensei* (professor). Em virtude dessa postura e atitude altruísta de educador, tinha uma forte liderança na colônia onde vivíamos e na comunidade japonesa de uma forma geral. Isso certamente influenciava o ambiente familiar e a formação dos filhos. Nós tínhamos muito orgulho desse ambiente familiar privilegiado no plano afetivo, educacional, social e cultural.

No âmbito esportivo gostaria de destacar que meu pai foi um dos pioneiros que introduziram o judô no Brasil. Ele foi atleta e fazia parte da equipe representativa da Universidade de Keio, que disputava as competições universitárias japonesas. No Brasil, sempre manteve um *dojo* (academia) onde morava. O último foi em Jaraguá, conhecido e reconhecido nacionalmente por suas conquistas. Como já foi mencionado, seu objetivo era educar por meio do judô, mas foi bem-sucedido também no domínio competitivo. Formou vários campeões brasileiros, sul-americanos e pan-americanos e o ápice dessas conquistas foi ter formado o primeiro judoca olímpico brasileiro (Lhofei Shiozawa, quinto colocado nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964). Apenas por curiosidade, somando os graus de todos os filhos (quatro) e do pai, tínhamos na família Tani 22 graus de faixa preta, motivo pelo qual nunca entrou ladrão na nossa casa, apesar de as portas e janelas estarem sempre destrancadas! O nome Sobei Tani está presente em todos os livros que tratam da história do judô no Brasil.

O judô era o carro chefe das atividades esportivas na colônia onde nasci e cresci. Mas, não era só isso que se praticava. Jogávamos futebol num terreno baldio (descalços, é claro) e voleibol numa quadra improvisada, depois do treino de judô, sempre aos domingos. Eu,

particularmente, sempre gostei mais de modalidades esportivas coletivas, especialmente do futebol, motivo pelo qual fui o pior atleta de judô entre todos os irmãos (apesar de ter sido medalhista em várias competições em nível paulista e paulistano). Tornei-me faixa preta aos 16 anos de idade, porém a minha vida atlética teve curta duração em virtude de grave lesão no ombro esquerdo (luxação crônica).

Quando estava no ginásio e científico (assim eram chamados os hoje ensino fundamental de primeira a quinta séries e o ensino médio, respectivamente), “cabulei” muitas aulas para jogar futebol num campo perto da escola. Eu e mais a metade da classe! Como era bom. Não satisfeito, depois das aulas, mesmo sabendo que teria que acordar muito cedo no dia seguinte para trabalhar na feira, ia jogar voleibol num clube *nikkei* (de origem japonesa) e basquetebol num outro clube social. O esporte tinha um significado muito importante na minha vida. Brinco dizendo que tive duas grandes paixões: a minha namorada, atual esposa, e o futebol; hoje diria que se soma a essas duas uma terceira, mais recente, que é o tênis. Sem falar do Corinthians, nesse caso, mais do que uma paixão um “estado de espírito”, desde criancinha!

Estudei sempre em escolas públicas. Os três primeiros anos do primário numa escola rural de um só professor que ficava a aproximadamente 3 km da minha casa. Fazia o percurso a pé (descalço), literalmente no meio do mato. O quarto ano estudei numa escola urbana, no bairro da Lapa, o que implicava andar a pé 2,5 km até a Via Anhanguera, tomar um ônibus e rodar mais 16 km. O ginásio e o científico foram feitos numa outra escola pública no bairro de Vila Anastácio, próximo ao Bairro da Lapa. Como apontado anteriormente, às terças e quintas feiras, a ida à escola se fazia a partir do local das feiras.

Terminado o científico tinha que decidir sobre o futuro dos meus estudos em nível superior. Confesso que não foi uma decisão sofrida muito menos “traumática” como se configura aos jovens nos dias de hoje. Três fatores contribuíram para a escolha da Educação Física. O primeiro, de natureza financeira. Pensei, por exemplo, em fazer Engenharia, mas isso implicava pagar o cursinho durante um ano e não

tinha condições familiares para tanto. Perdi a mãe aos 16 anos, o pai aos 19, e fui viver com o irmão mais velho, no Bairro de Pirituba, numa casa permutada com o terreno da granja/lavoura, pouco antes do falecimento do pai. Naturalmente, não se tinha nenhuma segurança de que, com o cursinho, o ingresso no ensino superior estava garantido, visto que tinha de ser necessariamente numa instituição pública (gratuita). Na Educação Física tinha mais confiança de que poderia ingressar sem cursinho e, além disso, o curso seria de apenas três anos. Poderia começar a trabalhar mais cedo. O segundo fator foi de origem familiar, pois o irmão mais velho trabalhava com a Educação Física. O último, de cariz pessoal e provavelmente de maior peso na decisão, foi o gosto pelo esporte. No entanto, confesso que as aulas de Educação Física no ginásio e científico exerceram pouca influência nessa decisão, apesar de tê-las gostado muito porque se resumiam basicamente a jogar, jogar e jogar.

DO CURSO DE PREPARAÇÃO PROFISSIONAL

Ingressei no curso de licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo (EEFUSP), hoje Escola de Educação Física e Esporte (EEFEUSP, a ser adotado doravante), em 1970, mas comecei os estudos efetivamente no ano seguinte. Convocado para servir o Exército, eu tranquei a matrícula na Universidade e fui fazer o CPOR - Centro de Preparação de Oficiais da Reserva - que teve a duração de um ano. Foi um dos anos mais divertidos de minha vida. Existia no CPOR uma “olimpíada” interna, um campeonato anual de várias modalidades esportivas acirradamente disputadas pelas diferentes armas. A Artilharia não ganhava esse campeonato há muito tempo e a ordem era ganhar naquele ano. Como as aulas eram de meio-período e eu era “laranjeira” (aquele que dorme no quartel e vai para casa apenas no fim de semana), praticava esporte a tarde inteira, todos os dias. Fui chamado de “Bombril”, pois era titular nas modalidades de futebol de salão, futebol de campo, basquetebol, voleibol, atletismo (salto em

distância e triplo) e arremesso de granada. Ganhamos a “olimpíada”. Sou um segundo tenente artilheiro R/2, muito orgulhoso de ter contribuído para essa esperada conquista.

O ingresso na EEFÉUSP merece alguns comentários. Por motivo de segurança, fiz um cursinho preparatório de curta duração oferecido pelo CARB (Centro Acadêmico Rui Barbosa). Confesso que o vestibular foi “moleza”, sem nenhuma intenção de desmerecer o processo seletivo, tampouco de manifestar qualquer sentimento de prepotência. É que o vestibular era feito pela própria EEFÉUSP e se consistia de uma prova teórica e uma prática. A prova teórica, bastante simples, não exigia grandes conhecimentos acadêmicos. A prova prática, essa foi deveras “interessante”. Descrevo-a com uma pitada de crítica, mas estou ciente de que fatos históricos necessitam ser interpretados no seu devido tempo e contexto. Caso contrário, corre-se o risco de achar, por exemplo, que o nosso Santos Dumont fora um ingênuo com o seu 14 Bis, conhecendo-se a tecnologia dos jatos de hoje. Essa postura crítica teve influência na minha busca por estudos pós-graduados.

A prova prática se consistiu de testes de habilidades motoras e de capacidades físicas relacionadas à ginástica, atletismo e natação (se a memória já me trai, peço desculpas antecipadas). Na ginástica envolvia alguns exercícios de solo e um teste muito estranho: subir a corda até o teto (aproximadamente 5m de altura) só com o uso dos braços. No atletismo consistia em correr os 400m rasos e os 110m com barreiras. Não é preciso dizer que as minhas vivências esportivas na infância e adolescência (descritas anteriormente) tinham sido suficientes para ser bem-sucedido nesses testes. Isto para ingressar num curso de formação profissional, naturalmente de nível superior, na Universidade de São Paulo. Não é espantoso?

Mas, o mais “interessante” da prova prática do vestibular estava reservado para as duas modalidades restantes: de natação e de aptidão física - teste de Cooper (o “must” daquela época). Na natação, consistia em nadar 400m em estilo livre sem parar. Essa prova foi realmente de “matar” para um atleta de judô. Lembro-me que os primeiros 50m

eu nadei com o corpo na horizontal, o restante foi com ele na vertical brigando com a água, dando golpes de *seoi nague* e *ashi harai* no meio líquido. Empurrado pela torcida de colegas vestibulandos, que gritavam à beira da piscina “vai, vai, não desista”, felizmente os meus pulmões deram conta do recado.

Pensando bem, aliás, bem pouquinho, nos dias de hoje, a pergunta que imediatamente surge é o que se avalia fazendo alguém nadar 400m sem parar: a capacidade de nado (habilidade motora) ou a capacidade física (resistência cardiorrespiratória)? Caso opte pela primeira alternativa, está-se assumindo, de pronto, a incompetência do avaliador, pois para se diagnosticar se uma pessoa sabe nadar ou não, basta observar apenas alguns metros de seu nado. Por outro lado, aceitando-se a segunda alternativa, outra indagação inevitavelmente surge: como justificar o teste de Cooper a ser realizado no dia seguinte ao de natação, se ambos avaliam a mesma resistência cardiorrespiratória? Estou certo de que o “risco Santos Dumont” anteriormente mencionado não cabe nesse episódio, pois o teste de natação nos moldes realizados negligenciou a primeira pergunta que se faz, desde sempre, na realização de qualquer avaliação: qual o seu objetivo? De qualquer maneira, confesso que naquela época não tinha conhecimentos suficientes para questionar a validade dessas provas práticas para ingressar num curso de nível superior.

Da mesma forma que no vestibular, o curso de licenciatura como um todo não exigiu tanto esforço e dedicação. Provavelmente porque a grade curricular contemplava muitas disciplinas chamadas práticas em que o desempenho motor (saber executar) era ao mesmo tempo o objetivo, o foco da avaliação e o critério de aprovação. Lembro-me que tive algumas dificuldades somente na disciplina de ginástica artística, nomeadamente nas provas de aparelho, em virtude da grave lesão de ombro já mencionada. Novamente, as vivências esportivas na infância e adolescência tinham possibilitado a aquisição de competência motora o suficiente para concluir o curso de licenciatura sem grandes dificuldades. Na disciplina de judô cheguei inclusive a dar aulas aos colegas de turma.

As disciplinas chamadas teóricas eram basicamente do domínio biológico - por exemplo, Anatomia, Biometria, Fisiologia do Exercício, Cinesiologia (Anatomia Aplicada), Socorros de Urgência - e pedagógico - por exemplo, Didática Geral, Metodologia do Ensino e Psicopedagogia. Poucas disciplinas do domínio comportamental e sociocultural eram contempladas na grade curricular. Recordo-me apenas das disciplinas de História da Educação Física e de Recreação. A maioria das disciplinas teóricas era ministrada por professores não formados em Educação Física, muitas vezes docentes de outras unidades da Universidade de São Paulo (USP) que gentilmente vinham dar as suas contribuições na EEFEUSP. Algo inevitável em virtude do estado de desenvolvimento acadêmico-científico da Educação Física, que limitava a formação de professores de Educação Física especializados e qualificados para ministrar essas disciplinas teóricas. De qualquer forma, uma crítica comum dos alunos era de que os professores externos à Escola não faziam a devida adaptação dos conhecimentos teóricos de sua especialidade aos problemas e necessidades práticos da Educação Física.

Ao concluir o curso de licenciatura, nutria um sentimento de precariedade e insatisfação relativamente aos conhecimentos adquiridos, particularmente os teóricos. Reconheço que o mote dos cursos de preparação profissional à época era “aprender a executar para poder ensinar”, o que implicava uma ênfase às vivências práticas nas disciplinas de diferentes modalidades esportivas. A minha experiência com a disciplina de Fisiologia do Exercício ilustra de onde provavelmente emanava essa insatisfação. Recordo-me que essa disciplina abordava fundamentalmente os sistemas muscular e cardiorrespiratório. Tenho dúvidas se abordava de fato sistemas ou simplesmente o funcionamento do músculo e do coração. Mas, um dia o professor deu uma aula sobre o sistema nervoso, muito rapidamente, começando por um tal de neurônio. Depois, falou do sistema nervoso central e periférico, muito sucintamente. Foi para mim “chocante”. Pela primeira vez, estava ouvindo alguém falar sobre funcionamento do cérebro num curso de Graduação em Educação Física. Um conhecimento que me fez tomar ciência de

que o músculo não funcionava sem uma “mensagem” proveniente do cérebro, ou seja, sem essa mensagem o movimento sequer acontecia. Até então, a concepção predominante no curso era de que o movimento era simplesmente resultado da ação muscular. Portanto, quanto mais forte e resistente o músculo, melhor o movimento. Pensei comigo: aí está um conhecimento da Educação Física que de fato precisava aprender. Vibrei.

Tomando novamente o cuidado com o “risco Santos Dumont”, poderia me indagar: seria o conhecimento sobre neurônio um conhecimento da Educação Física que deveria fazer parte do corpo de conhecimentos a ser disseminado num curso de formação profissional de Ensino Superior? Não seria esse um conhecimento básico, mas tão básico que todos os cidadãos necessitariam dominar, de maneira que o mesmo deveria fazer parte do currículo, por exemplo, de Ensino Médio? Seriam os conhecimentos teóricos disponíveis, próprios da Educação Física, tão limitados em extensão e profundidade a ponto de um conhecimento básico de outra área de conhecimento parecer ser específico dela? Ou isto nada mais significava do que a precariedade dos conteúdos ensinados na educação compulsória (primário, ginásio e científico) fazendo com que conhecimentos básicos precisassem ser abordados no Ensino Superior, qualquer que seja a formação pretendida?

Ademais, quando se pensa nos conhecimentos teóricos da Educação Física disseminados num curso de preparação profissional, além de sua precariedade, havia o problema de acessibilidade. O contato com esses conhecimentos era viabilizado por meio de “mini apostilas” elaboradas pelos docentes e mimeografadas pelo CARB, à venda nas suas acanhadas instalações. Os poucos livros disponíveis eram obras de autores estrangeiros traduzidas para o espanhol, que vinham da Argentina.

Evidentemente, não se pode deixar de considerar o estado da arte relativamente ao corpo de conhecimentos acadêmico-científicos da Educação Física disponíveis naquela época. Sabe-se que a Educação Física tem uma trajetória relativamente longa como um curso de preparação profissional e como uma área de intervenção profissional, mas

a sua história acadêmica é ainda incipiente (Tani, 1996b). Entretanto, se pensarmos bem, tomando como base, por exemplo, a área de CM, o artigo seminal de Adams “*A closed-loop theory of motor learning*” foi publicado exatamente no ano em que estava fazendo o meu primeiro ano de licenciatura, isto é, em 1971. Outro artigo clássico “*Movement control in skilled performance*” de Keele tinha sido publicado três anos antes, em 1968, e o de Henry e Rogers [*Increased response latency for complicated movements and a “memory drum” theory of neuromotor reaction*] bem antes, em 1960. Tudo indica que o problema não era apenas de conteúdo disponível para ser disseminado num curso de licenciatura em Educação Física. O buraco era mais fundo: a Educação Física brasileira estava desconectada do mundo acadêmico-científico.

Decerto essa constatação já tinha sido feita por órgãos competentes responsáveis pela condução dos cursos de Educação Física em nível superior. O Departamento de Educação Física e Desporto do Ministério da Educação e Cultura (DED-MEC) tinha assinado convênio, por exemplo, com a Alemanha (Programa de Cooperação Brasil-Alemanha) para intercâmbio de professores, viabilizando estágios de docentes brasileiros em universidades alemãs e a vinda de professores alemães para ministrar cursos de atualização, aperfeiçoamento e especialização nas universidades brasileiras (para maiores detalhes, veja por exemplo, Amadio, 2017). Outra iniciativa era o convênio com universidades americanas para que docentes brasileiros já envolvidos com o Ensino Superior pudessem realizar seus cursos de Mestrado e Doutorado nos EUA. Nessa mesma direção de buscar o status acadêmico, foram implantados os primeiros cursos de Pós-graduação em Educação Física no Brasil. O primeiro, de Mestrado, foi na EFEUSP em 1977, com a participação de docentes de outras áreas de conhecimento.

DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Concluí o meu curso de licenciatura em 1973. Insatisfeito, com vontade de estudar mais, mas sem saber ao certo o que fazer. Alguns colegas de turma foram fazer estágio no único laboratório de pesquisa existente na época na EEFEUSP: Centro Interdepartamental de Pesquisa em Educação Física (CIPEF) com foco em Metabolismo, Fisiologia e Medicina Esportiva. Não me atraía. Restavam os cursos técnicos para dar continuidade aos estudos. Eram cursos sem uma identidade clara, pois não se caracterizavam como um curso de especialização, isto é, de Pós-graduação lato sensu. O conteúdo neles trabalhado era eminentemente técnico e não acadêmico-científico, de modo que apenas dava continuidade ao conhecimento adquirido na licenciatura, capacitando os professores a atuar com mais conhecimento prático nas diferentes modalidades esportivas. Pelo meu passado atlético e também por falta de maiores opções, matriculei-me no curso técnico de judô, cujo objetivo era formar técnicos de judô com Graduação em Educação Física. O curso teve a duração de um ano. É oportuno esclarecer que, posteriormente, todos os cursos técnicos oferecidos pela EEFEUSP foram transformados em cursos de especialização em técnicas esportivas, assumindo um caráter mais acadêmico-científico, ao menos no papel.

Como já apontado, tinha que trabalhar, mas de imediato não tinha nenhuma perspectiva de emprego. Uma alternativa era dar aulas nas escolas, públicas ou privadas. Todavia, não havia previsão de concurso público seja no âmbito estadual ou municipal. Por indicação de um professor, fui dar aulas numa escola particular - Escola Morumbi - para crianças no pré-primário (novidade naquela época). No entanto, foram apenas alguns dias de aulas, pois recebi uma proposta para trabalhar numa academia de judô *full-time*. Não sei por que cargas d'água, o dono de uma academia de judô no bairro de Brooklin Novo tomou conhecimento de que tinha um professor recém-formado em Educação Física na USP com *background* em judô e algumas ideias inovadoras sobre o ensino dessa modalidade. A academia chamava-se “Associação

Infanto-Juvenil de Judô do Brasil”, cujo proprietário era um empresário, praticante de karatê, sem nenhum conhecimento do judô. Tinha, todavia, uma visão diferente: o judô seria mais bem ensinado por um professor de Educação Física conhecedor da modalidade e não por um ex-atleta, talvez porque o seu público era infanto-juvenil.

Apesar de ser filho de um dos pioneiros do judô no Brasil, nascido e crescido numa família de judocas e ter iniciado a sua prática aos seis anos de idade, eu era crítico em relação à iniciação precoce já naquela época. Não sei precisar exatamente as razões dessa postura. Pode ter sido por influência da minha própria experiência precoce no judô (lembro-me da experiência horrível de tensão exacerbada da minha primeira luta numa competição oficial - campeonato paulistano - aos oito anos de idade, no ginásio do Pacaembu). Pode também ter sido algum conhecimento que tinha aprendido no curso de licenciatura. De qualquer modo, a proposta pedagógica que fiz ao negociar o meu emprego poderia ser sucintamente descrito como “aulas de educação física infantil para crianças vestindo *judogui* - uniforme de judô”. Em outras palavras, o que seria trabalhado com as crianças eram os movimentos e as capacidades motoras e físicas próprios da infância, utilizando-se do contexto peculiar - esportivo, educacional, cultural, filosófico - do judô. Na medida das possibilidades, conteúdos específicos do judô seriam gradativamente inseridos. Por exemplo, ao mesmo tempo em que as crianças aprendiam rolamentos e cambalhotas, aprendiam também o *ukemi* (queda).

Para começar, as crianças, antes de fazer a matrícula, passavam por uma avaliação motora e física constituída de testes de coordenação motora e de certas capacidades físicas. Para cada criança era elaborada uma ficha de avaliação em que era registrado o seu desempenho no teste inicial e nos testes periódica e regularmente aplicados ao longo do tempo. Outra novidade é que os pais acompanhavam todos os testes e eram informados sobre o desenvolvimento dos seus filhos. Além disso, eram realizadas reuniões mensais com todos os pais para esclarecer sobre a proposta pedagógica em curso e discutir sobre o desenvolvimento

e comportamento dos filhos. Na realidade, era como se fossem aulas de Educação Física também para os pais, estimulando a sua coparticipação efetiva na educação dos filhos.

A proposta foi um sucesso. Em poucos meses o número de alunos tinha triplicado e a notícia se espalhou rapidamente pelo bairro. Como consequência, tivemos que abrir novas turmas e, interessantemente, turmas também para os próprios pais, ou seja, programas de “educação física para adultos vestindo *judogui*”. Essa visão empresarial do dono da academia e a nossa experiência pedagógica inovadora foram posteriormente aplicadas ao futebol, resultando num projeto denominado de “Escola Bellini de Futebol” com a participação do ex-capitão da seleção brasileira Hideraldo Luis Bellini e do grande jogador também da seleção, Djalma Santos. Como não havia campos de futebol nas redondezas, a logística consistia de as crianças se reunirem na academia de judô, para depois serem transportados de ônibus a um clube social no Bairro de Campo Limpo, onde eram realizadas as aulas. O empreendimento foi também muito bem-sucedido.

Apesar dessa rica experiência com o ensino do judô, a minha insegurança com o futuro profissional persistia. Isto porque, financeiramente, quem estava lucrando com esse empreendimento bem-sucedido era o empresário, dono da academia e da escola de futebol. Alimentava a dúvida: será que consigo ter uma vida digna trabalhando nisso? Será que vou ser professor de judô pelo resto da vida? Ao mesmo tempo em que dava aulas continuei a treinar o judô por teimosia (na academia do primeiro medalhista olímpico brasileiro, Chiaki Ishii). Tinha feito uma cirurgia no ombro logo depois de formado, o que me permitia treinar, mas sem poder ter grandes aspirações como atleta. Chegar ao terceiro *dan* (grau) era o objetivo precípua.

DA BUSCA DA FORMAÇÃO PÓS-GRADUADA

Os meus irmãos sabiam da minha vontade de continuar estudando. Um belo dia, um deles, que trabalhava numa empresa japonesa em São Paulo, trouxe-me um exemplar do jornal “Paulista Shimbun” direcionado para a comunidade japonesa, em que havia um anúncio do Consulado Geral do Japão em São Paulo sobre uma bolsa de estudos oferecida pelo Ministério da Educação e Cultura daquele País (*Mombusho*). A bolsa era aberta para candidatos de todas as áreas de conhecimento, de maneira que a concorrência se prenunciava bastante elevada. Mas, não custava tentar. Além da possibilidade de estudos, seria também uma oportunidade ímpar de conhecer a terra dos meus pais e, conseqüentemente, as minhas raízes. Elaborei um projeto de pesquisa - na verdade muito mais uma intenção de estudos, visto que não sabia nada de pesquisa - e me inscrevi, sem grandes expectativas. O projeto tentava juntar o judô e o pouco que sabia sobre a Fisiologia do Exercício, o que resultou num projeto sobre a melhoria da capacidade aeróbia de judocas. Era tudo que conseguia fazer para “vender o peixe”.

Passado algum tempo, recebi a visita de um cunhado (tenho duas irmãs) na academia onde trabalhava (tinha deixado o telefone dele no Consulado para contato, já que não tinha telefone na minha casa) trazendo a grande notícia: havia sido aprovado na primeira fase e selecionado para a entrevista. Para encurtar a história, fui contemplado com a bolsa. Era uma das sete bolsas aprovadas dentre 126 candidatos. Até hoje não sei ao certo o que me levou a ser contemplado. Posso especular algumas possibilidades. A primeira delas seria que até então apenas um brasileiro da área de Educação Física tinha recebido a referida bolsa. A outra seria a influência da história da minha família no judô, particularmente do meu pai, que era de amplo conhecimento e reconhecimento no Consulado. A terceira seria a intenção de estudo em que o judô estava sendo associado à Fisiologia de Exercício no momento em que o teste de Cooper e a “onda” da capacidade aeróbia andavam em alta. A última poderia ser o meu histórico escolar na EEFUEUSP que, apesar de

pouca dedicação e esforço, tinha sido dos melhores no que se refere a notas, senão o melhor da turma.

Em outubro de 1975 estava embarcando para o Japão cheio de expectativas, mas absolutamente inseguro por causa da minha formação acadêmica que julgava precária e do meu pouco conhecimento da Língua Japonesa. A bolsa era de pesquisa com duração de um ano e meio e a possibilidade de prorrogação caso ingressasse na Pós-graduação. Para os que tinham dificuldade com a língua, como era o meu caso, os primeiros seis meses seriam dedicados para o seu aperfeiçoamento numa universidade de estudos estrangeiros que ficava na cidade de Osaka - Universidade de Osaka para Estudos Estrangeiros (*Osaka Gaidai*).

Desembarquei no aeroporto de Haneda em Tóquio e tomei o trem bala (*Shinkansen*) para Osaka. Chegando a esta cidade, à noite, o primeiro baque: fomos levados para um dormitório de estudantes estrangeiros na periferia da cidade, no meio de pequenas plantações de arroz (bairro de Higashi Hanazono). Um lugar bucólico, silencioso e frio. O dormitório, por sua vez, estava lotado de estudantes estrangeiros vindos de várias partes do mundo, principalmente do Sudeste Asiático. Como todos ali estavam para aprender a Língua Japonesa, a comunicação se fazia em inglês e o meu inglês era pior que o japonês. Por outro lado, essas primeiras dificuldades tiveram o seu lado pedagógico: logo percebi que não tinha outra coisa a fazer ali senão estudar a Língua Japonesa. Ademais, ficou claro que se não conseguisse chegar a um nível razoável de domínio dessa Língua, melhor seria voltar para casa. Provavelmente, no que se refere a horas estudadas por dia, foram os seis meses mais intensos de minha vida. Tinha algumas vantagens sobre outros estudantes estrangeiros: a minha adaptação social e cultural foi mais rápida em virtude da educação recebida dos meus pais. Por exemplo, enquanto eles achavam a comida japonesa um escândalo, eu achava uma delícia! Consegui terminar o curso intensivo de nível intermediário com sucesso. O próximo destino: Universidade de Hiroshima, na cidade de mesmo nome, a 500 km de Osaka.

A ida para a Universidade de Hiroshima não foi minha escolha, mesmo porque nada conhecia sobre esta Instituição. A decisão foi do próprio Ministério da Educação e Cultura que alocava os bolsistas de acordo com o seu projeto de pesquisa. Em outras palavras, os estudantes estrangeiros eram encaminhados às universidades em que havia docentes e pesquisadores especialistas sobre o tema do projeto. Fui recebido pelo Professor Tsuyoshi Kawamura na Faculdade Integrada de Artes e Ciências. A Educação Física era um Departamento dessa Faculdade e era responsável pelo ensino do componente curricular de Educação Física para estudantes de todos os cursos (a chamada educação física obrigatória no Ensino Superior, no Brasil). Isto significava que não havia curso de Graduação nem de Pós-graduação em Educação Física nessa Faculdade. O curso de Graduação era oferecido num campus avançado da Universidade que ficava na cidade de Fukuyama, à aproximadamente 97 km da cidade de Hiroshima. O Professor Kawamura era o chefe de departamento e não era especialista em judô, de maneira que a minha orientação (tutoria) foi delegada ao Professor Massahiro Sugiyama, um professor de Educação Física e faixa preta quinto *dan*, que além de dar aulas fazia pesquisa sobre Fisiologia do Exercício aplicada ao judô.

A linha de pesquisa do Professor Sugiyama era avaliar o consumo de oxigênio dos judocas numa situação de luta (*randori*). De acordo com a sua visão, a avaliação na esteira rolante tinha pouca validade ecológica para avaliar a condição cardiorrespiratória dos judocas. Passei um ano analisando gases coletados no Douglas Bag, utilizando o aparelho denominado Micro-Scholander. Deste esforço resultaram os dois primeiros artigos por mim publicados, em coautoria com o Professor Sugiyama (Sugiyama & Tani, 1977, 1978).

Poderia ter voltado ao Brasil ao concluir o estágio de pesquisa na Universidade de Hiroshima. Todavia, já tinha decidido tentar ingressar no Mestrado e permanecer estudando no Japão. Afinal, havia experimentado pela primeira vez um ambiente de produção de conhecimentos, com orientação segura de um pesquisador experiente. Tinha incorporado o gosto pela pesquisa, apesar de alimentar dúvidas quanto

ao problema de investigação. Não me estava claro onde o problema se situava. Queria continuar estudando o judô, mas alguma coisa que trazia desde a época de atleta me incomodava. Nem desconfiava que essas dúvidas fazem companhia ao pesquisador por toda a sua vida. O estágio de um ano sob a tutela do Professor Sugiyama foi providencial, pois sem ele não teria tido nem condições de pleitear o ingresso no Mestrado. No Japão não se aceitava curso superior de apenas três anos, como tinha sido o meu curso de licenciatura na EEFEUSP.

Para continuar os estudos no Japão tinha, portanto, um desafio imediato: ingressar no Mestrado e isto significava ser aprovado numa prova de seleção. O curso seria no campus avançado da Universidade na cidade de Fukuyama, com um novo orientador. Foi um período angustiante de muitas dúvidas e incertezas. Caso não fosse aprovado teria que retornar imediatamente ao Brasil. A angústia era reforçada por um sentimento de orgulho que me fazia pensar que seria um belo fracassado se voltasse ao Brasil sem a Pós-graduação. Foi nesse período difícil que aconteceu uma coisa que mudou a minha vida acadêmica e profissional para sempre.

Um belo dia fui convidado, de uma forma bastante informal, por outro professor do Departamento de Educação Física da Faculdade Integrada de Artes e Ciências para visitar o seu gabinete (o convite é sempre para tomar um chá). Ele queria me conhecer porque tinha parentes que viviam em São Paulo e alimentava muitas curiosidades sobre o Brasil. Seu nome era Koji Choshi. Recordo-me que ao adentrar o seu gabinete levei um grande susto: todas as paredes estavam literalmente tomadas por estantes recheadas de livros e a sala não era pequena. Ao passar os olhos nas estantes, outro susto: não havia nada sobre Educação Física, pelo menos dentro do entendimento que dela tinha (livros sobre modalidades esportivas, por exemplo). Conversamos longamente sobre assuntos genéricos e ao final ele me ofertou o primeiro livro que tinha publicado. Chamava-se “Psicologia do timing” (Choshi, 1972).

Ao retornar ao alojamento comecei a ler e não conseguia mais parar. Estava difícil de entender, mas pelo pouco que conseguia assimilar foi

como se tivesse acendido uma luz para clarear um caminho de coisas obscuras e nebulosas que habitavam a minha mente há muito tempo, relativamente ao que de fato gostaria de estudar no judô. O livro tratava de habilidades motoras, seus mecanismos subjacentes e os processos envolvidos na sua aquisição.

Aquela dúvida que foi crescendo paralelamente às minhas primeiras pesquisas sobre consumo de oxigênio no judô dissipou-se. Algo me dizia que a melhoria no consumo de oxigênio não respondia à pergunta que tinha sobre o judô. Essa pergunta remontava às experiências práticas nos tempos de atleta juvenil e tinha a ver com Lhofei Shiozawa, o primeiro atleta olímpico brasileiro, aluno do meu pai. Lutar com ele era uma delícia, apesar de não conseguir parar em pé. As quedas eram suaves, nem se sentia quando caía. Ao contrário, quando lutava com outros atletas adultos, principalmente com um dos meus irmãos, a queda era doída. Naturalmente, não conseguia discernir onde estava a causa da diferença tão gritante. O livro do Professor Choshi desvendou-me o mistério: a diferença estava na habilidade motora do Shiozawa. Aliás, habilidade que era reconhecida por todos os adversários que o enfrentavam e invariavelmente eram derrotados. No linguajar dos judocas, a diferença estava na técnica e não na força. O Shiozawa aplicava o golpe no momento certo (relativamente ao desequilíbrio do oponente), ou seja, com timing perfeito. Os outros aplicavam o golpe à base da força, mesmo quando o oponente não estava devidamente desequilibrado. Derrubavam na marra e, por isso, doía.

O livro do Professor Choshi introduziu-me à área de Aprendizagem Motora. A minha pergunta passou a ser: como se adquire habilidades motoras no judô? O que importava no judô passou da quantidade para a qualidade dos movimentos. Não parei mais de visitar o seu gabinete. Comecei a ler tudo sobre Aprendizagem Motora, uma deliciosa e desafiante novidade. Mas o tempo corria: precisava me preparar para ingressar no Mestrado. Foi quando o mundo se mostrou novamente pequeno, conspirando a meu favor. O Professor Choshi me apresentou ao Professor Hitoshi Hagiwara, coordenador do programa de

Pós-graduação em Educação Física no campus de Fukuyama. Os dois eram amigos de longa data e companheiros de pesquisa, tendo publicado livros e artigos em coautoria. Ficou acertado que, se conseguisse passar no processo de seleção, ele me orientaria no Mestrado.

Fui feliz nas provas de seleção e em abril de 1976 começava o meu curso de Mestrado. Em muitas universidades japonesas, a Educação Física é um departamento da Faculdade de Educação. A Faculdade de Educação da Universidade de Hiroshima tinha uma grande reputação no Japão, rivalizando-se com a Universidade de Educação de Tóquio (não confundir com a Universidade de Tóquio). Em se tratando de instituição vinculada à Educação, falava-se: a leste, de Tóquio; a oeste, de Hiroshima. Tamanha era a reputação dessas duas Instituições. Depois tomei conhecimento de que de Tóquio era mais de “direita” e de Hiroshima de “esquerda”, no espectro político. Na Faculdade de Educação da Universidade de Hiroshima, a grande bandeira da Pós-graduação era um programa que se denominava, em tradução literal, “Ensino de Disciplinas Curriculares” em que cada disciplina curricular do ensino formal estava representada nos cursos de Mestrado e Doutorado. Em Educação Física só existia o Mestrado.

O Professor Hagiwara era formado em Medicina, mas com um amplo leque de interesses acadêmicos, desde estudos filosóficos da Educação e Educação Física até investigações mais microscópicas como a análise eletroencefalográfica da aprendizagem motora e do controle motor. Além disso, era uma liderança respeitadíssima na Faculdade de Educação como um todo, participando de várias instâncias decisórias. Impressionava a todos, não somente a seus orientandos, a amplitude e a profundidade dos seus conhecimentos, assim como a sua postura ética e política. Era um marxista convicto e muito crítico do Japão militarista. Teve que participar da Segunda Guerra Mundial como médico do exército japonês na Manchúria. As histórias que nos contava da sua triste experiência, cheio de emoção, evidenciavam o repúdio incomensurável que sentia pela guerra e a esperança de que a humanidade pudesse usar a educação como uma arma para não repetir a mesma tragédia. Aliás,

viver em Hiroshima foi para mim um privilégio, pois a cidade lembra e denuncia, no seu dia a dia, em todas as suas atividades sociais, educacionais, políticas e culturais, a necessidade de busca permanente da paz. Razões históricas para tanto não lhe faltam. Visitei várias vezes o Museu da Bomba Atômica e estive presente no Parque da Paz, em várias oportunidades, no dia 6 de agosto, para participar da Cerimônia da Paz, data em que foi lançada a primeira bomba atômica na história da humanidade.

O ambiente acadêmico em Fukuyama era calmo e tenso ao mesmo tempo. Calmo porque o laboratório era absolutamente descontraído e acolhedor. Espelhava a personalidade do Professor Hagiwara, avessa a formalidades. Na época ele tinha seus 60 anos de idade. Morava a uns dois quilômetros do campus e vinha todos os dias de bicicleta. Trazia a sua marmita e se sentava na ponta de uma enorme mesa que ficava na sala principal do laboratório. Estava sempre disponível para orientações e discussões. De lá só saía para jogar tênis a partir das 17 horas. Era uma “convocação geral”, todos os dias; os estudantes largavam o estudo e corriam para a quadra. Depois do tênis voltávamos ao laboratório para continuar com conversas que invariavelmente terminavam em fortes discussões acadêmicas. O ambiente ficava tenso, pois docentes de outros laboratórios que não praticavam tênis também se juntavam à discussão. Um detalhe: tudo regado a cerveja, e muita cerveja. Parecia que com a cerveja os japoneses ficavam mais “soltos” e conseguiam dizer “verdades” sem cerimônias. Infelizmente eu não bebia, mas poucos eram os que decepcionavam neste particular. Penso até que para alguns a motivação primeira era a cerveja. O impressionante é que no dia seguinte às 8 horas da manhã estavam todos de volta ao laboratório, inteiros, inclusive o Professor Hagiwara.

Na construção, cultivo e desfruto desse agradável e estimulante ambiente educacional, cultural, social, político e esportivo, eu não posso deixar de registrar e reconhecer a importante participação que tiveram os dois contemporâneos do Mestrado: Katsumi Watahiki e Nobuyuki Inui. O primeiro tinha interesse na História da Educação

Física (especialmente da Alemanha Oriental à época) e o segundo na Fisiologia do Exercício. Como o meu interesse era Aprendizagem Motora, imaginem o trio formado para fazer Mestrado em Educação Física dentro do programa “Ensino de Disciplinas Curriculares”. A discussão era permanente e interminável entre nós. Mesmo depois da reunião pós-tênis (coincidência ou não, eles também não tomavam cerveja), saíamos do laboratório e íamos direto para a pensão de um dos três para continuar a discussão que invariavelmente terminava madrugada adentro. Aprendi muito com eles, incluindo a história do Japão, a sociedade, educação e cultura japonesas e a própria Língua Japonesa.

O Watahiki tinha concluído a Graduação na Universidade de Educação de Tóquio (rival da Faculdade de Educação da Universidade de Hiroshima). Era um marxista radical que tinha participado ativamente de movimentos estudantis em Tóquio durante o curso. O motivo da sua vinda a Fukuyama era essencialmente para receber a orientação do Professor Hagiwara. Lembro-me do imenso acervo bibliográfico que ele possuía sobre o marxismo. Lia compulsivamente. Houve um momento em que, por não ter mais espaço no quarto da pensão onde acomodar os livros, literalmente “montou” uma cama empilhando livros sobre marxismo amarrados e colocando-se um colchonete em cima. O Watahiki era absolutamente crítico em relação ao modelo capitalista, ao imperialismo norte-americano e ao comportamento consumista da sociedade japonesa. A empatia pelo Professor Hagiwara era mais do que compreensível.

O Inui tinha concluído a Graduação na Universidade de Gifu da província de mesmo nome e tinha vindo a Fukuyama para receber orientações do Professor Hagiwara sobre eletroencefalografia aplicada ao estudo do movimento. Seus interesses de investigação estavam mudando da Fisiologia do Exercício para a Neurofisiologia do Movimento. Suas convicções políticas eram mais conservadoras comparadas com as de Watahiki, mesmo assim muito longe da direita japonesa, aquela que levou o País a invadir a Manchúria e a se envolver na Segunda Guerra Mundial. O Inui também era um consumidor de livros compulsivo,

atualizadíssimo inclusive com a literatura internacional. Seu espectro de leituras era mais amplo do que o do Watahiki. Incluía artes e literatura. Qualquer dúvida sobre bibliografia, tanto nacional como estrangeira, acadêmica ou não acadêmica, era só consultá-lo. Sua alegria era passar na livraria e comprar livros. E como tinha livrarias no Japão! De ambos assimilei um vício salutar, mas caro, que cultivo até os dias de hoje: adquirir livros.

A convivência com esses dois contemporâneos foi fundamental na minha formação pessoal e acadêmica. Como o Watahiki estudava os problemas da Educação e Educação Física no nível mais macroscópico de análise e o Inui no nível mais microscópico, os seus olhares, argumentos e interpretações eram diferentes, muitas vezes divergentes, mas também complementares. As nossas discussões não se restringiam a Educação e Educação Física. Discutíamos de tudo - ideologia, política, economia, ciência, educação, arte, esporte, entre tantos outros assuntos. Éramos muito críticos e as argumentações “pegavam fogo”. Isto foi fundamental para preencher a lacuna da minha formação educacional básica e universitária no Brasil. Tornamo-nos grandes amigos.

Sobre essa lacuna cabe um registro. Assim que cheguei a Hiroshima, o Professor Sugiyama me explicou rapidamente como funcionava o curso de Graduação nas universidades japonesas. Informou-me que os dois primeiros anos eram comuns a estudantes de todas as áreas. Somente no terceiro ano que eles começavam a se envolver com as suas respectivas especialidades. Disse-me que esses dois anos envolviam muitas leituras e que na livraria da Cooperativa de Estudantes (Centro de convivência estudantil e loja de materiais escolares e de consumo diário) existia uma estante só de livros direcionados para esses dois primeiros anos. Fui conhecê-la. Eram basicamente livros de filosofia da ciência, história da ciência, epistemologia, lógica e método científico. Tudo “grego” para os padrões de conhecimento por mim adquiridos no curso de licenciatura no Brasil. Muitos livros do acervo particular de Watahiki e Inui vinham dessa época. Por exemplo, eles já tinham, antes de ingressar no Mestrado, os livros “A estrutura das revoluções científicas” de Thomas

Kuhn (1970) e “A lógica da descoberta científica” de Karl Popper (1972). Que inveja e que desespero!

Nas nossas discussões noturnas traçávamos estratégias para “apertar” os professores nas disciplinas frequentadas. Nós tínhamos no curso de Mestrado disciplinas de características mais genéricas - Psicologia, Sociologia, Antropologia, Metodologia de Pesquisa, etc. - que eram frequentadas por alunos de diferentes disciplinas curriculares. Os professores dessas disciplinas eram os nossos “alvos” favoritos. O motivo era o mesmo de sempre: eles achavam que nós da Educação Física éramos mais da “prática”. Queríamos provar o contrário. Ficamos conhecidos como “o trio que incomodava”. Apertar professor significava estudar o tema das aulas de antemão e preparar perguntas, preferencialmente “cabeludas”. Dava muito trabalho, mas era muito divertido.

Estava entusiasmado com os meus estudos, mas o tempo passava rápido. Tinha que escrever uma dissertação. O foco do estudo continuava a ser a aquisição de habilidades motoras do judô. Pensava o seguinte, já influenciado pelo modelo de performance humana que o livro do Professor Choshi trazia: no judô, a informação sensorial mais importante era a cinestésica, visto que a visão era muito lenta para detectar as mudanças posturais do oponente. Como se sabe, no judô (pelo menos naquela época), os oponentes se seguravam pelo *quimono* (uniforme), de modo que a interpretação das informações cinestésicas que chegam das mãos, normalmente encostadas no corpo do oponente, era fundamental para se defender ou preparar o ataque (aplicar o golpe). Estudei muito sobre cinestesia e propriocepção. Lembro-me que li de cabo a rabo o livro “*Proprioceptive control of human movement*” de John Dickinson (1974) e pensava em investigar como os judocas processavam essas informações para fazer o *kuzushi* (desequilíbrio). Tinha feito o mapeamento de todas as possibilidades de movimento entre os lutadores (ação e reação, visto que o judô é dual) para se realizar o *kuzushi* nos diferentes golpes. Levei a ideia do projeto para o Professor Hagiwara quando estava terminando o primeiro ano do Mestrado (no Japão o Mestrado tem que ser feito em 2 anos e o Doutorado em 3). Depois de

alguns dias ele voltou e me disse: a ideia é interessante, mas para viabilizar o seu estudo preciso de equipamentos sofisticados que custam muito caro e o laboratório não tem recursos para tanto; lamento. A casa caiu. Mas, logo reconheci que fui ingênuo, isto é, pensei apenas na ideia e esqueci-me da sua viabilidade operacional, instrumental e metodológica. Queria, no Mestrado, resolver “os problemas do mundo” relativamente ao judô.

Por um bom tempo fiquei perdido. Tudo que tinha pensado até então - desde as lutas com o Shiozawa, os primeiros estudos de judô com o Professor Sugiyama, as dúvidas latentes, os *insights* que vinham do livro do Professor Choshi - caiu por terra. O que fazer? Foi quando tive que realizar a minha primeira endoscopia e colonoscopia. Diagnóstico: estresse. Depois de muita angústia e sofrimento criei coragem e fui conversar, na verdade desabafar, com o orientador. O Professor Hagiwara tinha me sugerido o médico e me acompanhado ao hospital para fazer os exames, de maneira que sabia o que estava acontecendo comigo. Ademais, médico que era de formação, já sabia o diagnóstico e a causa do meu problema de saúde: o Mestrado.

O Professor Hagiwara me fez repensar o sentido e o significado do Mestrado para mim. De tão focado que estava no projeto de pesquisa, tinha ficado “bitolado” e esquecido que o que estava em jogo era a minha formação como pesquisador, um projeto de vida necessariamente de longo prazo, que apenas se iniciava. Além disso, lembrou-me que era um estudante estrangeiro, ou seja, alguém que retornaria ao seu País para construir uma carreira dentro da sua realidade, em que os desafios e exigências seriam certamente muito diferentes dos encontrados no Japão; em outras palavras, no contexto da Educação Física no Brasil. Disse-me que provavelmente não conseguiria dar continuidade à pesquisa que estava pensando em iniciar no Mestrado, mesmo que o laboratório disponibilizasse os meios para tanto e obtivesse sucesso na realização dos experimentos. Isto porque teria que replicar a estrutura física, instrumental e operacional no Brasil, algo difícil de conseguir, de acordo com os conhecimentos que ele tinha do nosso País. Continuou

argumentando que, possivelmente, ao retornar ao Brasil, seria requisitado para atacar desafios não restritos à minha linha de pesquisa; por exemplo, construir um ambiente acadêmico, formar recursos humanos, estruturar grupos de estudo, enfim contribuir para solucionar problemas de natureza muito mais coletiva e institucional do que pessoal. Em seguida fez a seguinte pergunta, na verdade uma sugestão: por que você não constrói no Mestrado o pano de fundo teórico que possa orientar as suas ações no enfrentamento dos diferentes desafios acadêmicos que vai encontrar no Brasil? Disse-me que não existia a necessidade imperiosa de fazer uma pesquisa experimental no Mestrado; que poderia elaborar uma base teórica que, se eventualmente chegasse a um problema merecedor de uma investigação empírica no Doutorado, seria de bom tamanho (ele já sabia que tinha intenções de continuar os meus estudos no Japão). Fui convencido, fiquei momentaneamente aliviado, mas não tinha noção do que viria depois.

Passados alguns dias o Professor Hagiwara me chamou e me entregou algumas folhas de papel. Disse-me que aquele pano de fundo que tinha sugerido poderia ser elaborado com base na literatura que estava sendo apresentada: era uma lista de mais de uma centena de livros sobre cibernética, teoria geral de sistemas, teoria da comunicação, teoria de processamento de informações, enfim sobre o paradigma sistêmico. A casa não caiu desta vez; eu é que quase caí de costas. A sorte é que esse paradigma já tinha sido aplicado ao estudo do movimento humano em dois livros coeditados por nada menos do que ele próprio e o Professor Choshi (*Human perceptual-motor behavior* e *Organization of human perceptual-motor behavior*, respectivamente, em 1976 e 1978). Essa lista de livros me fez lembrar o susto que levei quando fiz a primeira visita ao gabinete do Professor Choshi: eram os livros que achei que não tinham nenhuma relação com a Educação Física.

Em suma, escrevi uma dissertação intitulada “*Human perceptual-motor behavior: a systems approach*” em japonês e a defendi com sucesso em fevereiro de 1979. Uma das conclusões da dissertação dizia respeito ao processo adaptativo em aprendizagem motora: a necessidade de

uma concepção de aprendizagem motora para além da estabilização de desempenho. Na realidade, essa concepção já estava sendo submetido à investigação empírica pelo Professor Choshi no Laboratório de Psicologia do Movimento em Hiroshima. O meu desafio no Doutorado era investigar esse modelo numa situação condizente com a especificidade da Pós-graduação, isto é, “Ensino de Disciplinas Curriculares”.

Antes de relatar sobre o Doutorado, peço licença aos leitores para fazer uma pausa e contar sobre algo de foro muito pessoal. Até aqui, tudo que escrevi sobre a minha vida no Japão pode ter passado a imagem de uma pessoa solitária resolvendo os seus problemas de acordo com as suas possibilidades, capacidades e conveniências pessoais. Nada disso. Nessa jornada tive a companhia e o suporte de uma pessoa muito especial. Quando fui ao Japão já namorava há quatro anos com ela, que conhecia desde a infância. Éramos nascidos naquela colônia de imigrantes japoneses, em Jaraguá. Exageradamente falando, conhecia-a desde o nascimento. Mundo pequeno! Quando me inscrevi à bolsa no Consulado Geral do Japão, parece que lhe garanti que se fosse contemplado, sozinho não iria. Ela me disse depois que tinha certeza de que eu iria mesmo sem ela! Intuição feminina?

Encurtando a história (isto não é novela!), após nove meses da minha chegada ao Japão, ela também conseguiu uma bolsa de estudos de uma associação cultural beneficente do Japão (*Asia Bunka Kaikan*) para fazer um estágio de dois anos junto ao setor de recursos humanos (ela se formou em Administração de Empresas na USP) do Banco de Hiroshima, na cidade de Hiroshima. Terminado o estágio restavam-lhe duas opções: voltar ao Brasil ou se casar. No dia 8 de maio de 1978 fomos ao Consulado Brasileiro na cidade de Kobe e oficializamos o nosso casamento. Foi-nos oferecido um cafezinho brasileiro para comemorarmos; essa foi a nossa festa de casamento. Os planos dela (Satiko Suzuki Tani) era fazer o Mestrado em recursos humanos no Departamento de Engenharia Humana da Faculdade de Engenharia da Universidade de Hiroshima. Os preparativos estavam em curso quando veio a surpresa: gravidez. A pós-graduação dá uma fertilidade que ninguém imagina

(fato confirmado depois pelos meus orientandos e orientandas no Brasil)! O nascimento do nosso filho (Fernando Keisuke Tani) se deu logo após a defesa de Mestrado, assim que tinha retornado a Hiroshima para começar o Doutorado. Ele nasceu prematuro de sete meses, com o sistema respiratório ainda bem imaturo, de maneira que sem a assistência médica de excelência e a tecnologia de ponta disponíveis no Hospital Municipal de Hiroshima dificilmente teria sobrevivido. Arrepio-me toda vez que penso nisso, ao mesmo tempo em que sinto uma gratidão enorme ao Japão e à cidade de Hiroshima que emerge lá do fundo do coração. Para Satiko, o sonho do Mestrado teve que ser adiado, pois a saúde do nosso filho demandava muitos cuidados. Felizmente deu tudo certo. O Fernando cresceu e se desenvolveu com muita saúde e veio ao Brasil com três anos de idade. Só falava japonês quando chegou; em seis meses só falava português. Hoje ele é um engenheiro com Graduação e Mestrado concluídos na Escola Politécnica da USP e já nos presenteou com um casal de netos.

Como já foi mencionado, não havia curso de Doutorado em Educação Física na Faculdade de Educação da Universidade de Hiroshima. Teria que fazê-lo em outra área - disciplina curricular - dentro do mesmo programa de “Ensino de Disciplinas Curriculares”. Por indicação do Professor Hagiwara, eu me matriculei no ensino de ciências, sendo aceito pelo Professor Hitoyasu Kimura, no campus de Hiroshima. No entanto, por interferência também do Professor Hagiwara, o Professor Kimura tinha gentilmente concordado com a ideia de que a minha orientação fosse de fato realizada pelo Professor Choshi (espécie de co-orientador não oficial), visto que a Aprendizagem Motora não era definitivamente a sua especialidade. De todas as maneiras, disse-me o Professor Kimura que tinha gostado muito do meu projeto de pesquisa e ficado impressionado com o bom nível do meu japonês.

O curso de Doutorado foi uma experiência ímpar. Estava vinculado a um laboratório que investigava o ensino de ciências, o que implicava discutir temas fora da minha especialidade nas reuniões com outros estudantes de Mestrado e Doutorado, alguns deles estrangeiros.

Foi quando percebi o quanto o pano de fundo teórico trabalhado no Mestrado me ajudava nas reflexões, discussões e argumentações, antecipando o que o Professor Hagiwara tinha prognosticado que iria acontecer comigo quando voltasse ao Brasil. Especialmente a Teoria Geral de Sistemas (Bertalanffy, 1968), que era a espinha dorsal da minha dissertação de Mestrado, fornecia-me o arcabouço teórico para discutir ciência, cujo ensino era o objeto de estudo do laboratório.

Paralelamente às minhas atividades no Laboratório de Ensino de Ciências, frequentava o Laboratório de Psicologia do Movimento do Professor Choshi na Faculdade Integrada de Artes e Ciências. Como o modelo teórico do trabalho de Doutorado estava praticamente elaborado (processo adaptativo em aprendizagem motora), as discussões giravam em torno dos estudos experimentais para atacar algumas proposições desse modelo. Em conformidade com a natureza do programa de Pós-graduação, pensava em testar as proposições do modelo numa situação mais próxima do mundo real, ou seja, de campo, nas escolas. Isto implicava dificuldades adicionais, pois teria que encontrar instituições que aceitassem esse tipo de empreendimento. A solução veio com a pronta colaboração de um professor (Kazutomo Sakamoto) que tinha sido o primeiro mestre formado pelo Professor Hagiwara, e era docente de uma espécie de *college* (faculdade de dois anos de duração denominada de *Tanki Daigaku*) na cidade de Fukuyama. Ele era o nosso grande *Sempai* (veterano) e continuava a ser um frequentador assíduo do laboratório no campus de Fukuyama. Tudo isso significou um grande ensinamento para mim: que a ciência é um empreendimento de natureza essencialmente coletiva.

O grupo de estudos formado no Laboratório de Psicologia do Movimento tinha a participação de mais cinco pessoas de diferentes subáreas de pesquisa da Educação Física, todas vinculadas ao Ensino Superior. Havia um professor de Sociologia do Esporte, duas professoras de Dança, um professor de Desenvolvimento Motor e Educação Infantil e o Professor Choshi. As reuniões eram semanais e as discussões “pensasas”. O pano de fundo teórico era o mesmo: abordagem sistêmica;

a estratégia, a mesma: não se coleta dados enquanto o problema não estiver absolutamente claro para todos; o compromisso, o mesmo: todos ajudam todos.

A minha relação com o Professor Choshi ia muito além da orientação e da participação na reunião semanal. Na realidade, até inventava motivos para estar mais no seu gabinete. Não queria perder a oportunidade de conversar com ele, fosse qual fosse o assunto. Ele tinha ideias que extrapolavam o status quo de temas e discussões presentes nos artigos e livros de Aprendizagem Motora. Para se ter uma ideia dessa “ousadia” intelectual, ele publicou, no livro anteriormente citado de 1978, um capítulo que falava sobre auto-organização do comportamento perceptivo-motor, quando ainda não se encontrava nada a respeito na literatura internacional (Choshi, 1978). A amplitude da sua leitura e a intensidade da sua curiosidade intelectual impressionava-me; participava de eventos, interagia com pesquisadores de várias áreas do conhecimento e frequentemente era solicitado para proferir palestras em áreas que não a Educação Física. Mostrava-se sempre à frente no tempo. Tinha um espírito crítico aguçado, perspicácia na análise e uma enorme capacidade de síntese. Apesar de tudo isso, era uma pessoa muito simples.

Na sua simplicidade, convidava-me com certa frequência para irmos a pé até a estação de Hiroshima, na volta da Faculdade, para conversar. Esse trajeto ele fazia normalmente de bonde elétrico. Eu o fazia de bicicleta, pois morava atrás da estação. A caminhada durava aproximadamente 40 minutos. Era para mim um momento indescritível de enorme alegria e satisfação. Conversávamos sobre tudo: a carreira profissional, os desafios da docência no ensino superior, o futuro da universidade, os rumos da ciência e da sua relação com a sociedade, a responsabilidade social dos intelectuais; enfim, conversávamos sobre a vida acadêmica no seu sentido lato. A satisfação da caminhada se tornava ainda maior quando, ao chegar à estação, ele me convidava para tomar um chá. Não raro a conversa fluía tanto que ele tomava o último trem para voltar a sua casa. Que motivo teria ele para fazer tudo isso senão zelar pela minha formação pessoal, intelectual e profissional? Sou imensamente

grato em ter recebido essa verdadeira dádiva, cuja única forma de retribuir é tentar fazer o mesmo com os meus orientandos.

No Laboratório de Psicologia do Movimento procurava me envolver ao máximo com seus estudos experimentais. Era uma jornada dupla de trabalho: os meus estudos de Doutorado e os experimentos do Professor Choshi. Em várias oportunidades cheguei a coletar dados simultaneamente às aulas por ele ministradas, para conseguir recrutar sujeitos *on line* para o experimento. De fato, chegou ao ponto de o Professor Choshi não precisar mais se preocupar com a coleta de dados, nem com a organização e análise dos mesmos que eram automatizadas e padronizadas. Muitas vezes, ao final da coleta, já se tinha elementos para discussão. Essa dinâmica se repetiu por praticamente todo o período do meu curso de Doutorado.

Nessa altura do campeonato, já tinha assimilado vários comportamentos e atitudes dos meus companheiros de jornada. Um deles era ser “fominha” em relação ao material bibliográfico, seja em forma de livros ou de artigos. Recordo-me que sempre que batia o sono corria à biblioteca para tirar cópias de artigos. Tinha sempre à mão uma lista atualizada. Aquilo que hoje se faz com alguns toques no teclado de um computador demandava pelo menos duas idas à biblioteca: uma para preparar a lista vasculhando os periódicos e outra para tirar cópias. Isto fazia com que lembrássemos mais de cada artigo, pois se passava pelo menos duas vezes por eles antes de tê-los em mãos.

Em abril de 1982 defendi com sucesso a minha tese de doutorado intitulada “*Adaptive process in perceptual-motor skill learning*” (Tani, 1982c), escrito também em japonês. Ela é composta de seis artigos previamente publicados em revistas especializadas sobre estudos curriculares (mínimo de três artigos publicados é a condição regimental para candidatar-se à defesa de Doutorado). Dos seis artigos, os cinco publicados na *The Bulletin of Japanese Curriculum Research and Development* resultaram no prêmio “Diploma de Homenagem” que recebi da Federação Japonesa de Pesquisa em Educação pela contribuição ao progresso da Educação no Japão, em 1982.

DA DOCÊNCIA NA EEFÉUSP

No dia 22 de abril de 1982 voltei ao Brasil, após seis anos e meio de estudos no Japão. Desempregado, casado, com um filho de três anos e sem casa para morar. Assim descrito, fico parecendo um aventureiro irresponsável. Obviamente tomei alguns cuidados. Pouco antes de retornar, encaminhei uma carta à EEFÉUSP apresentando-me e perguntando se a Escola eventualmente se interessava por um pesquisador com o meu perfil. Pensava que o Diretor à época era o Professor Moacir Brondi Daiuto, que na realidade era o Vice-diretor, sendo Diretor o Professor Jarbas Gonçalves. Não me lembro de ter recebido a resposta, mas o motivo do “silêncio” foi desvendado à minha chegada ao aeroporto de Congonhas. Foi num sábado de manhã e a grande surpresa: o Professor Daiuto estava à minha espera. Não sei como ele tomou conhecimento da minha viagem. No tumulto dos abraços familiares, disse-me apenas uma coisa: espero-te na Escola na segunda-feira. Assim começa a minha história de docência na EEFÉUSP.

Na segunda-feira, bem cedo (disciplina adquirida no Japão), estava no aguardo do Professor Daiuto, completamente nervoso, talvez mais do que na defesa do Doutorado. Para mim era tudo novidade. Sequer conhecia as dependências da Escola na Cidade Universitária. Tinha sido aluno da última turma a concluir o curso de licenciatura no Ginásio do Ibirapuera. Quando parti, a Escola ainda não estava fisicamente presente no Campus Armando Sales de Oliveira. Não tinha ideia dos docentes e funcionários que lá encontraria. Seriam os meus professores da Graduação? Será que eles me reconheceriam? Quem seriam as lideranças acadêmicas? Como seria recebido?

Encurtando a história, fui recebido de forma muito carinhosa e acolhedora pelo Professor Daiuto e pelo Professor Gonçalves que me afirmaram de pronto que a Escola tinha grande interesse na minha pessoa e que tudo seria feito para viabilizar a minha contratação. No mesmo dia orientaram-me para comparecer à EEFÉUSP regularmente e começar a me ambientar com a nova realidade. Como tinha voltado bastante

“japonês” quanto aos valores, hábitos e comportamentos, em vez de dar um grito de alegria, senti-me um tanto constrangido por uma recepção “fora da curva” para os padrões orientais. Perguntei-me: é assim mesmo?

A calorosa recepção continuou quando o Professor José Guilmar Mariz de Oliveira me ofereceu uma mesa na sua sala para ocupar a partir de então. Recordo que foi muito difícil assimilar tudo isso imediatamente: recém-chegado, tratado já como docente mesmo sem ter sido contratado, com local para ficar e inteirando-se do dia-a-dia da Instituição. Mas, não demorei muito para perceber que a Escola estava passando por uma fase de grandes discussões e mudanças em razão do curso de Mestrado que tinha sido recém-implantado e em virtude da volta de alguns docentes (o próprio Professor Mariz de Oliveira e a Professora Ana Maria Pellegrini) do Exterior com o Doutorado concluído, trazendo novas ideias e projetos acadêmicos para a Instituição. Além disso, tomei conhecimento de que mais quatro docentes iriam retornar do Exterior muito em breve com o Doutorado concluído (Professores Valdir José Barbanti, José Medalha, Alberto Carlos Amadio e Carlos Eduardo Negrão). Portanto, o cenário prometia e permitia visualizar que havia na Instituição a possibilidade de planejar e desenvolver um projeto de vida acadêmico estimulante, profícuo e duradouro.

A Educação Física brasileira estava passando por uma fase muito interessante naquela época. O mesmo ambiente que prevalecia na EEFUEUSP estava também presente em outras Instituições, sobretudo naquelas em que fatos semelhantes estavam acontecendo, ou seja, início da Pós-graduação e a volta de docentes do Exterior com o Doutorado. Conforme já apontado, o governo brasileiro tinha assinado convênio com universidades estrangeiras para que docentes das diferentes universidades brasileiras pudessem realizar seus estudos de Pós-graduação. O primeiro grupo desses docentes estava retornando ao Brasil. Os colegas acima mencionados da EEFUEUSP pertenciam a esse grupo. A minha situação era um pouco diferente, pois quando fui ao Japão não era, como evidente, docente da Escola. De certa forma, é possível dizer que estava

“descendo de paraquedas” na EEFUUSP. A Instituição não precisou investir na minha formação no Exterior, tampouco o governo brasileiro. Os meus estudos de Mestrado e Doutorado foram totalmente custeados pelo governo japonês por meio da bolsa de estudos do Ministério da Educação e Cultura. Essa situação peculiar trouxe para mim vantagens e desvantagens, como ficará mais claro à frente.

Em 09 de agosto de 1982 ingressei como docente na EEFUUSP mediante concurso público junto ao Departamento de Organização e Aplicação Desportiva. Depois me transferei para o Departamento de Ginástica, atual Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano. Essa mudança se deu em virtude da reestruturação dos três Departamentos da EEFUUSP. Tive atuação efetiva nesse processo como membro da Comissão que elaborou o projeto de reestruturação. Conforme prognosticava o Professor Hagiwara, o recrutamento para participação em atividades que não a pesquisa começou muito precocemente. No âmbito do ensino, as primeiras disciplinas oferecidas na Graduação não foram da área de CM. Como tinha feito o Doutorado no programa “Ensino de Disciplinas Curriculares”, os conhecimentos adquiridos para além do domínio específico da tese me possibilitavam atuar em disciplinas de natureza pedagógica sem grandes dificuldades. Na Pós-graduação foi diferente. Desde o início as atividades de ensino e de orientação estiveram relacionadas com a área de CM.

A primeira disciplina que ofereci na Graduação foi muito importante para o início das minhas atividades de pesquisa na EEFUUSP. Ao término da disciplina (optativa, oferecida aos alunos do último ano) todos os seis alunos que tinham feito a disciplina vieram pedir-me para continuar estudando comigo. Tinham incorporado a sede por novos conhecimentos, o fascínio pelo processo de produção do conhecimento, ou seja, o encanto pelo estudo e pesquisa. Esse grupo foi o embrião do LACOM - Laboratório de Comportamento Motor. Inicialmente era apenas um grupo de alunos que se reunia semanalmente para leituras e discussões sobre comportamento motor. Não caracterizava um grupo formal de iniciação científica no sentido estrito, mesmo porque não

havia na Instituição espaço acadêmico para tal atividade. Desses seis alunos, quatro seguiram a carreira acadêmica, tornando-se docentes na própria EEFEUZP. Três deles fizeram o Mestrado comigo, mas nenhum deles o Doutorado. Foram experimentar outros ares, outras instituições, conhecer novas pessoas e formas de conceber ciência e realizar atividades de pesquisa.

A atuação na Graduação trouxe também alguns dissabores. Como o conteúdo ensinado nas disciplinas que oferecia tinha foco na Aprendizagem Motora, os conhecimentos sobre como as pessoas aprendem habilidades motoras começaram, de alguma forma, a se constituir para os alunos da EEFEUZP elementos de reflexão sobre o ensino de habilidades motoras que era proposto, particularmente, nas disciplinas de modalidades esportivas. Por exemplo, ao introduzir e discutir a teoria de esquema (Schmidt, 1975) não havia como não enfatizar a eficácia da prática variada. Mas, muitos professores de disciplinas de orientação esportiva propunham a prática constante no ensino de habilidades motoras. Isto foi equivocadamente entendido por alguns professores de que o conhecimento por mim ensinado era uma crítica relativamente aos conhecimentos pedagógicos por eles disseminados. Pelos mais exaltados fui rotulado como professor “agitador” que colocava os alunos contra os professores.

Esse confronto de conhecimentos, na realidade, sempre bem-vindo e absolutamente salutar num ambiente acadêmico, foi visto também pelas instâncias diretoras da Instituição como algo que necessitava ser freado e o seu “protagonista” ser retaliado de alguma forma. Uma delas foi impedir que fizesse as reuniões do grupo de estudos nas dependências da Escola. Algumas delas foram de fato realizadas no ambiente externo, embaixo de um bambuzal na entrada da Cidade Universitária. Não tardou muito para que fosse visto como “da oposição” não importasse o assunto em discussão. Num clima como esse era impossível a criação de um laboratório nas dependências da EEFEUZP. Isto me levou a pensar seriamente em construir na minha própria casa, o que de fato se efetivou ao menos em termos físicos. Com a ajuda de um

irmão, construí um sobrado geminado no Bairro de Pirituba (periferia da Cidade de São Paulo) em cujo piso inferior foi reservado um amplo espaço para acomodar um laboratório de CM. Foi nessa época de “resistência” que nasceu o segundo filho (Alberto Satoshi Tani), desta vez como resultado de um “plano” muito bem estudado e traçado. Embora tenha sido prematuro também (de oitavo mês), nasceu saudável sem nenhum problema de saúde. Ele também fez a Graduação em Engenharia na Escola Politécnica da USP e o Mestrado Profissional na INSPER e já nos presenteou com uma neta. Escrevo sobre esses detalhes da formação universitária dos dois filhos talvez para dizer que tinha mesmo que trabalhar na USP. Os pais já eram “uspianos” de formação. Os filhos seguiram o mesmo caminho. Haja USP.

Paralelamente às atividades desenvolvidas na EEFEUSP, começaram a surgir muitos convites para palestras e cursos de difusão, aperfeiçoamento e especialização em diferentes Instituições de Ensino Superior (IES) em todo o País e até mesmo no Exterior. Os conhecimentos das três subáreas que compõem a área de CM - Aprendizagem, Controle e Desenvolvimento - eram novidade no Brasil. Havia poucos pesquisadores especializados na área, com curso de Pós-graduação no Exterior (Ana Maria Pellegrini, Jefferson Tadeu Canfield e Ruy Jornada Krebs, salvo melhor juízo). A receptividade desses conhecimentos era ampla, visto que eles forneciam fundamentação teórica ao ensino da Educação Física especialmente para crianças e adolescentes. Esse foi o motivo pelo qual fomos convidados pela Secretaria de Educação Física e Desporto do Ministério da Educação e Cultura (SEED-MEC) para compor uma equipe com o objetivo de elaborar um documento denominado “Diretrizes de implantação e implementação da educação física na educação pré-escolar e no ensino de primeira a quarta séries do primeiro grau” já em 1982, assim como o documento “Subsídios para professores de educação física de primeira à quarta séries do primeiro grau” em 1987. Em razão desses convites e o conseqüente reconhecimento recebido por essas atividades externas à EEFEUSP, foi-se criando um clima

incômodo à direção da Escola em que certa pressão de fora para dentro começava a se sentir.

No entanto, a minha vida na Escola, no plano político-institucional, começou a mudar de fato em 1986, quando recebi um convite completamente inesperado, na realidade uma “convocação”. Foi no ano que coincidiu com o término de construção da casa. Ele veio de nada mais nada menos do que do Reitor da USP, Professor José Goldemberg. Numa sexta-feira à tarde, recebi um telefonema da Reitoria comunicando que o Reitor queria conversar comigo. Tremi. Pensei que tinha a ver com a minha postura “oposicionista” na EEFEUSP. E tinha, só que por um motivo contrário ao imaginado. O convite se referia a assumir a direção do CEPEUSP - Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo. De alguma maneira, a Reitoria tinha tomado conhecimento da minha postura acadêmica e política na EEFEUSP. Cabe lembrar que o Professor Goldemberg tinha sido eleito Reitor com um discurso e plataforma oposicionista, como não poderia ser diferente conhecendo-se a sua trajetória acadêmica e política. Não é preciso dizer mais nada.

Nesse primeiro encontro com o Reitor fiz de tudo para não aceitar o convite. Tinha razões de sobra para argumentar nesse sentido: início de carreira, ainda muito jovem, “analfabeto” em relação à administração universitária, totalmente ignorante em relação ao CEPEUSP e assim por diante. Encurtando a história, o Reitor me deu o fim de semana para pensar e marcou uma nova reunião para o início da semana seguinte. Quando cheguei a essa reunião, antes de ouvir a minha decisão de continuar declinando do convite, ele fez uma proposta: iria me nomear diretor pró-tempore para ver como eu me sentiria na função e depois tomaria a decisão final. Cai na “armadilha”: estava tudo decidido! Ao final da conversa, pediu-me que preparasse uma plataforma de gestão para o Centro e marcar uma reunião para a sua discussão.

Conhecendo da fama do Reitor (tudo para ontem), encaminhei o projeto de antemão e solicitei uma reunião. Numa conversa muito rápida ele foi aprovado. Nessa reunião, fui preparado para lhe fazer apenas um pedido, não diretamente relacionado com a administração do

CEPEUSP. Era sobre um apoio de natureza político-institucional, relacionado com a EEFEUSP. Na realidade, uma ousadia que não sei como tive a coragem de pedir. Disse-lhe que queria fazer da minha gestão no CEPEUSP uma tentativa de promover mudanças na EEFEUSP. A intenção era realizar no CEPEUSP atividades acadêmicas e científicas que a Escola deveria no meu entendimento realizar, mas não as realizava, como eventos científicos, publicações, workshops, clínicas de esportes, cursos de difusão cultural e assim por diante. Na minha visão, a Escola era demasiadamente “doméstica”, preocupada em resolver os problemas microscópicos de natureza administrativa do dia-a-dia e não tinha um projeto acadêmico-científico compatível com o lugar institucional que ocupava, ou seja, na Universidade de São Paulo. Pedi-lhe ajuda a essa iniciativa, no que fui prontamente atendido. Somente para exemplificar, o CEPEUSP promoveu o I Congresso Brasileiro de Educação Física Adaptada, com a presença do Reitor na abertura, que se tornou um evento tradicional no contexto da Educação Física brasileira. A clínica de Karatê e de Capoeira continuam até os dias de hoje. Os professores receberam estímulo para escrever livros e elaborar materiais didáticos sobre as modalidades esportivas com as quais trabalhavam no Centro, o que resultou em algumas obras muito interessantes.

Tudo isso começou a incomodar a direção da EEFEUSP. É oportuno esclarecer que, enquanto diretor do CEPEUSP, nunca deixei de desenvolver as minhas atividades de ensino (disciplinas na Graduação e na Pós-graduação) e de pesquisa na Escola. A carga horária de trabalho era sempre dividida entre o CEPEUSP e a EEFEUSP. As tentativas de retaliação aumentaram, mas o fato concreto é que a direção da Escola mudou radicalmente de atitude em relação à minha pessoa. Gostasse ou não, as atividades acadêmico-científicas acima mencionadas eram realidade no Centro e tinham a aprovação dos órgãos dirigentes da USP. Cabe lembrar que o CEPEUSP se constitui um dos órgãos centrais da Reitoria e o seu diretor exerce um cargo de confiança do Reitor. Para o azar dos dirigentes da EEFEUSP, assumi também a chefia do Departamento de Ginástica da Escola, o que tornou inevitável o confronto também

nas diferentes instâncias administrativas da própria EEFEUSP como a Congregação e o Conselho Técnico Administrativo. Foram anos turbulentos, mas muito divertidos também.

A grande mudança na minha vida na EEFEUSP ocorreu de fato com a troca ocorrida na direção da Escola, com repercussão direta nas atividades de pesquisa. Por meio de uma ação articulada e decisiva da Reitoria, um docente da Faculdade de Medicina da USP (Professor Erasmo Magalhães Castro de Tolosa) veio assumir a direção da EEFEUSP. Alguns docentes, particularmente aqueles que me tratavam como da oposição, consideraram essa indicação uma “intervenção branca” da Reitoria na Escola, visto que tinham como plano manter um docente do seu grupo político na direção.

O que se sucedeu com essa troca na direção foi uma mudança radical na Escola em todos os aspectos: acadêmico, científico, administrativo e político. Especificamente no que se refere a atividades de pesquisa, um setor predial da Escola reservado para laboratórios, cuja obra estava abandonada há muito tempo, foi imediatamente retomada. Isto possibilitou a implantação de vários laboratórios, incluindo o de CM. Com isto, não precisei mais dar continuidade à montagem de um laboratório na minha própria casa. E assim começa a história do LACOM da EEFEUSP.

DA CRIAÇÃO DO LACOM

O meu esforço acadêmico-científico relativamente à área de CM esteve vinculado ao desenvolvimento de algumas ações concretas já descritas em texto anterior (Tani, 2012), que aqui transcrevo: formar um grupo de estudo; dar início ao processo de investigação; preparar a infraestrutura física necessária para a realização de trabalhos experimentais (laboratório); publicar artigos; contribuir para consolidar o CM como uma importante subárea de investigação da Educação Física; formar recursos humanos especializados na Pós-graduação para

assegurar a disseminação da área e a continuidade do processo de investigação; promover eventos científicos para a divulgação e discussão das pesquisas; e, por fim, disseminar os conhecimentos nos cursos de preparação profissional. Acrescentaria a essa lista a publicação de obras - artigos, livros e capítulos de livro - visando à integração entre teoria e prática, ou seja, contribuir de forma efetiva para a intervenção profissional em Educação Física.

A criação formal do LACOM, ocorrida em 1988, além de acolher o grupo de estudos já mencionado, novos alunos de Pós-graduação e iniciação científica, possibilitou delinear as linhas de pesquisa e dar início aos estudos experimentais. Evidentemente, essa organização das atividades de pesquisa teve como base as ideias já propostas, debatidas e amadurecidas junto ao grupo de estudos. Com o tempo foi se construindo uma cultura laboratorial em que um princípio fundamental no *modus faciendi* do empreendimento investigativo foi sendo estabelecido: não iniciar a coleta de dados antes que o problema de estudo esteja claramente definido. Isto implicava leitura crítica e aprofundada não apenas da literatura específica, mas também das meta-teorias da ciência para que os problemas de estudo em CM estivessem devidamente conectados com os avanços paradigmáticos da ciência. De acordo com essa cultura, o ataque a temas específicos (projetos de pesquisa) no Laboratório prescindia de um pano de fundo teórico rico e estimulante que possibilitasse visualizar no conjunto das produções uma identidade acadêmica peculiar. Exageradamente falando, buscou-se sempre no LACOM a construção de uma “escola de pensamento” em CM, capaz de orientar a produção do conhecimento no seu interior. O Laboratório adotou o paradigma sistêmico, também chamado de evolucionário, não linear, entre outras denominações (por exemplo, Bertalanffy, 1968; Gleick, 1987; Jantsch, 1980; Koestler, 1967; Laszlo, 1972; Lewin, 1993; Prigogine & Stengers, 1984; Waldrop, 1992; Yates, 1987), como base do seu empreendimento científico. Maiores detalhes sobre essa construção de identidade do Laboratório podem ser encontrados em Manoel (2005).

Outra característica dessa cultura laboratorial dizia respeito a sua coordenação. Apesar de ter sido o seu criador, deixei bem claro desde o início que o Laboratório não era meu e, portanto, a sua coordenação seria exercida em forma de rodízio, para que todos os membros docentes do Laboratório pudessem ter a oportunidade de liderá-lo. No meu entender, essa experiência ímpar fazia parte do processo de formação e crescimento de cada um nas suas respectivas carreiras acadêmicas. Da mesma forma, em coerência com essa postura descentralizadora, o meu nome seria incluído na autoria dos artigos pela participação efetiva e não por ser o idealizador e criador do Laboratório. Na EEFEU SP muitos laboratórios são identificados pelo nome do seu idealizador e criador. Não é o caso do LACOM e me orgulho muito disso.

Desde a sua criação, o LACOM promove reuniões regulares às sextas feiras. Nelas são discutidos todos os projetos de pesquisa por todos, de modo que muitos alunos de Pós-graduação acham essas reuniões mais exigentes e estressantes do que a própria banca de qualificação e defesa de dissertações e teses. Reconheço que não é nada trivial manter esse clima laboratorial sem que as discussões acadêmicas, muitas vezes acaloradas e ríspidas, não criem atritos e firam suscetibilidades de natureza pessoal. Especialmente entre os seus membros docentes (atualmente sete). Não é preciso lembrar que quando um orientando é “espremido” na reunião, o seu orientador também o está sendo. Contudo, penso que esse treinamento de criticar e de ser criticado é reconhecido por todos como fundamental, visto que é feito com muito respeito. Quem não o suportou, mesmo assim, deixou de ser membro.

A área de CM teve o seu início tardio no nosso país comparativamente a outras áreas tradicionais como a Fisiologia do Exercício e a Biomecânica. No entanto, o seu crescimento tem sido expressivo nessas quase quatro décadas de existência. Diversos laboratórios e grupos de estudo foram criados em várias IES, muitos deles com participação efetiva de pesquisadores formados no LACOM, sendo provenientes de diferentes cidades e estados do País. Ela está amplamente presente como uma disciplina tanto no ensino de Graduação como de Pós-graduação.

A sua produção científica tem inserção internacional cada vez mais acentuada. No plano nacional, tem uma presença significativa no quadro de pesquisadores com bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq. Certamente, o LACOM teve uma contribuição significativa nesse processo de crescimento da área.

O Laboratório teve também participação ativa e direta na criação da SOCIBRACOM e do seu evento representativo. A gênese de ambos se encontra nos seminários por ele iniciados. O I Seminário de Comportamento Motor foi em 1998 na EEFUEUSP para comemorar os 10 anos do Laboratório. Dois anos depois foi realizado o II Seminário também na EEFUEUSP. O III Seminário foi realizado na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2002, oportunidade em que o evento foi transformado no I Congresso Brasileiro de Comportamento Motor. Nesse evento foi criada também a SOCIBRACOM, que foi oficializada em 2004. Com a Sociedade constituída, a criação do seu periódico representativo, o *Brazilian Journal of Motor Behavior*, foi um desdobramento natural e esperado.

Em suma, com a criação do LACOM tive o privilégio de participar desse processo de implantação, desenvolvimento e crescimento da área de CM no nosso País. Reforço o caráter coletivo e institucional dessa participação, visto que ela teria sido impossível sem a formação de recursos humanos qualificados em nível de Mestrado e Doutorado. Formei até o presente 20 mestres (incluindo 1 colombiano, 1 chileno e 2 moçambicanos) e 18 doutores (sendo 1 moçambicano), muitos deles exercendo liderança como docente e orientador em diversas IES no Brasil e no Exterior, o que me enche de orgulho e satisfação. Quatro dos doutores por mim formados são docentes na própria EEFUEUSP e membros do LACOM (Professores Doutores Umberto Cesar Corrêa, Jorge Alberto de Oliveira, Luciano Basso e Flavio Henrique Bastos).

Neste processo de formação de recursos humanos foi muito importante a experiência vivida no Pós-doutorado na Universidade de Sheffield - Inglaterra. Tive o privilégio de estudar sob a supervisão do Professor Kevin Connolly, um dos mais respeitados pesquisadores

em Desenvolvimento Motor (esteve presente no II Seminário de Comportamento Motor, realizado em 1998 na EEFÉUSP, como palestrante convidado). Apesar de ter uma agenda de trabalho extremamente apertada, com vários compromissos de ordem administrativa, nunca deixou de atender às reuniões de pesquisa previamente agendadas comigo. Para essas reuniões ficou combinado que entregaria antecipadamente um texto sucinto do tema a ser debatido, apontando os principais pontos de discussão. Assim como o Professor Choshi, o Professor Connolly não abria mão da postura de não iniciar a coleta de dados sem que o problema de investigação estivesse absolutamente claro. Isto fazia com que, nas nossas discussões, eu chegasse sempre ao limite da argumentação na tentativa de responder às suas indagações a partir de múltiplas perspectivas. Como o Professor Connolly tinha um amplo espectro de interesses investigativos que iam desde a Genética do Comportamento até Etologia do Comportamento, passando pelo Comportamento Motor, mais especificamente Desenvolvimento Motor, as suas perguntas eram sempre instigantes, obrigando-me a analisar um mesmo problema de diferentes perspectivas, ângulos e posições. Infelizmente ele já não está mais entre nós (faleceu em 2015). Era um verdadeiro Cavaleiro, elegante, paciente e acima de tudo humilde, apesar do seu histórico de vida acadêmica absolutamente invejável.

No papel de orientador tive sempre em mente retribuir aquilo que recebi dos meus orientadores no Japão e na Inglaterra. Se o consegui, só os mestres e doutores por mim formados podem dizer. Sempre acreditei que na Pós-graduação, formar pessoas para a vida intelectual é mais importante do que formar pesquisadores competentes na produção de artigos. Procurei seguir algumas ideias, talvez intuições. Mesmo porque, ninguém nasce sabendo orientar e pelo que conheço não existe nenhum curso de formação de orientadores. É aprender fazendo, o mesmo que se passa quando nós nos tornamos pais, procurando ter o bom-senso como principal guia e aliado. Provavelmente, a mais relevante dessas ideias e certamente a mais difícil de ser colocada em prática é a de que o importante é ensinar a pescar e não dar o peixe. Reconheço que não é

nada fácil. A outra foi algo que aprendi dos ingleses no estágio de Pós-doutorado, a de que se você tem problema, só você pode resolver. Em outras palavras, pode o mundo inteiro querer ajudar, mas se você não tiver a iniciativa, nada feito. Outra que merece ser apontada é a de que a melhor forma de ordenar o pensamento é colocá-lo no papel, visto que a escrita exige respeito a regras (gramática), o que envolve estrutura (ordem e sequência), além de objetividade e clareza. O pensamento, ao contrário, pode ser redundante, envolvendo idas e vindas, “viagens” e devaneios. Outra ideia é o que chamo de “efeito carrapato”. Não sei se é uma anedota, mas significa o seguinte: o carrapato só come, não defeca; só o faz quando morre. Moral da história: só input (leituras) não basta; é preciso output (escrever), caso contrário morre-se não de barriga cheia, mas “cabeçudo”! Uma última seria o “efeito sapo” que diz respeito ao perigo de acostumar-se ao conforto. Significa o seguinte: se você coloca o sapo numa panela com água fria e leva ao fogo, a água vai esquentando gradativamente (sensação de conforto), o sapo não percebe o aumento da temperatura e de repente aparece morto com a barriga para cima; ao contrário, quando você joga o sapo numa água quente ele pula fora imediatamente e se safá.

DAS LINHAS DE PESQUISA

Oportuno ressaltar, de partida, que as linhas de pesquisa que foram criadas no LACOM vão muito além daquelas por mim idealizadas. Os atuais membros docentes do Laboratório e os que dele participaram no passado, tiveram ampla liberdade de implantar novas linhas de pesquisa. Algumas linhas que emergiram dessa filosofia de trabalho, mais recentemente, servem de ilustração: “Abordagem sistêmica na análise do jogo”, “Estudo do transtorno do desenvolvimento da coordenação e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade”, “Tomada de decisão na execução de habilidades motoras esportivas” e “Aprendizagem motora e controle postural após acidente vascular cerebral”. São todas

linhas de pesquisa criadas por colegas do laboratório, em algumas das quais tenho tido a satisfação de participar.

As linhas de pesquisa por mim criadas ou com a minha efetiva participação são: “Processo adaptativo em aprendizagem motora”, “Organização da resposta motora e aquisição de habilidades motoras”, “Fatores que afetam a aquisição de habilidades motoras”, “Aprendizagem motora autocontrolada”, “Estudo do crescimento físico, desenvolvimento motor, coordenação motora, atividade física e aptidão física”, “Abordagem sistêmica na análise do jogo”, “Tomada de decisão na execução de habilidades motoras esportivas”, “Aprendizagem motora aplicada ao esporte” e “Processo ensino-aprendizagem de habilidades motoras”. Essas linhas serão sucintamente descritas a seguir, acompanhadas de suas produções mais relevantes.

A linha “Processo adaptativo em aprendizagem motora” procura investigar a aquisição de habilidades motoras com base num modelo de não equilíbrio em que a aprendizagem motora é concebida como um processo contínuo e cíclico de estabilidade e instabilidade em direção a crescente complexidade (Barrocal et al., 2006; Barros, Tani & Corrêa, 2017; Benda et al., 2000; Benda et al., 2005; Corrêa et al., 2007; Corrêa, Benda & Tani, 2001; Corrêa et al., 2003; Corrêa et al., 2012; Corrêa et al., 2015; Corrêa et al., 2010; Corrêa et al., 2014; Manoel et al., 2001; Meira Jr., Maia & Tani, 2012; Silva et al., 2009; Tani, 2000a, 2000b, 2000c; Tani, Meira Jr. & Gomes, 2005; Tani et al., 1992; Tani et al., 2014; Ugrinowitsch et al., 2014; Ugrinowitsch et al., 2011; Ugrinowitsch, Corrêa & Tani, 2005).

A linha “Organização da resposta motora e aquisição de habilidades motoras” procura investigar os mecanismos subjacentes à organização da resposta motora e o processo de melhoria de seu funcionamento como resultado da prática (Cattuzzo & Tani, 2012; Corrêa et al., 2015; Freudenheim et al., 2005; Manoel et al., 2002; Oliveira et al., 2013; Perotti et al., 2007, 2012; Santos & Tani, 1995; Tani et al., 2010).

A linha “Fatores que afetam a aquisição de habilidades motoras” busca investigar os fatores que afetam a aquisição de habilidades

motoras, destacando-se entre eles o estabelecimento de metas, a instrução e demonstração, os tipos e estruturas de prática e o fornecimento de conhecimento de resultados (Corrêa et al., 2013; Freudenheim & Tani, 1993, 1995; Chiviacowsky & Tani, 1993, 1997; Chiviacowsky et al., 2008; Meira Jr. & Tani, 2001, 2004; Nhamussua et al., 2012; Oliveira et al., 2009; Paroli & Tani, 2009; Pedrinelli & Tani, 1994; Peres, Meira Jr. & Tani, 2005; Pinheiro et al., 2015; Tani et al., 2011).

A linha “Aprendizagem motora autocontrolada” procura estudar os efeitos do ato de permitir, ao aprendiz, o controle de certos aspectos da prática na aquisição de habilidades motoras (Bastos et al., 2010; Bastos et al., 2013; Chiviacowsky, Godinho & Tani, 2005; Chiviacowsky et al., 2009; Kaefer et al., 2014; Marques et al., 2014; Marques et al., 2017).

A linha “Estudo do crescimento físico, desenvolvimento motor, coordenação motora, atividade física e aptidão física” busca esclarecer a relação entre crescimento físico, desenvolvimento motor, coordenação motora, atividade física e aptidão física de crianças e adolescentes e a mudança dessa relação ao longo do tempo (Barbosa et al., 2013; Barbosa et al., 2015; Basso et al., 2012; Basso et al., 2009; Chaves et al., 2013; Chaves et al., 2012; Chaves et al., 2016; Cheuen et al., 2011; Daca et al., 2016a; Daca et al., 2016b; Forjaz et al., 2011; Forjaz et al., 2012; Henrique et al., 2017; Lopes et al., 2014; Lopes, Tani & Maia, 2011; Maia et al., 2010; Santos et al., 2016).

A linha “Abordagem sistêmica na análise do jogo” aborda o jogo como um sistema adaptativo complexo, procurando identificar os componentes e a sua interação dinâmica na formação de padrões (Corrêa et al., 2012; Corrêa et al., 2014).

A linha “Tomada de decisão na execução de habilidades motoras esportivas” investiga o processo de tomada de decisão de jogadores no contexto esportivo, procurando identificar o elemento chave que condiciona ou define a decisão em situações específicas de jogo (Corrêa et al., 2016; Denardi et al., 2017).

A linha “Aprendizagem motora aplicada ao esporte” procura aplicar os conhecimentos da aprendizagem motora para analisar a estrutura

e a organização das habilidades nas diferentes modalidades esportivas e suas manifestações em situações de jogo, de competição e de ensino (Franchini et al., 2008; Gomes et al., 2008; Tagusari, Santos & Tani, 2016; Tani, Basso & Corrêa, 2012; Tani et al., 2009).

Além dessas linhas de pesquisa, que envolvem a participação conjunta de vários membros docentes do LACOM e de outros laboratórios, existem mais duas linhas mais pessoais que não são diretamente relacionadas com o CM. A primeira denomina-se “Bases epistemológicas da Educação Física e Esporte e suas influências na pesquisa, pós-graduação e preparação profissional”. Ela procura refletir sobre questões epistemológicas da Educação Física e Esporte visando à melhor definição de sua identidade acadêmica e profissional e os seus possíveis desdobramentos na pesquisa, pós-graduação e preparação profissional (Manoel & Tani, 1999; Silveira & Tani, 2008; Tani, 1984, 1992a, 1995a, 1995b, 1995c, 1996a, 1996b, 1997, 1998a, 1999b, 2000a, 2007a, 2007b, 2010, 2011, 2013, 2014, 2016b; Silveira & Tani, 2011).

A segunda é “Desenvolvimento curricular em educação física escolar” que procura estudar os componentes do currículo em educação física escolar, com destaque para o conteúdo, o método e a avaliação de ensino (Antunes et al., 2005; Malafaya, Tani & Maia, 2015; Silva Filho et al., 2012; Silveira et al., 2013; Tani, 1987, 1991, 2001c, 2008b; Tani et al., 2013; Tokuyoshi et al., 2008).

Como foi mencionado, o LACOM teve sempre a preocupação de contribuir para o crescimento acadêmico e científico da Educação Física. É amplamente conhecido que os estudos sobre o comportamento motor humano, particularmente sobre a aprendizagem motora, têm a sua gênese na Psicologia Experimental. Na Educação Física a sua história é ainda recente. Para uma melhor contextualização do CM como um dos campos de investigação da Educação Física - para que a sua função e contribuição fiquem claramente identificadas - requer-se inicialmente uma definição da identidade acadêmica da própria Educação Física. Esse tema foi objeto de reflexão em três textos (Tani, 1992b, 2001b, 2006), de modo que aos interessados sugiro a leitura dos

textos originais. Como essa definição de identidade ainda espera por um melhor encaminhamento (Tani, 1996b, 1998a, 2011), entende-se que é de suma importância as lideranças acadêmicas em CM terem sempre em mente a preocupação sobre quais as efetivas contribuições dos conhecimentos produzidos para o avanço da Educação Física. Isto porque as contribuições serão distintas caso ela seja concebida como uma área de conhecimento de natureza acadêmica (pesquisa básica) ou profissionalizante (pesquisa aplicada). No primeiro caso, os problemas de pesquisa a serem perseguidos em CM teriam apenas a preocupação de contribuir para o avanço acadêmico-científico da Educação Física; no segundo caso, os problemas de pesquisa necessitariam estar vinculados com melhora efetiva da prática profissional.

O LACOM tem se posicionado em relação ao segundo caso por meio de duas iniciativas. A primeira diz respeito à proposição e desenvolvimento de uma linha de pesquisa denominada de “Ensino-aprendizagem de habilidades motoras” (Tani, 1989, 1992b; Tani & Corrêa, 2004; Tani, Dantas & Manoel, 2005). Essa linha propõe a realização de pesquisas de integração e síntese de conhecimentos, em que a preocupação central seja a verificação experimental da aplicabilidade dos conhecimentos, princípios e hipóteses derivados da pesquisa básica em CM numa situação real de prática profissional. Essas pesquisas ainda não caracterizam uma pesquisa aplicada no sentido clássico da palavra, mas constituem um passo intermediário, ainda orientado ao aperfeiçoamento da teoria, mas já com a preocupação de integrar teoria e prática (veja, por exemplo, Freudenheim & Tani, 1998; Gomes et al., 2002, 2017; Meira Jr., Tani & Manoel, 2001; Públio & Tani, 1993; Públio, Tani & Manoel, 1995).

A segunda refere-se à publicação de livros e capítulos de livro com a preocupação de estreitar a relação entre pesquisa e intervenção profissional, ou seja, estabelecer uma ponte entre o CM e o ensino de habilidades motoras na Educação Física (por exemplo, Corrêa, 2008; Corrêa, Correia & Tani, 2016; Corrêa & Tani, 2005, 2006; Freudenheim & Tani, 2008; Oliveira & Tani, 2008; Tani, 1995d, 1998b, 1999a, 2000d, 2001a, 2002a, 2002b, 2000b, 2003, 2004, 2008a; Tani & Corrêa, 2004, 2016;

Tani et al., 2004; Tani, Manoel, Kokubun & Proença, 1988; Tani, Meira Jr. & Cattuzzo, 2010; Tani, Santos & Meira Jr., 2006; Tani, Teixeira & Ferraz, 1994). Essas obras procuram contribuir para melhorar a qualidade do ensino por meio da experimentação e aplicação dos conhecimentos, especialmente de Aprendizagem Motora, no cotidiano da intervenção profissional.

Finalmente, cabe destacar que o LACOM tem se utilizado de datas especiais para publicar obras comemorativas. Assim, em 2005, para comemorar os 15 anos do Laboratório, publicou o livro “Comportamento Motor: aprendizagem e desenvolvimento” (Tani, 2005). Da mesma maneira, em 2016, o livro “Comportamento motor: conceitos, estudos e aplicações” para comemorar os seus 25 anos de existência (Tani, 2016a). Ambos os volumes pela Editora Guanabara Koogan. Esses dois livros foram publicados como uma forma de o Laboratório prestar contas com a sociedade, revendo o que realizou, o que está realizando e o que pretende realizar no futuro. Oxalá essas obras comemorativas possam ter continuidade por muito tempo, porquanto uma evidência de que o Laboratório continua ativo e produtivo.

DAS PARCERIAS INTERNACIONAIS

A internacionalização é um processo em franco desenvolvimento no mundo acadêmico. Ela envolve o estabelecimento e dinamização de cooperação científica entre grupos de pesquisa e laboratórios de diferentes países, possibilitando a realização de projetos de pesquisa em rede, além de viabilizar a mobilidade de pesquisadores e estudantes de pós-graduação.

Ao longo dos últimos dez anos, o LACOM tem interagido cientificamente com o Laboratório de Cineantropometria e Estatística Aplicada da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto - Portugal, sob a liderança do Professor José António Ribeiro Maia. Esse intercâmbio tem focado no desenvolvimento da linha de pesquisa “Estudo do crescimento

físico, desenvolvimento motor, coordenação motora, atividade física e aptidão física”. Dentre as várias atividades já desenvolvidas em parceria, com a participação também do Laboratório de Hemodinâmica da Atividade Motora da EEFUEUSP, sob a liderança da Professora Cláudia Lúcia de Moraes Forjaz, destacam-se os quatro projetos de pesquisa apoiados consecutivamente pelo Edital Universal do CNPq, quais sejam: a) Estudo longitudinal misto do desenvolvimento de aspectos da coordenação motora e aptidão física em crianças brasileiras e portuguesas; b) Crescimento, desenvolvimento motor e saúde de crianças, adolescentes e famílias nucleares: um estudo dos fatores de risco e dos efeitos genéticos, ambientais e suas interações; c) Crescimento, desenvolvimento motor e saúde da infância à adolescência: um estudo longitudinal e suas relações; e d) Efeito da frequência de aulas de educação física e do tipo de conteúdo de ensino nos níveis de coordenação motora de escolares de 6 a 10 anos de idade. Mais recentemente, essa interação tornou-se ainda mais intensa com o desenvolvimento do projeto “Desenvolvimento motor e saúde cardiovascular de crianças, adolescentes e seus familiares: atividade física em foco” sob minha coordenação e do Professor Maia, junto ao Acordo de Cooperação em Inovação & Desenvolvimento estabelecido entre a Universidade de São Paulo e a Universidade do Porto.

A interação acadêmica e científica entre os citados laboratórios tem resultado na publicação de vários artigos em periódicos nacionais e internacionais, conforme já descritos na apresentação da linha de pesquisa em questão. Configura-se, dessa forma, a complementaridade entre os laboratórios para investigar, de forma integrada, os processos de desenvolvimento motor, crescimento, coordenação motora, capacidade motora, aptidão física e atividade física. Esse tipo de estudo ainda é incipiente mesmo na literatura internacional, sobretudo com base em dados longitudinais. Além disso, tem se constituído uma oportunidade singular para ampliar a parceria com outros laboratórios que têm interesse na investigação dos mesmos fenômenos. Disto tem resultado uma rede de laboratórios envolvendo, além de os já citados, os laboratórios do

Departamento de Educação Física e Esporte da Universidade Nacional de Educação Enrique Guzmán y Valle de La Cantuta - Peru, sob a liderança do Professor Alcibiades Bustamante Valdívía, da Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto da Universidade Pedagógica de Maputo - Moçambique, sob a liderança do Professor António Manuel Machado Prista e Silva e da Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto da Universidade da Madeira - Portugal sob a liderança do Professor Duarte Freitas.

No domínio da mobilidade docente visando ao estabelecimento e dinamização de cooperação científica internacional, gostaria de destacar que desde 1996 tenho sido professor convidado da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, para ministrar o seminário de Aprendizagem Motora junto ao Programa de Pós-graduação em Treino de Alto Rendimento. Da mesma forma tive a oportunidade de ministrar a disciplina de Aprendizagem Motora e ou Desenvolvimento Motor nos programas de Pós-graduação da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa (atual Universidade de Lisboa) - Portugal, da Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto da Universidade Pedagógica de Maputo - Moçambique, da Facultad de Ciencias de la Actividad Física y del Deporte de la Universidad de Playa Ancha de Valparaíso - Chile e da Facultad de Educación y Humanidades da Universidad de Tarapacá, em Arica - Chile.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente texto foi contar uma breve história do meu envolvimento com a área de CM no Brasil. Apesar de ter a característica de um depoimento, o conteúdo apresentado é de grande responsabilidade, visto que compõe uma obra que tem como meta registrar e documentar o início das pesquisas na área no Brasil. Em outras palavras, um documento histórico que certamente será referenciado em escritos futuros sobre o desenvolvimento acadêmico-científico do CM em nosso

País. Em textos dessa natureza é muito fácil esquecer-se de detalhes importantes ou mesmo cometer erros e injustiças, mesmo porque tudo que se escreve depende fundamentalmente da memória. Peço desculpas antecipadamente por eventuais falhas cometidas.

Conforme as orientações recebidas, procurou-se descrever passagens da vida e da carreira que não estão presentes ou não podem ser inferidas dos textos acadêmicos já escritos, para que os leitores possam ter uma melhor ideia da pessoa e não propriamente do pesquisador. Em virtude dessa orientação editorial, no que se refere à produção acadêmica, foi apresentada sucintamente apenas a descrição das linhas de pesquisa e suas principais produções bibliográficas, esperando que as eventuais contribuições acadêmico-científicas ao crescimento e desenvolvimento da área sejam deduzidas pela leitura dessas bibliografias específicas. Se já é desconfortável contar sobre a própria vida, imaginem falar das contribuições pessoais. No entanto, se fosse perguntado qual foi a principal realização como um pesquisador da área de CM, não teria dúvida em afirmar que é ter formado pessoas para investigar na área.

REFERÊNCIAS

- Adams, J.A. (1971). A closed-loop theory of motor learning. *Journal of Motor Behavior*, 3, 111-150.
- Amadio, A.C. (2017). Construindo o futuro, significado dos 40 anos da pós-graduação da EEFE-USP e contextualização histórica: universidade e ciência. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 31, 7-18.
- Antunes, F.H.C., Dantas, L.E.P.B.T., Bigotti, S., Tokuyochi, J.H., Tani, G., Brasil, F.K., André, M. (2005). Um retrato da pesquisa brasileira em educação física escolar: 1999-2003. *Revista Motriz*, 11, 179-184.

- Barbosa, J.P.A.S., Bartholomeu, T., Rezende, J.A.S., Basso, L., Oliveira, J.A., Tani, G., Prista, A., Maia, J.A.R., Forjaz, C.L.M. (2013). Risco cardiovascular e prática de atividade física em adultos de Muzambinho/MG: influência do gênero e da idade. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, 18, 242-252.
- Barbosa, J.P.A.S., Basso, L., Seabra, A., Prista, A., Tani, G., Maia, J.A.R., Forjaz, C.M.L. (2015). Relationship between physical activity, physical fitness and multiple metabolic risk in youths from Muzambinho's study. *European Journal of Sport Science*, 1, 1-6.
- Barrocal, R.M., Perez, C.R., Meira Jr., C.M., Gomes, F.R.F., Tani, G. (2006). Faixa de amplitude de conhecimento de resultados e processo adaptativo na aquisição de controle da força manual. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 20, 111-119.
- Barros, J.A.C., Tani, G., Corrêa, U.C. (2017). Effects of practice schedule and task specificity on the adaptive process of motor learning. *Human Movement Science*, 51, 196-210.
- Basso, L., Meira Jr., C.M., Oliveira, J.A., Forjaz, C.L.M., Souza, J.A., Prista, A., Maia, J.A.R., Tani, G. (2009). Crescimento e desenvolvimento motor de escolares de Muzambinho: um estudo com implicações acadêmicas, sociais e de política interinstitucional. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 9, 247-257.
- Basso, L., Souza, C.J.F., Araujo, U.O., Bastos, F.H., Bianchi, T.T., Meira Jr., C.M., Oliveira, J.A., Prista, A., Tani, G., Maia, J.A.R. (2012). Olhares distintos sobre a noção de estabilidade e mudança no desempenho da coordenação motora grossa. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 26, 495-509.
- Bastos, F.H., Marinovic, W., de Ruy, A.G., Tani, G. (2013). Prior knowledge of final testing improves sensorimotor learning through self-scheduled practice. *Human Movement Science*, 32, 192-202.

- Bastos, F.H., Tani, G., Araujo, U.O., Walter, C., Freudenheim, A.M. (2010). Number of options in a movement sequence affects learners's behavior in a self-controlled practice condition. *Perceptual and Motor Skills*, 111, 343-354.
- Benda, R., Corrêa, U.C., Lustosa de Oliveira, D., Tani, G. (2000). Variabilidade e processo adaptativo na aprendizagem de uma tarefa de controle da força manual. In: J. Barreiros, F. Melo & E.B. Sardinha (Eds.), *Percepção & Ação III*. Lisboa: Edições FMH, p.166-182.
- Benda, R.N., Corrêa, U.C., Lustosa de Oliveira, D., Ugrinowitsch, H., Tani, G. (2005). Variabilidade e processo adaptativo na aprendizagem de uma tarefa de posicionamento linear com reversão. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 13, 7-15.
- Benda, R.N., Tani, G. (2004). Adaptive process in the motor skill acquisition. *Journal of the International Federation of Physical Education - FIEP*, 74, 423-426.
- Bertalanffy, L. (1968). *General systems theory*. New York: George Braziller.
- Canfield, J.T., Pellegrini, A.M., Tani, G., Savassi, M., Guiselini, M.A., Krebs, R.J., Hurtado, J.M., Lima, P.R.G., Joviano, L.E.S., Da Silva, M.R., Bombim, C. (1982). *Diretrizes de implantação e implementação da educação física na educação pré-escolar e no ensino de primeira a quarta séries do primeiro grau*. Brasília: SEED/MEC.
- Cattuzzo, M.T., Tani, G. (2012). Effects of temporal stimuli in the acquisition of a serial tracking task. *Psychology Research and Behavior Management*, 5, 65-70.
- Chaves, R.N., Tani, G., Souza, M.C.; Baxter-Jones, A., Maia, J. (2013). Desempenho coordenativo de crianças. Construção de cartas percentílicas baseadas no método LMS de Cole & Green. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 27, 25-41.

- Chaves, R., Tani, G., Souza, M.C., Santos, D., Maia, J. (2012). Variabilidade na coordenação motora: uma abordagem centrada no delineamento gemelar. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 26, 301-311.
- Chaves, R.N., Valdívia, A.B., Nevill, A., Freitas, D., Tani, G., Katzmarzyk, P., Maia, J.A.R. (2016). Developmental and physical-fitness associations with motor coordination problems in Peruvian children. *Research in Developmental Disabilities*, 53-54, 107-114.
- Chehuen, M.R., Bezerra, A.I.L., Bartholomeu, T., Junqueira, N.O., Rezende, J.A.S., Basso, L., Oliveira, J.A., Lemos, W.P., Tani, G., Prista, A., Maia, J., Forjaz, C.L.M. (2011). Risco cardiovascular e prática de atividade física em crianças e adolescentes de Muzambinho/MG: influência do gênero e da idade. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 17, 160-164.
- Chiviacowsky, S., Godinho, M., Tani, G. (2005). Self-controlled knowledge of results: effects of different schedules and task complexity. *Journal of Human Movement Studies*, 49, 277-296.
- Chiviacowsky, S., Tani, G. (1993). Efeitos da frequência de conhecimento de resultados na aprendizagem de uma habilidade motora em crianças. *Revista Paulista de Educação Física*, 7, 45-57.
- Chiviacowsky, S., Tani, G. (1997). Efeitos da frequência de conhecimento de resultados na aprendizagem de diferentes programas motores generalizados. *Revista Paulista de Educação Física*, 11, 15-26.
- Chiviacowsky, S., Treptow, J.G., Tani, G., Meira Jr., C.M., Schild, J.F.G. (2009). Conhecimento de resultados autocontrolado: efeitos na aprendizagem de diferentes programas motores generalizados. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 9, 175-182.

- Chiviawowsky, S., Wulf, G., Medeiros, F.L., Kaefer, A., Tani, G. (2008). Learning benefits of self-controlled knowledge of results in 10-year-old children. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 79, 405-410.
- Choshi, K. (1972). *The psychology of timing*. Tokyo: Fumaido. (em japonês)
- Choshi, K. (1978). The organization of perceptual-motor behavior. In H. Hagiwara & K. Choshi (Eds.), *The organization of perceptual-motor behavior*. Tokyo: Fumaido. (em japonês).
- Corrêa, U.C., Alegre, F.A.M., Freudenhiem, A.M., Santos, S., Tani, G. (2012). The game of futsal as an adaptive process. *Nonlinear Dynamics, Psychology, and Life Sciences*, 16, 185-203.
- Corrêa, U.C., Barros, J.A.C., Massigli, M., Gonçalves, L.A., Tani, G. (2007). A prática constante-aleatória e o processo adaptativo de aprendizagem motora: efeitos da quantidade de prática constante. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 21, 301-314.
- Corrêa, U.C., Benda, R.N., Meira Jr., C.M., Tani, G. (2003). Practice schedule and adaptive process in the acquisition of a manual force control task. *Journal of Human Movement Studies*, 44, 121-138.
- Corrêa, U.C., Benda, R.N., Oliveira, D.L., Ugrinowitsch, H., Freudenheim, A.M., Tani, G. (2015). Different faces of variability in the adaptive process of motor skill learning. *Nonlinear Dynamics, Psychology, & Life Sciences*, 19, 465-487.
- Corrêa, U.C., Benda, R.N., Tani, G. (2001). Estrutura de prática e processo adaptativo na aquisição do arremesso de dardo de salão. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 22, 69-83.
- Corrêa, U.C., Benda, R.N., Ugrinowitsch, H., Tani, G. (2010). Effects of practice schedule on the adaptive process of motor learning. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 10, 158-171.

- Corrêa, U.C., Correia, W.R., Tani, G. (2016). Towards the teaching of motor skills as a system of growing complexity. In M. Koopmans & D. Stamovlasis (Eds.), *Complex dynamical systems in education: concepts, methods and applications*. New York: Springer, p. 93-103.
- Corrêa, U.C., Davids, K., Silva, S.L., Denardi, R.A., Tani, G. (2014). The influence of a goalkeeper as an outfield player on defensive subsystems in futsal. *Advances in Physical Education*, 4, 84-92.
- Corrêa, U.C., Massigli, M., Barros, J.A.C., Gonçalves, L.A., Oliveira, J.A., Tani, G. (2010). Constant-random practice and the adaptive process in motor learning with varying amounts of constant practice. *Perceptual and Motor Skills*, 110, 1-11.
- Corrêa, U.C., Oliveira, P.H.V., Oliveira, J.A., Freudenheim, A.M., Paroli, R., Ugrinowitsch, H., Meira Jr., C.M., Marinovic, W., Simoni, C.G., Tani, G. (2005). “Timing” coincidente em tarefas complexas: estudo exploratório do desempenho de adultos de diferentes idades em diferentes velocidades de estímulo visual. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 19, 307-315.
- Corrêa, U.C., Pinho, S.T., Silva, S.L., Romero, F., Souza, T.O., Tani, G. (2016). Revealing the decision-making of dribbling in the sport of futsal. *Journal of Sports Sciences*, 34, 2321-2328.
- Corrêa, U.C., Silva, S.L., Ferreira, T.R.S., Coimbra, L.G., Tani, G. (2013). Em busca da quantidade “ótima” de prática constante na estrutura constante-variada: um olhar para a validade ecológica e a especificidade da tarefa. *Revista da Educação Física de Maringá*, 24, 191-205.
- Corrêa, U.C., Tani, G. (2005). Estrutura de prática e processo adaptativo em aprendizagem motora: por uma nova abordagem da prática. In G. Tani (Ed.), *Comportamento motor: aprendizagem e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.141-161.

- Corrêa, U.C., Tani, G. (2006). Esportes coletivos: alguns desafios quando abordados sob uma visão sistêmica. In D. De Rose Júnior (Ed.), *Modalidades esportivas coletivas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 15-23.
- Corrêa, U.C., Walter, C., Torriani-Pasin, C., Barros, J., Tani, G. (2014). Efeitos da quantidade e do regime de prática variada após a prática constante sobre o processo adaptativo de aprendizagem motora. *Motricidade*, 10, 35-46.
- Daca, T., Prista, A., Farinatti, P., Tani, G. (2016a). Exercício físico e saúde para o idoso em Moçambique. *Revista Científica da UEM: Série Ciências Biomédicas e Saúde Pública*, 1, 23-32.
- Daca, T., Prista, A., Tchonga, F., Farinatti, P., Tani, G. (2016b). Atividade física de mulheres idosas da zona urbana em Moçambique. *Revista Moçambicana de Ciências de Saúde*, 3, 30-38.
- Denardi, R.A., Clavijo, F.A.R., Oliveira, T.A.C., Travassos, B., Tani, G., Corrêa, U.C. (2017). The volleyball setter's decision-making on attacking. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 17, 1-16.
- Dickinson, J. (1974). *Proprioceptive control of human movement*. London: Lepus Books.
- Forjaz, C.L.M., Bartholomeu, T., Rezende, J.A.S., Oliveira, J.A., Basso, L., Tani, G., Prista, A., Maia, J. (2011). Desafios no estudo de famílias nucleares: etapas iniciais de análise. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 25, 717-730.
- Forjaz, C.L.M., Bartholomeu, T., Rezende, J.A.S., Oliveira, J.A., Basso, L., Tani, G., Prista, A., Maia, J. (2012). Genetic and environmental influences on blood pressure and physical activity: a study with nuclear families from Muzambinho, Brazil. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, 45, 1269-1275.

- Franchini, E., Sterkowicz, S., Meira Jr., C.M., Gomes, F.R.F., Tani, G. (2008). Technical variation in a sample of high level judo players. *Perceptual and Motor Skills*, 106, 833-843.
- Freudenheim, A.M., Oliveira, J.A., Corrêa, U.C., Oliveira, P.H.V., Dantas, L.E.B.P.T, Silva, J.A.O., Moreira, C.R.P., Tani, G. (2005). Efeito da velocidade de estímulo no desempenho de uma tarefa complexa de timing coincidente em crianças e adolescentes. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 5, 160-166.
- Freudenheim, A.M., Tani, G. (1995). Efeitos da estrutura de prática variada na aprendizagem de uma tarefa de timing coincidente em crianças. *Revista Paulista de Educação Física*, 9, 87-98.
- Freudenheim, A.M., Tani, G. (1998). Efeitos do estabelecimento de metas na aquisição de uma habilidade de sustentação no meio líquido em crianças. *Revista da APEF de Londrina*, 13, 5-11.
- Freudenheim, A.M., Tani, G. (2008). Pesquisa em controle motor e a intervenção profissional. In U.C. Corrêa (Org.), *Pesquisa em comportamento motor: a intervenção profissional em perspectiva*. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, p.75-86.
- Freudenheim, A.M., Tani, G. (1993). Formação de esquema motor em crianças numa tarefa de timing coincidente. *Revista Paulista de Educação Física*, 7, 30-44.
- Gleick, J. (1987). *Chaos: Making a new science*. New York: Penguin Books.
- Gomes, F.R.F., Meira Jr., C.M., Franchini, E., Tani, G. (2002). Specificity of practice in acquisition of the technique of o-soto-gari in judo. *Perceptual and Motor Skills*, 95, 1248-1250.
- Gomes, F.R.F., Meira Jr., C.M., Neiva, J.F.O., Tani, G. (2017). Effects of distinct practice conditions on the learning of the o soto gari throwing technique of judo. *Journal of Sport Sciences*, 35, 572-578.

- Gomes, F.R.F., Meira Jr., C.M., Shimoda, W., Tani, G. (2008). Validação de uma lista de checagem para análise qualitativa do padrão de movimento do golpe de judô taiotoshi. *Academos*, 4, 12-27.
- Hagiwara, H., Choshi, K. (1975). *Human perceptual-motor behavior*. Tokyo: Fumaido. (in Japanese).
- Hagiwara, H., Choshi, K. (1978). *Organization of human perceptual-motor behavior*. Tokyo: Fumaido. (in Japanese).
- Henrique, R.S., Valdivia, A.B., Freitas, D.L., Tani, G., Katzmarzyk, P.T., Maia, J.A.R. (2017). Tracking of gross motor coordination in Portuguese children. *Journal of Sports Sciences*, 36, 220-228.
- Henry, F.M., Rogers, D.E. (1960). Increased response latency for complicated movements and a “memory drum” theory of neuromotor reaction. *Research Quarterly*, 31, 448-458.
- Jantsch, E. (1980). *The self-organizing universe: scientific and human implications of an emerging paradigm of evolution*. Oxford: Pergamon Press.
- Kaefer, A., Chiviakowsky, S., Meira Jr., C.M., Tani, G. (2014). Self-controlled practice enhances motor learning in introverts and extroverts. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 85, 226-233.
- Keele, S.W. (1968). Movement control in skilled motor performance. *Psychological Bulletin*, 70, 387-403.
- Koestler, A. (1967). *The ghost in the machine*. London: Hutchinson.
- Kuhn, T.S. (1970). *The structure of scientific revolutions*. Chicago: University of Chicago Press.
- Laszlo, E. (1972). *The systems view of the world*. New York: George Braziller.
- Lewin, R. (1993). *Complexity: life on the edge of chaos*. London: Phoenix.

- Lopes, A.A., Tani, G., Katzmarzyk, P., Thomis, M., Maia, J. (2014). Association between birth weight and neuromotor performance: a twin study. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, 24, 140-147.
- Lopes, A.A.T., Tani, G., Maia, J. (2011). Desempenho neuromotor, prematuridade e baixo peso à nascença. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 13, 73-81.
- Maia, J., Basso, L., Oliveira, J.A., Forjaz, C.L.M., Prista, A., Tani, G. (2010). O desafio da informação longitudinal: um “passeio guiado” sobre modelação hierárquica, “tracking” e informação omissa com um conjunto de dados do estudo de Muzambinho. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 24, 413-431.
- Malafaya, C., Tani, G., Maia, J. (2015). Prontidão motora: uma revisão do conceito, operacionalização e sua aplicação no contexto escolar. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 15, 99-114.
- Manoel, E.J. (2005). A árvore e a chama: a formação de um laboratório. In G. Tani (Ed.), *Comportamento motor: aprendizagem e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 1-16.
- Manoel, E.J., Basso, L., Corrêa, U.C., Tani, G. (2002). Modularity and hierarchical organization of action programs in human acquisition of graphic skills. *Neuroscience Letters*, 355, 83-86.
- Manoel, E.J., Freudenheim, A.M., Basso, L., Tani, G. (2001). Estabilidade na aquisição de habilidade motora: um estudo de caso sobre a formação de padrões. In M.E.Q. Gonzales, M.C.S. Del-Masso & J.R.C. Piqueira (Orgs.), *Encontro com as ciências cognitivas*. São Paulo: Cultura Acadêmica. Marília: UNESP Marília Publicações, p.121-138.
- Manoel, E.J., Tani, G. (1999). Preparação profissional em educação física e esporte: passado, presente e desafios para o futuro. *Revista Paulista de Educação Física*, 13, 13-19.

- Marques, P.S., Thon, R.A., Espanhol, J., Tani, G., Corrêa, U.C. (2017). The intermediate learner's choice of self-as-model strategies and the eight-session practice in learning of the front crawl swim. *Kinesiology*, 49, 57-64.
- Marques, P.G., Walter, C., Tani, G., Corrêa, U.C. (2014). O efeito do autoestabelecimento de metas na aquisição de uma habilidade motora. *Motricidade*, 10, 56-63.
- Meira Jr., C.M., Maia, J.A.R., Tani, G. (2012). Frequency and precision of feedback and the adaptive process of learning a dual motor task. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 26, 455-462.
- Meira Jr., C.M., Tani, G. (2001). The contextual interference effect in acquisition of dart-throwing skill tested on a transfer test with extended trials. *Perceptual and Motor Skills*, 92, 910-918.
- Meira Jr., C.M., Tani, G. (2004). Contextual interference effects assessed by extended transfer trials in the acquisition of the volleyball serve. *Journal of Human Movement Studies*, 45, 449-468.
- Meira Jr., C.M., Tani, G., Manoel, E.J. (2001). A estrutura da prática variada em situações reais de ensino-aprendizagem. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 10, 55-63.
- Nhamussua, D.M., Prista, A., Basso, L., Tani, G. (2012). Interferência contextual e nível de habilidade na aprendizagem do serviço do voleibol. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 26, 731-740.
- Oliveira, D.L., Corrêa, U.C, Gimenez, R., Basso, L., Tani, G. (2009). Relative frequency of knowledge of results and task complexity in the motor skill acquisition. *Perceptual and Motor Skills*, 109, 8-12.

- Oliveira, J.A., Perotti Jr., A., Tani, G. (2008). Estudo do desenvolvimento motor e a intervenção profissional em educação física. In U.C. Corrêa (Org.), Pesquisa em comportamento motor: a intervenção profissional em perspectiva. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, p.198-212.
- Oliveira, T.A.C., Denardi, R.A., Tani, G., Corrêa, U.C. (2013). Effects of internal and external attentional foci on motor skill learning: testing the automation hypothesis. *Human Movement*, 14, 194-199.
- Paroli, R., Tani, G. (2009). Efeitos das combinações da prática constante e variada na aquisição de uma habilidade motora. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 23, 221-234.
- Pedrinelli, V.J., Tani, G. (1994). Variability of practice and motor schema formation in children with Down syndrome. *Brazilian International Journal of Adapted Physical Education Research*, 1, 101-117.
- Perez, C.R., Meira Jr., C.M., Tani, G. (2005). Does the contextual interference effect last over extended transfer trials? *Perceptual and Motor Skills*, 100, 58-60.
- Perotti Jr., A., Barela, J.A., Polasti, P.F., Tani, G. (2007). Influência de diferentes informações comportamentais na dinâmica intrínseca entre informação visual e oscilação corporal. *Brazilian Journal of Motor Behavior*, 2, 40-50.
- Perotti Jr., A., Barela, J.A., Polastri, P.F., Tani, G. (2012). Efeitos da informação comportamental na dinâmica intrínseca do controle postural. *Revista Motriz*, 18, 602-614.
- Pinheiro, J.P., Marques, P.G., Tani, G., Corrêa, U.C. (2015). Diversification of motor skills rely upon an optimal amount of variability of perceptive and motor task demands. *Adaptive Behavior*, 23, 1-14.
- Popper, K.R. (1972). *The logic of scientific discovery*. London: Hutchinson.

- Prigogine, I., Stengers, I. (1984). *Order out of chaos: man's new dialog with nature*. New York: Bantam Books.
- Públio, N.S., Tani, G. (1993). Aprendizagem de habilidades motoras seriadas da ginástica olímpica. *Revista Paulista de Educação Física*, 7, 58-68.
- Públio, N.S., Tani, G., Manoel, E.J. (1995). Efeitos da demonstração e instrução verbal na aprendizagem de habilidades motoras da ginástica olímpica. *Revista Paulista de Educação Física*, 9, 111-124.
- Santos, F.G., Pacheco, M.M., Basso, L., Tani, G. (2016). A comparative study of the mastery of fundamental movement skills between different cultures. *Motricidade*, 12, 116-126.
- Santos, S., Tani, G. (1995). Tempo de reação e a aprendizagem de uma tarefa de timing antecipatório em idosos. *Revista Paulista de Educação Física*, 9, 51-62.
- Schmidt, R.A. (1975). A schema theory of discrete motor skill learning. *Psychological Review*, 82, 225-260.
- Silva Filho, A.S., Tani, G., Correia, W.R., Corrêa, U.C. (2012). The choices made by adolescents in high school physical education classes. *Advances in Physical Education*, 2, 163-168.
- Silva, J.A.O., Araujo, U.O., Tani, G., Corrêa, U.C. (2009). Estrutura de prática e complexidade da tarefa no processo adaptativo de aprendizagem motora. *Revista da Educação Física da Universidade Estadual de Maringá*, 20, 313-323.
- Silveira, S.R., Corrêa, U.C., Basso, L., Ferreira, M.G., Tani, G. (2013). Aquisição de habilidade motora rebater na educação física escolar: um estudo das dicas de aprendizagem como conteúdo de ensino. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 27, 149-157.

- Silveira, S.R., Tani, G. (2008). Educação física como área de conhecimento na Escola de Educação Física e Esporte da USP: um estudo da sua trajetória e constituição a partir do seu periódico institucional. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 22, 35-44.
- Sugiyama, M., Tani, G. (1977). A study on the physical fitness of student in university judo club: on maximum oxygen uptake. *Research Journal of Budô*, 10, 109-112. (em japonês)
- Sugiyama, M., Tani, G. (1978). A study on the physical fitness of student in university judo club: on cardiorespiratory functions. *Research Journal of Budô*, 11, 31-42. (em japonês)
- Tagusari, F.I., Santos, F.G., Tani, G. (2016). Análise da complexidade das técnicas de te waza do judô pertencentes ao gokyô. *Revista da Educação Física*, 27, e2756.
- Tani, G. (1979). Human perceptual-motor behavior: a systems approach. Master Theses. Hiroshima: Faculty of Education of Hiroshima University. (em japonês)
- Tani, G. (1980). The adaptation process in the serial learning of perceptual-motor skill under three learning conditions. *The Bulletin of Japanese Curriculum Research and Development*, 5, 219-226. (em japonês)
- Tani, G. (1981a). The degree of freedom of response choice in the adaptation process of perceptual-motor skill learning. *The Bulletin of Japanese Curriculum Research and Development*, 6, 15-22. (em japonês)
- Tani, G. (1981b). The degree of freedom of response's choice in serial learning of perceptual-motor skill. *The Bulletin of Japanese Curriculum Research and Development*, 6, 107-115. (em japonês)
- Tani, G. (1981c). The effect of error-restriction emphasis instruction on the two-hand coordination learning. *The Bulletin of Japanese Curriculum Research and Development*, 6, 209-216. (em japonês)

- Tani, G. (1982a). The degree of freedom of response choice in serial skill learning. *The Bulletin of Japanese Curriculum Research and Development*, 7, 21-28. (em japonês)
- Tani, G. (1982b). The effect of error-restriction emphasis instruction on the adaptation process of two-hand coordination learning. *The Bulletin of Japanese Curriculum Research and Development*, 7, 155-160. (em japonês)
- Tani, G. (1982c). Adaptive process in perceptual-motor skill learning. Doctoral Dissertation. Hiroshima: Faculty of Education of Hiroshima University. (em japonês)
- Tani, G. (1984). A formação do professor de educação física e a pesquisa. *Revista Corpo e Movimento*, 3, 28.
- Tani, G. (1987). Educação física na pré-escola e nas quatro primeiras séries do ensino de primeiro grau: uma abordagem de desenvolvimento I. *Revista Kinesis*, 3, 19-41.
- Tani, G. (1989). Significado, detecção e correção do erro de performance no processo ensino-aprendizagem de habilidades motoras. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 3, 50-58.
- Tani, G. (1991). Perspectivas para a educação física escolar. *Revista Paulista de Educação Física*, 5, 61-69.
- Tani, G. (1992a). Estudo do comportamento motor, educação física escolar e a preparação profissional em educação física. *Revista Paulista de Educação Física*, 6, 62-66.
- Tani, G. (1992b). Contribuições da aprendizagem motora à educação física. *Revista Paulista de Educação Física*, 6, 65-72.
- Tani, G. (1995a). A dicotomia teoria-prática na preparação profissional em educação física. In: *Anais da III Semana de Educação Física*. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu, p.7-16.

- Tani, G. (1995b). Vivências práticas no curso de graduação em educação física: necessidade, luxo ou perda de tempo? In: Anais do VI Simpósio de Pesquisa em Educação Física. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, p.17-31.
- Tani, G. (1995c). Aspectos macroscópicos e microscópicos da formação de pesquisadores e o estudo do comportamento motor humano: comentário. Caderno Documentos 1. São Paulo: Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, p.10-14.
- Tani, G. (1995d). Aquisição da habilidade motora nadar: um processo de solução de problemas motores. In: A.M. Freudenheim (Coord.), O nadar: uma habilidade motora revisada. São Paulo: EEFUSP, p.53-60.
- Tani, G. (1996a). Vivências práticas no curso de graduação de educação física: uma réplica dos comentários de Manoel e Okuma. Caderno Documentos 2. São Paulo: Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, p.34-44.
- Tani, G. (1996b). Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica. Motus Corporis, 3, 9-49.
- Tani, G. (1997). Algumas reflexões sobre o bacharelado em educação física. Caderno Documentos 3. São Paulo: Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, p.56-70.
- Tani, G. (1998a). 20 anos de ciências do esporte: Um transatlântico sem rumo? Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Número Especial Comemorativo dos 20 Anos de Fundação, p.19-31.

- Tani, G. (1998b). Liberdade e restrição do movimento no desenvolvimento motor da criança. In: R.J. Krebs, F. Copetti, T.S. Beltrame (Orgs.), *Discutindo o desenvolvimento infantil - Livro do Ano da Sociedade Internacional para Estudos da Criança*. Santa Maria: Edições SIEC, p.39-62.
- Tani, G. (1999a). Criança e movimento: o conceito de prática na aquisição de habilidades motoras. In: R.J. Krebs, F. Copetti, T.S. Beltrame, M. Ustra (Orgs.), *Perspectivas para o desenvolvimento infantil - Livro do Ano da Sociedade Internacional para Estudos da Criança*. Santa Maria: Edições SIEC, p.121-138.
- Tani, G. (1999b). Atividade de pesquisa na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo: passado, presente e futuro. *Revista Paulista de Educação Física*, 13, 20-35.
- Tani, G. (2000a). Os desafios da pós-graduação em educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 22, 79-90.
- Tani, G. (2000b). Processo adaptativo em aprendizagem motora: o papel da variabilidade. *Revista Paulista de Educação Física*, Suplemento 3, 55-61.
- Tani, G. (2000c). Variabilidade e programação motora. In: A.C. Amadio, V.J. Barbanti (Orgs.), *A biodinâmica do movimento humano e suas relações interdisciplinares*. São Paulo: Estação Liberdade, p.245-260.
- Tani, G. (2000d). Esporte e processos pedagógicos. In: W.W. Moreira, R. Simões (Orgs.), *Fenômeno esportivo no início de um novo milênio*. Piracicaba: Editora UNIMEP, p.85-90.
- Tani, G. (2001a). A criança no esporte: implicações da iniciação esportiva precoce. In: R.J. Krebs, F. Copetti, M.R. Roso, M.S. Kroeff, P.H. Souza (Orgs.), *Desenvolvimento infantil em contexto*. Livro do Ano da Sociedade Internacional para Estudos da Criança. Florianópolis: Editora da UDESC, p.101-113.

- Tani, G. (2001b). Aprendizagem motora no contexto da educação física e ciências do esporte: dilemas, conflitos e desafios. In: M.G.S. Guedes (Ed.), *Aprendizagem motora: problemas e contextos*. Lisboa: Edições FMH.
- Tani, G. (2001c). Educação física na educação infantil: pesquisa e produção do conhecimento. *Revista Paulista de Educação Física*, Suplemento 4, 110-115.
- Tani, G. (2002a). Iniciação esportiva e influências do esporte moderno. In F.M. Silva (Org.), *Treinamento desportivo: aplicações e implicações*. João Pessoa: Editora Universitária, p. 143-151.
- Tani, G. (2002b). Aprendizagem motora e esporte de rendimento: um caso de divórcio sem casamento. In V.J. Barbanti, A.C. Amadio, J.O. Bento, A.T. Marques (Orgs.), *Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde*. São Paulo: Manole, p.145-162.
- Tani, G. (2003). Aprendizagem motora: problemas de investigação e aplicações. In A. Prista, A. Marques, A. Madeira, S. Saranga (Eds.), *Atividade física e desporto: fundamentos e contextos*. Porto: Universidade do Porto, p.69-79.
- Tani, G. (2004). A arte e a ciência da finta. In J. Garganta, J. Oliveira, M. Murad (Eds.), *Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo*. Porto: Universidade do Porto / Campo das Letras, p.239-246.
- Tani, G. (Ed.) (2005). *Comportamento motor: aprendizagem e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Tani, G. (2006). Comportamento motor e sua relação com a educação física. *Brazilian Journal of Motor Behavior*, 1, 21-30.
- Tani, G. (2007a). Avaliação das condições do ensino de graduação em educação física: garantia de uma formação de qualidade. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 6, 55-70.

- Tani, G. (2007b). Educação física: por uma política de publicação visando à qualidade dos periódicos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 29, 9-22.
- Tani, G. (2008a). Equivalência motora, variabilidade e graus de liberdade: desafios para o ensino de jogos desportivos. In F. Tavares, A. Graça, J. Garganta, I. Mesquita (Eds.), *Olhares e contextos da performance nos jogos desportivos*. Porto: Universidade do Porto, p.85-92.
- Tani, G. (2008b). Abordagem desenvolvimentista: 20 anos depois. *Revista da Educação Física da Universidade Estadual de Maringá*, 19, 313-331.
- Tani, G. (2010). Das pessoas às instituições: o Janus no ideário em educação física e ciências do desporto dos países lusófonos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 10, 207-220.
- Tani, G. (2011). A educação física e o esporte no contexto da universidade. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 25, 117-126.
- Tani, G. (2012). Corrida contra o tempo: propostas curriculares de “roteiro completo” para a educação física escolar. In G. Tani, J.O. Bento, A.C.A. Gaya, C. Boschi, R.P. Garcia (Eds.), *Celebrar a lusofonia: ensaios e estudos em desporto e educação física*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, p.207-231.
- Tani, G. (2013). Professional preparation in physical education: changing labor market and competence. *Motriz. Journal of Physical Education*, 19, 552-557.
- Tani, G. (2014). Editoração de periódicos em educação física/ciências do esporte: dificuldades e desafios. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 36, 715-722.
- Tani, G. (Ed.) (2016a). *Comportamento motor: conceitos, estudos e aplicações*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

- Tani, G. (2016b). Pós-graduação em educação física: crescimento e correção da rota. In W.W. Moreira, V.L. Nista-Piccolo (Orgs.), Educação física e esporte no século XXI. Campinas: Papyrus Editora. p.153-171.
- Tani, G., Basso, L., Corrêa, U.C. (2012). O ensino do esporte para crianças e jovens: considerações sobre uma fase do processo de desenvolvimento motor esquecida. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 26, 339-350.
- Tani, G., Basso, L., Silveira, S.R., Correia, W.R., Corrêa, U.C. (2013). O ensino de habilidades motoras esportivas na escola e o esporte de alto rendimento: discurso, realidade e possibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 27, 507-518.
- Tani, G., Bastos, F.C., Castro, I.J., Jesus, J.F., Sacay, R.C., Passos, S.C.E. (1992). Variabilidade de resposta e processo adaptativo em aprendizagem motora. Revista Paulista de Educação Física, 6, 16-25.
- Tani, G., Bruzi, A.T., Bastos, F.H., Chiviacowsky, S. (2011). O estudo da demonstração em aprendizagem motora: estado da arte, desafios e perspectivas. Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano, 13, 392-403.
- Tani, G., Canfield, M.S., Silva, M.M.; Fontana, K.E., Carmo, J.C. (1987). Subsídios para professores de educação física de primeira a quarta séries do primeiro grau. Brasília: SEED/MEC.
- Tani, G., Corrêa, U.C. (2004). Da aprendizagem motora a pedagogia do movimento: novos insights acerca da prática de habilidades motoras. In E. Lebre, J.O. Bento (Eds.), Professor de educação física: ofícios da profissão. Porto: Universidade do Porto, p.76-92.
- Tani, G., Corrêa, U.C. (2016). Aprendizagem motora e o ensino do esporte. São Paulo: Edgard Blücher.

- Tani, G., Corrêa, U.C., Basso, L., Benda, R.N., Ugrinowitsch, H., Choshi, K. (2014). An adaptive process model of motor learning: Insights for the teaching of motor skills. *Nonlinear Dynamics, Psychology, & Life Sciences*, 18, 47-65.
- Tani, G., Dantas, L.E.P.B.T., Manoel, E.J. (2005). Ensino-aprendizagem de habilidades motoras: um campo de pesquisa de síntese e integração de conhecimentos. In G. Tani (Ed.), *Comportamento motor: aprendizagem e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.106-116.
- Tani, G., Freudenheim, A.M., Meira Jr., C.M., Corrêa, U.C. (2004). Aprendizagem motora: tendências, perspectivas e aplicações. *Revista Paulista de Educação Física*. Número Especial, 18, 55-72.
- Tani, G., Manoel, E.J., Kokubun, E., Proença, J.E. (1988). *Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EPU/EDUSP.
- Tani, G., Meira Jr., C.M., Cattuzzo, M.T. (2010). Aprendizagem motora e educação física: pesquisa e intervenção. In J.O. Bento, G. Tani, A. Prista (Orgs.), *Desporto e educação física em português*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, p.36-56.
- Tani, G., Meira Jr., C.M., Gomes, F.R.F. (2005). Frequência, precisão e localização temporal de conhecimento de resultados e o processo adaptativo na aquisição de uma habilidade motora de controle da força manual. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 5, 59-68.
- Tani, G., Meira Jr., C.M., Oliveira, J.A., Corrêa, U.C. (2009). O day after olímpico e a universidade. *Revista da Educação Física*, 20, 485-497.
- Tani, G., Meira Jr., C.M., Ugrinowitsch, H., Benda, R.N., Chiviawosky, S., Corrêa, U. (2010). Pesquisa na área de comportamento motor: modelos teóricos, métodos de investigação, instrumentos de análise, desafios e perspectivas. *Revista da Educação Física*, 21, 1-51.

- Tani, G., Santos, S., Meira Jr., C.M. (2006). O ensino da técnica e a aquisição de habilidades motoras no desporto. In G. Tani, J.O. Bento, R.D.S. Petersen (Eds.), *Pedagogia do desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 227-240.
- Tani, G., Teixeira, L.R., Ferraz, O.L. (1994). Competição no esporte e educação física escolar. In: J.A.N. Conceição (Coord.), *Saúde escolar: a criança, a vida e a escola*. São Paulo: Sarvier, p. 73-86.
- Tokuyoshi, J.H., Bigotti, S., Antunes, F.H.C., Cerêncio, M.M., Dantas, L.E.P.B.T., Leão, H., Souza, E.R., Tani, G. (2008). Retrato dos professores de Educação física das escolas estaduais do estado de São Paulo. *Motriz*, 14, 418-428.
- Ugrinowitsch, H., Benda, R.N., Corrêa, U.C., Tani, G. (2014). Extensive practice improves adaptation to predictable perturbations in a sequential coincident timing task. *American Journal of Life Sciences*, 2, 90-95.
- Ugrinowitsch, H., Corrêa, U.C., Tani, G. (2005). Perturbação perceptiva e processo adaptativo na aprendizagem de uma tarefa de “timing” coincidente. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 19, 277-284.
- Ugrinowitsch, H., Santos-Naves, S.P., Carbinatto, M.V., Benda, R.N., Tani, G. (2011). Motor skill adaptation depends on the level of learning. *International Journal of Human and Social Sciences*, 6, 177-181.
- Waldrop, M.M. (1992). *Complexity: the emerging science at the edge of order and chaos*. London: Penguin Books.
- Yates, E.F. (1987). *Self-organizing systems: the emergence of order*. New York: Plenum Press.

5

MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA E TRABALHO

Ricardo Demetrio de Souza Petersen

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Nasci em Porto Alegre, em 09 de julho 1951, no Hospital Militar. Sou o segundo filho dentre quatro irmãos, três homens e uma mulher. Meu pai, Hans Iürguen Petersen, era militar do Exército brasileiro; e minha mãe, Zulma de Souza Petersen, sempre se dedicou ao lar e à nossa criação. Minha infância, até meus oito anos, foi no interior do estado do Rio Grande do Sul, em várias localidades, pois meu pai era topógrafo e nos deslocávamos com frequência com uma equipe de militares que tinha como missão aprimorar o mapa cartográfico do Rio Grande do Sul. Cursei a primeira e a segunda séries do então primário no Grupo Escolar São Simão, em São Simão, uma vila militar onde estava sendo implantado um quartel do Exército, próximo ao município de Saicã, no centro do estado, onde o Exército faz manobras de guerra até os dias de hoje. Lá tive cavalo, aprendi a nadar em uma lagoa, brinquei em cima de árvores, andei de bicicleta, enfim, tive uma infância muito feliz, da qual tenho ótimas lembranças.

Em 1960, viemos morar em Porto Alegre. No primeiro ano, fui estudar no Grupo Escolar Dom Pedro I, no bairro Glória. No ano seguinte, fui para um colégio Marista, o Ginásio Assunção, no mesmo bairro, onde cursei até o segundo ano do então Ginásio. Como fui reprovado nos exames finais do segundo ano, meu pai decidiu me matricular em outro colégio marista, o Colégio Nossa Senhora das Dores, no centro

de Porto Alegre. Lá repeti a segunda série e cursei até a quarta série com um bom desempenho. Como se tornou muito caro para meu pai pagar escola particular para todos os filhos, por iniciativa própria fui estudar em uma escola pública, o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, na época considerado um dos melhores colégios de Porto Alegre. Cursei o Científico, já que pretendia fazer faculdade em uma subárea das Ciências Biológicas. A outra opção era o Clássico, para quem queria se dedicar às áreas das humanas. Foi neste colégio que tive um professor de Educação Física que me inspirou para eu decidir sobre a profissão que eu pretendia seguir, a Educação Física. Este professor, Nelson Saul, veio a ser também meu professor de ginástica olímpica na Escola de Educação Física.

Aos 15 anos, comecei a praticar atletismo no Grêmio Futebol Portoalegrense. Meu técnico, Alexandre Davis, um húngaro, dizia que eu tinha um grande potencial para o atletismo, e cheguei a competir em nível estadual no decatlo; contudo, o gosto por jogar futebol sempre atrapalhou meus treinos no atletismo. Tínhamos um time de futebol na rua onde eu morava, no bairro Menino Deus, o Almirante Futebol Clube, do qual eu era o goleiro. Geralmente eu me lesionava nos finais de semana, pois os campos onde jogávamos não eram de boa qualidade, além de não termos nenhuma orientação técnica, o que me atrapalhava nos treinos de atletismo. Como resultado, não obtive bom desempenho em nenhum desses esportes.

Aos 17 anos, resolvi trabalhar, pois o orçamento familiar era apertado, e queria ter meu próprio dinheiro. Sempre ajudei meu pai, desde meus 13 anos, com os trabalhos de topografia que ele fazia aos finais de semana e nas férias. Contudo, decidi estudar à noite e trabalhar durante o dia. Essa não se revelou uma boa opção: o banco em que eu trabalhava não me dava muita chance de estudar, exigindo que eu fizesse muitas horas extras para dar conta do serviço. Como consequência, meu último ano de Científico foi prejudicado; e, para não perdê-lo, fiz um supletivo, o que me permitiu concluir o curso.

Em 1970, aos 19 anos de idade, pedi demissão do banco para fazer um curso pré-vestibular. No mesmo ano, fiz vestibular para Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e fui aprovado. Em 1971, iniciei o curso no turno da tarde, com mais 75 colegas. Nossa escola havia recém sido incorporada pela UFRGS – até 1969, era uma Escola Superior Estadual. Foram três anos muito bons em minha vida, pois tive certeza de que a Educação Física era o que eu realmente queria como profissão.

Desde o primeiro ano, me empenhei para ter um bom desempenho, pois sempre entendi que ali começava a minha vida profissional. Em 1972 fui monitor de Ginástica Geral na Prática Esportiva Universitária de estudantes de outros cursos da UFRGS. Nesse ano, aprendi muito com o professor Moreira, responsável pela disciplina e também meu professor durante o curso. No mesmo ano, fui indicado pelos Professores Jaime Werner dos Reis e Jacinto Targa, então Diretor da Escola Superior de Educação Física (ESEF), juntamente com os colegas Adroaldo Cezar Araujo Gaya, Antônio Carlos Stringhini Guimarães, Hélio Becker e Paulo Roberto Schroeder, para sermos monitores, sem remuneração, do projeto que estava sendo elaborado pelo Médico Eduardo Henrique de Rose, o do Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX).

Em 1972, começamos nossas atividades no LAPEX. O DeRose viajava muito no Brasil e no exterior, e visitava muitos laboratórios de pesquisa em esportes, de onde trazia novidades na área, esta ainda muito carente de bibliografia no Brasil. Também recebíamos convidados, como o Dr. Kenneth Cooper e o Dr. Bruno Balke. Esses anos no LAPEX me despertou para a pesquisa, algo que em nosso curso era praticamente ignorado, pois tínhamos muita ênfase nas práticas esportivas e na pedagogia, mas pouca ou nenhuma formação para a pesquisa. Mesmo assim, participei de dois estudos que geraram artigos publicados na Revista Brasileira de Medicina do Esporte, em 1975, e outro na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, em 1980, e uma apresentação no *World Congress in Sports Medicine*, em 1978

Aqui faço um parêntese de minha vida profissional para assinalar que, nesse ano, reencontrei a Laura, que eu não via desde meus 12 anos, e começamos a namorar. Esse namoro perdura até hoje, e queremos que dure para sempre.

Voltando à vida acadêmica/profissional, ainda em 1972, fui contratado pela Secretaria Estadual de Educação como professor com 20 horas (“plano B”), pois precisava trabalhar, apesar de ainda morar com meus pais. No ano seguinte, fui contratado por mais 20 horas; contudo, continuei vinculado ao LAPEX. Dei aula em escolas estaduais, inicialmente no município de Camaquã, três vezes por semana. Como tinha de frequentar aulas no turno da tarde, eu pegava o ônibus às 5h00, chegava à Escola Estadual um pouco antes das 7h00 e ministrava minha primeira aula às 7h30min e a última às 10h30min. Pegava o ônibus de volta para Porto Alegre às 11h30min para assistir às aulas da ESEF que começavam às 13h30min. Segui nesse ritmo até me formar, em 1973. Até 1977 passei por escolas nos municípios de Charqueadas e Guaíba, cada vez mais próximos de Porto Alegre, onde eu residia.

Ainda no último ano de escola, em julho de 1973, todos os estagiários do LAPEX foram fazer um curso de Pesquisador em Educação Física, durante todo o mês de julho, no LABOFISE da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro, coordenado pelo Dr. Maurício Leal Rocha. Essa foi uma grande oportunidade de entendermos melhor como um laboratório funcionava e, logicamente, de adquirirmos conhecimento mais sistematizado sobre avaliação funcional e pesquisa. Segui ligado ao LAPEX por mais três anos.

Em 1975, com recursos do LAPEX, Guimarães e eu viajamos para a Europa e os Estados Unidos a fim de conhecer laboratórios de pesquisa e avaliação funcional. Visitamos o laboratório do *Intituto di Medicina Dello Sport*, em Roma, Itália; o *Institut für Kreislaufforschung und Sportmedizin* da Escola de Esportes de Colônia na Alemanha; o *Instituut Voor Lichamelijke Opleiding*, em Leuven, na Bélgica; e depois, nos Estados Unidos o Laboratório de Biomecânica da *Pennsylvania State University*, em *State College*, na Pensilvânia, no Laboratório do

Instituto de Pesquisas Aeróbicas, em Dallas, Texas. Voltei dessa viagem convencido de que, se não buscasse uma formação em nível de Mestrado e Doutorado, não teria futuro como membro do LAPEX. Minha intenção, naquele momento, era ir para o exterior buscar essa formação, visto que, no Brasil, à época, as oportunidades eram praticamente inexistentes na área.

Em 1977, iniciei e concluí o curso de Especialização em Atletismo. Nesse ano, fui convidado a trabalhar com reabilitação de cardíacos na Clínica Physis, em Porto Alegre. Essa foi uma experiência profissional muito interessante, pois os vários conhecimentos que eu havia adquirido no LAPEX me ajudaram muito, e a clínica era um ambiente bem diferente da escola. Lá trabalhei até 1988.

Ainda em 1977, fui indicado pela Congregação da ESEF para ministrar as aulas de Handebol, Remo e Atletismo na qualidade de Professor Colaborador, o que hoje equivale ao Professor Substituto. Foi minha primeira experiência com a graduação em Educação Física. A monitoria com o Prof. Moreira na prática esportiva me ajudou muito nesses anos iniciais.

Nesse ano, após ter atingido minha meta de ser professor em um colégio de Porto Alegre, pedi exoneração da Secretaria Estadual de Educação e me dediquei às aulas de graduação da ESEF e ao trabalho na Physis.

Em 1978, surgiu a oportunidade de cursar mestrado nos Estados Unidos mediante um convênio do MEC com a Universidade de Iowa. Como eu era o professor mais jovem da Escola e não era vinculado ao quadro efetivo, não via muita chance de preencher uma vaga única. Contudo, novamente a Congregação da ESEF me indicou para a vaga. Posteriormente, a UFRGS pleiteou junto à CAPES e teve aprovadas mais duas vagas para dois colegas do LAPEX: o Antônio Carlos Guimarães e o Newton Fernando Fortuna. Como meu contrato era de Professor Colaborador, tive de pedir rescisão de contrato com a UFRGS. Em janeiro do ano seguinte, embarcávamos, junto com mais 19 professores de várias universidades brasileiras, para os Estados Unidos a fim de cursar

o Mestrado Sem Tese (Dissertação) na Universidade de Iowa, em Iowa City, Iowa.

O início do curso foi bastante difícil, já que não dominávamos a língua inglesa. Tivemos um semestre de curso de inglês, com seis horas diárias, o que nos capacitou a enfrentar as disciplinas do curso. No ano seguinte, 10 professores do grupo solicitaram *upgrade* para o Mestrado com Tese, o que foi aceito por aquela universidade devido ao nosso desempenho acadêmico.

Nesse ano ainda, um fato me causou muita tristeza: o falecimento do meu irmão mais velho, aos 33 anos. Mais ainda porque, desde o início da doença, ainda em 1979, só pude estar próximo a ele depois que entrou em coma; e, na mesma semana, veio a falecer. Dediquei o meu mestrado a ele, um irmão que eu amava muito.

No início do segundo ano, em 1980, optei pela área de Aprendizagem Motora, cujo orientador era o Prof. Dr. Douglas Larish, que recém havia terminado seu doutorado e sido contratado pela Universidade. Eu conhecia muito pouco da Aprendizagem Motora; mas, já nos primeiros contatos com a área, tomei essa decisão. Como éramos três professores da mesma instituição, julgávamos que cada um deveria optar por uma área diferente, pois assim nossa contribuição para a ESEF poderia ser maior. Como nossa sala era junto ao Laboratório de Comportamento Motor, fiquei voluntariamente na função de *Lab Assistant*. Participei de vários experimentos, como sujeito e como experimentador.

Nesse ano, após pleitearmos algum tipo de auxílio da UFRGS, haja vista que o valor da bolsa era insuficiente para custear nossas despesas, fomos contratados pela UFRGS como professores do quadro efetivo. Nossa qualidade de vida melhorou muito, e pudemos focar melhor os estudos.

No ano seguinte, em fevereiro, nasceu nosso primeiro filho, o Eduardo. Nossa vida a partir daí mudou, pois agora tínhamos as responsabilidades de pais. Contudo, esse novo membro da família trouxe mais alegria a nossas vidas.

Em julho de 1981, defendi minha dissertação de Mestrado intitulada “*The role of the equilibrium point and the spatial position in mass-spring system*”, concluindo assim meu curso de Mestrado. Em seguida, despertei o interesse pela área de Desenvolvimento Motor ao tomar contato com o trabalho da Dra. Jane Clark, a qual conheci pessoalmente por ocasião de sua vinda a Iowa para participar de uma banca de Doutorado de uma colega. Logo depois escrevi à Dra. Clark relatando meu interesse na área e solicitando sua orientação, e ela respondeu que me aceitaria como seu orientando de Doutorado em Maryland. Imediatamente solicitei à CAPES e à UFRGS autorização para continuar minha formação e, para minha alegria, tive meu pedido atendido por ambas as instituições. Em agosto de 1981, rumamos de carro com um reboque e 300 dólares no bolso – pois a transição da bolsa de Mestrado para a de Doutorado havia atrasado o pagamento pela CAPES – de Iowa para *College Park*, Universidade de Maryland, onde a Dra. Jane Clark recém havia se tornado membro do corpo docente.

Em Maryland fiquei voluntariamente responsável pelo Laboratório de Comportamento Motor e Biomecânica (*Lab Assistant*). Auxiliava colegas em suas coletas de dados e mantinha o Laboratório sempre organizado para as atividades de pesquisa.

Aqui faço outra pausa na vida acadêmica para falar do nascimento do nosso segundo filho, o Rodrigo, em 26 de maio de 1982. Agora já mais experientes e com a proximidade de idades entre eles (15 meses), tudo foi mais fácil, claro que com a grande carga para a Laura, que sempre se dedicou de coração e alma à criação dos filhos. Até o final do doutorado, fui um apoiador sempre que possível, mas o grande mérito de termos dois filhos maravilhosos é dela.

No doutorado tive como primeira área de estudo o Desenvolvimento Motor e, como segunda, a Aprendizagem Motora. Contudo, a Dra. Clark começou a dirigir sua pesquisa para a área de Controle Motor, daí o foco da minha tese. Em julho de 1984, concluí minha tese de doutorado intitulada “*The development of movement control parameters in*

jumping” e a defendi em setembro daquele ano. No mês seguinte, voltei ao Brasil para dar continuidade a minha vida profissional.

Ao reassumir minhas funções de professor, voltei a ministrar aulas de Handebol e Atletismo na graduação, e Atletismo na Prática Esportiva Universitária, que somavam 32 horas semanais. Essa quantidade de horas se justificava pelo fato de que muitos professores estavam fazendo seus Mestrados ou Doutorados em instituições do país ou do exterior e, assim como aconteceu quando eu estava fora do país, tive que assumir disciplinas de meus colegas.

No semestre seguinte, solicitei a criação da disciplina “Aprendizagem Motora” e, em seguida, “Desenvolvimento Motor, as quais passei a ministrar, e gradativamente fui me afastando das disciplinas práticas. Essas disciplinas constam no currículo atual dos cursos de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

Entre 1987 e 1989, coordenei três Cursos de Especialização: Treinamento Físico e Técnicas Esportivas; Lazer e Recreação, que assumi após o início do curso, pois a Coordenadora, Profa. Lenea Gelzer faleceu em um acidente de automóvel; e Educação Física Pré-Escolar e Escolar.

Em 1985, por delegação do Diretor da ESEF, Prof. Mario Cesar Cassel, fui nomeado Coordenador de uma comissão para elaborar a proposta de criação do curso de Mestrado. Eu era o único e primeiro professor da ESEF a ter a titulação de Doutor (PhD). Essa comissão era composta por três professores da ESEF (dois Livres Docentes), dois médicos lotados no LAPEX com Doutorado (PhD) e um Professor Doutor Livre Docente da Faculdade de Educação. A comissão teve vários problemas de entendimento do que era um curso de Mestrado, pois nem todos haviam cursado o Mestrado e o Doutorado. Contudo, em 1988 encaminhamos a primeira versão do projeto para a CAPES e, após algumas idas e vindas do documento, em 1989 obtivemos a aprovação pela CAPES do Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano (CMCMH). O CMCMH começou com a primeira turma em 1990 sob a Coordenação do Prof. Francisco Camargo Neto, que havia sido

membro da Comissão. Na primeira seleção de alunos, assumi a orientação de dois alunos. Hoje, passados 25 anos, contabilizo a orientação de 18 mestres e 6 doutores. Atualmente estou orientando um mestrando e dois doutorandos.

Em 1990, atendi ao edital do CNPq e tive meu projeto de Normatização do teste de proficiência motora de Bruininks e Ozeretzky aprovado. Recebi bolsa e me tornei pesquisador 2C do CNPq. Mantive um grupo de pesquisa até 1992, mas devido ao acúmulo de atividades administrativas da Direção, acabei não dando continuidade ao grupo.

Em 1991, fui nomeado Coordenador do CMCMH; porém, no mesmo ano, fui indicado por um grupo de colegas a concorrer nas eleições para Diretor da ESEF. Apesar de minha pouca ou quase nenhuma experiência administrativa, aceitei o desafio e, após ser o único candidato a concorrer, fui eleito Diretor para o mandato 1992-1996, tendo que me exonerar do cargo de Coordenador do Mestrado.

Como Diretor, me dediquei muito, procurando fazer o melhor possível pela ESEF. O Prof. Adroaldo Gaya, Prof. Antônio Carlos Guimarães e eu fizemos um pacto entre amigos de que envidaríamos todos os nossos esforços para tornar a nossa escola a melhor ou uma das melhores do país. Com a função de Diretor, trabalhei muito para buscar as condições para nossa escola avançar. Começamos organizando o que chamamos de “Fundão”, uma proposta já iniciada em gestão anterior do Prof. Mario Cesar Cassel, da qual fui o Coordenador, que reunia todos os cursos de especialização sob uma única Coordenação Administrativa. Os recursos sobrantes dos cursos, após pagamento dos professores, eram depositados em uma só conta na Fundação e utilizados, principalmente, para manutenção da Escola. Adotamos os mesmos procedimentos para os projetos de extensão que geravam recursos financeiros.

Com esses recursos adicionais, pudemos realizar melhorias significativas nas condições de trabalho dos professores e dos servidores técnico-administrativos. Além disso, envidei muitos esforços para buscar recursos junto à Secretaria de Esportes do MEC e, posteriormente, ao Instituto Nacional para o Desenvolvimento do Esporte (INDESP).

Também buscamos parcerias com a iniciativa privada, algo inédito em nossa Escola. Posso dizer que tivemos sucesso nessas ações, sendo o primeiro grande resultado a aquisição de equipamentos de biomecânica e fisiologia para o LAPEX que, até então, não renovava seus equipamentos, adquiridos na década de 1970. Desde aproximadamente 1988, o LAPEX estava sem nenhuma atividade de pesquisa. Após a volta do Prof. Guimarães de seu Doutorado no Canadá, em 1994, pedi a ele que assumisse a Direção do LAPEX e que, com os novos equipamentos, reiniciasse as atividades de pesquisa. A partir de então, o LAPEX começou uma nova etapa na pesquisa.

Essa relação que se iniciou com a Secretaria de Esportes do MEC foi reforçada após a criação do INDESP. Nesse sentido, após uma palestra que ministrei em um congresso sobre Marketing Esportivo em Juiz de Fora - MG, a convite do INDESP, sobre o Marketing Esportivo na Administração Pública, recebemos uma proposta do INDESP para implantarmos o primeiro Centro de Excelência Esportiva (CENESP) na ESEF. Os argumentos para a escolha de nossa escola como primeiro centro regional foram a tradição do LAPEX na avaliação de atletas e nossa capacidade de gerar recursos para a manutenção do mesmo. Elaboramos, então, o projeto e encaminhamos ao INDESP, que o aprovou prontamente. Em novembro de 1997, já na gestão do Prof. Guimarães, foi inaugurado o prédio do CENESP com equipamentos de última geração para avaliação de atletas.

Nessa época vários professores já haviam voltado de seus doutorados no exterior, e alguns novos haviam sido contratados mediante concurso público. Essa combinação de recursos humanos e equipamentos de última geração fez com que nosso curso de Mestrado desse um salto qualitativo significativo. Tal fato permitiu a implantação do curso de Doutorado em 2000, configurando, assim, o Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.

Outro acontecimento importante durante minha primeira gestão de diretor foi a criação do Programa Especial de Treinamento (PET) da Escola de Educação Física, em 1991, do qual fui o proponente e primeiro

tutor. Hoje denominado Programa de Educação Tutorial, o PET/ESEF visa, mediante um compromisso pedagógico, ético e social, a desenvolver um trabalho baseado na indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão, permitindo a plena formação acadêmica dos bolsistas em termos de potencial, habilidades e interesses. Além disso, são realizadas, ao longo do ano, diversas atividades de ensino que integram o grupo com os alunos de graduação e com a Escola de Educação Física, dentre as quais podemos citar a colaboração nas apresentações dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), entre outros projetos e palestras desenvolvidas pelo grupo. O programa continua existindo até hoje, e por ele passaram vários Professores Tutores e alunos de graduação. Em 1993, por não mais poder atender as demandas do grupo, por acúmulo de tarefas administrativas, indiquei a Profa. Silvana Goellner para assumir sua tutoria. O PET/ESEF continua ativo até os dias de hoje.

Antes de terminar minha gestão, em 1996, fui convidado pela Reitora Wrana Panizzi a exercer a função de Pró-Reitor de Planejamento, que assumi em outubro de 1996, três meses antes do final de minha gestão. O Vice-Diretor, Professor Antônio Carlos de Souza Rangel – a quem eu respeito e devo muito por sua fidelidade, parceria e energia –, finalizou nossa gestão em dezembro daquele ano.

Exerci a função de Pró-Reitor de Planejamento e Administração até março do ano seguinte e, por razões pessoais, pedi afastamento do mesmo. Durante esse período, fui representante da UFRGS no Conselho Diretor do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Foi um período de muito aprendizado sobre a administração central da UFRGS.

Em 1997, quando voltei a exercer minhas atividades na ESEF, o então Diretor, Prof. Antônio Carlos Guimarães, me nomeou Diretor do LAPEX. Naquele ano, em novembro, ocorreu o Seminário Internacional de Ciências do Esporte, do qual participei da organização, que serviu como marco para a inauguração do CENESP.

Logo após deixar a Pró-Reitoria, eu havia solicitado à CAPES uma bolsa para realização de pós-doutorado na Universidade de Maryland. Com o resultado positivo do pedido, em dezembro de 1997 retornei

àquela Universidade, onde havia realizado meu Doutorado. Minha intenção era retomar minhas atividades de pesquisa, interrompidas com o envolvimento com a administração da pós-graduação (especialização e mestrado), da direção da ESEF, da Pró-Reitoria e, finalmente, do LAPEX.

Em Maryland, após a primeira semana no laboratório, me dei conta do quanto eu estava defasado na pesquisa sobre Controle Motor. Minha formação teórica havia sido baseada na Teoria de Processamento de Informação, e agora me deparava com trabalhos desenvolvidos com base na Teoria dos Sistemas Dinâmicos, algo que eu havia estudado superficialmente no Brasil. Para poder avançar na área, eu precisaria de um *background* que levaria quase outro curso de Doutorado para atingir o nível de pesquisa dos meus colegas. Então, decidi investir em outra área. Comecei a estudar a *Developmental Coordination Disorder (DCD)*. Li toda a literatura existente até então e escrevi uma revisão de literatura para ser publicada. Contudo, uma revisão muito semelhante à que eu havia escrito foi publicada nos Estados Unidos antes, e decidimos que não seria conveniente publicá-la.

Outra atividade que realizei na Universidade de Maryland naquele período foi ministrar dois semestres a disciplina Aprendizagem Motora para a graduação em Cinesiologia. Foi uma experiência inesquecível, que demandou muito esforço, incluindo a preparação de *slides* e as aulas em si, e que se revelou um dos maiores desafios de minha vida acadêmica. No segundo semestre, já me sentia mais à vontade. Voltamos em agosto de 1999 para o Brasil, e eu tinha o forte propósito de retomar minhas atividades de pesquisa.

Meus planos de retornar à pesquisa começaram a ser frustrados, pois mais uma vez um grupo de professores me pediu para concorrer novamente a Diretor da ESEF. Naturalmente me senti honrado com a indicação; além disso, eu havia gostado muito de exercer a função de Diretor, não por uma posição de poder, mas sim pela oportunidade de realizar muitas coisas que ajudaram a alavancar nossa escola, tanto no aspecto de infraestrutura física como no âmbito acadêmico. Senti que

esse convite significava a aprovação de meu primeiro mandato e percebi que poderia contribuir mais ainda para o desenvolvimento da ESEF. Aceitei a solicitação. Obviamente tinha clareza de que minhas atividades de pesquisador teriam de esperar uma nova oportunidade.

Em 2000 fui eleito Diretor juntamente com o Vice-Diretor, Professor Newton Fortuna – a quem agradeço a parceria –, novamente sem outros concorrentes. Foram quatro anos de trabalho árduo, pois, a exemplo da gestão anterior, os recursos para as universidades federais eram escassos. Foi a partir de 2002 que esses recursos aumentaram significativamente, o que nos possibilitou investir em melhorias em equipamentos e infraestrutura física e acadêmica. Claro que não ficamos apenas dependentes de recursos do MEC: buscamos recursos no Ministério do Esporte (ME), além de continuarmos com a prática do “fundão” utilizada na primeira gestão.

Como eu imaginava que seria minha última gestão como Diretor, me dediquei a propor alguns projetos de extensão que trariam materiais esportivos e possibilidade de bolsas para nossos estudantes. Implantei o Projeto Navegar, dois Núcleos de Esporte de Base (NEB) (Ginástica Artística e Judô) do ME e o Projeto Quero-Quero, em parceria com o Instituto Ayrton Senna. Todos esses projetos de inclusão social existem até hoje graças aos professores que, em algum momento, assumiram a coordenação desses projetos, com exceção do Navegar que continuo como Coordenador, após eu não ter mais a possibilidade de coordená-lo, em função de novos compromissos assumidos.

Avalio que essa estratégia foi positiva e trouxe muitos benefícios acadêmicos, de equipamentos e infraestrutura física para a ESEF. Hoje sou um forte defensor da extensão universitária, pois é uma das formas mais diretas de a universidade cumprir seu papel social e, ao mesmo tempo, oferecer espaço de formação para os estudantes e fazer melhorias na infraestrutura de equipamentos e de espaços físicos.

Novamente, em 2004, fui instado por meus colegas a me recandidatar à função de Diretor. Novamente aceitei e concorri sem nenhum outro concorrente. Meu Vice-Diretor foi o Professor Luiz Fernando Ribeiro

Moraes, meu colega e amigo a quem eu também agradeço a dedicação. Seriam mais quatro anos frente a uma instituição que crescia cada vez mais; e, obviamente, as demandas cresciam também. Continuei trabalhado no mesmo ritmo anterior, porém com mais experiência, o que me ajudou muito.

Durante essa gestão, posso destacar alguns acontecimentos importantes para nossa Escola: a implantação de um restaurante universitário na ESEF e a aprovação da proposta de criação de dois novos cursos, o Bacharelado em Fisioterapia e a Licenciatura em Dança. A criação desses dois cursos foi uma solicitação do Reitor, Prof. Hennemann, pois faziam parte da política de expansão das universidades federais.

Além desses importantes fatos, em 2007 fui convidado pelo então Secretário de Esporte Educacional do ME, Sr. Júlio Filgueira, por intermédio do Prof. Amauri Oliveira, da Universidade Estadual de Maringá, a estabelecer uma parceria com a Escola de Educação Física da UFRGS, com o objetivo de propormos um projeto para qualificação pedagógica dos Coordenadores de Núcleo do Programa Segundo Tempo (PST). No mesmo ano, iniciamos, sob minha Coordenação-Geral, as ações com um projeto-piloto em Gramado - RS, capacitando pedagogicamente 400 professores Coordenadores de Núcleos do PST do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, de acordo com a proposta pedagógica que desenvolvemos com a colaboração de vários professores da UFRGS, UFMG e UEM.

A proposta do Secretário Júlio era de que ficássemos responsáveis apenas pela região Sul, contudo as outras duas universidades envolvidas não conseguiram implantar o projeto e acabamos ficando com a responsabilidade de capacitar e acompanhar os núcleos de todo o país.

A parceria prosperou, e novas ações foram incorporadas ao projeto, como o acompanhamento *in loco* dos Núcleos, mediante a criação das 19 equipes colaboradoras nas diferentes regiões do país, compostas por professores de universidades federais, estaduais e estudantes de especialização, mestrado e doutorado, totalizando mais de 70 universidades colaboradoras. Outras ações incorporadas foram o Ensino a Distância

(EaD) e produção de material bibliográfico. Até o momento, com esse projeto capacitamos, presencialmente e por EaD, mais de 29.745 professores e monitores; realizamos 8.777 visitas *in loco*; e produzimos 20 livros e manuais. A soma dos recursos financeiros para a realização desses projetos é de, aproximadamente, 85 milhões de reais, nestes oito anos de parceria.

A edição do projeto em andamento tem seu encerramento programado para 2016; contudo, a Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (SNEELIS) solicitou uma nova edição do projeto para o período 2016-2019. Nesse novo projeto, serão incorporados mais programas da SNEELIS, aumentando assim nossas ações, como a capacitação dos professores/técnicos dos Centros de Iniciação Esportiva (CIE), a capacitação e o acompanhamento dos projetos esportivos-sociais da Petrobrás, a avaliação dos projetos do PROEXT do MEC, entre outros.

Voltando à função de Diretor, em dezembro de 2008 concluí minha terceira gestão com a sensação de missão cumprida. Confesso que aquela sensação de alívio que todos sentem ao finalizar uma missão que demanda muito trabalho, noites mal dormidas, momentos de estresse, sem contar os efeitos negativos em nossa saúde, veio acompanhada de uma sensação de vazio e das perguntas “o que fazer agora?”. Vou dar minhas aulas e orientar alunos do PPG? Seguir na Coordenação do Projeto de Capacitação e Acompanhamento do PST? Aposentar-me? – algo que poderia ter feito em 2007. Uma coisa era certa: eu não poderia concorrer à Direção novamente. Após algumas semanas de reflexão, tomei a decisão de que não me aposentaria. Voltaria à situação de professor da graduação, continuaria orientando na pós-graduação e coordenando o projeto Navegar e o projeto em parceria com a SNEELIS, o que já seria uma boa carga de trabalho. Sabia que minha carreira de pesquisador havia acabado há algum tempo, e retomá-la seria muito difícil a essa altura da vida.

Decidi, então, seguir com as atividades acima. Vale ressaltar que a nova Direção não me dava muito espaço para fazer algo além do que

já fazia. Contudo, decidi tentar reativar o CENESP, considerando meu grande apreço pelo projeto e o fato de que o mesmo poderia contribuir muito para a avaliação de atletas e a pesquisa, além de beneficiar nosso laboratório. Conversei com a Direção da ESEF, que me autorizou a elaborar o projeto, contudo não contava com nenhum apoio para tal do Diretor. Cabe ressaltar que o Vice-Diretor, Prof. Alberto Reinaldo Reppold Filho, me apoiou. Pedi, então, ao Diretor do LAPEX, Prof. Flávio Antônio de Souza Castro, que juntos elaborássemos o projeto para encaminharmos ao ME. Para nossa alegria, o projeto foi aprovado, e assim pudemos renovar e adquirir novos equipamentos para o LAPEX/CENESP. Cabe salientar que a parceria da UFRGS com o ME inclui outro projeto, o “Referências”, cujo objetivo é “Elaborar referências que servirão de subsídio para a formulação do Plano Nacional do Esporte de Alto Rendimento no Brasil”. Esse projeto me foi solicitado em 2010 pelo então Secretário Nacional de Esporte de Alto Rendimento, Ricardo Leyser. Contudo, por ser um projeto que demandaria muito envolvimento, o Prof. Alberto Reppold assumiu sua Coordenação-Geral. O projeto deverá se encerrar em 2018.

Tais parcerias com as duas secretarias do ME têm sido muito positivas para a ESEF, pois há o reconhecimento dos Secretários e do Ministro de que a UFRGS é uma importante parceira no desenvolvimento de seus programas.

Em 2012, tive conhecimento de que o ME estava disponibilizando recursos para a construção de pistas de atletismo. Imediatamente contatei o Prof. Reppold, que me autorizou a elaborar um projeto. Como durante minhas gestões eu havia enviado vários projetos para a renovação de nossa pista de atletismo sem sucesso, vi ali a oportunidade de concretizar esse objetivo. Muitas vezes disse para mim mesmo que não me aposentaria sem conseguir a renovação da pista.

Nosso projeto de construção de uma nova pista – e não apenas a reforma da existente – foi aprovado em 2012. Após alguns problemas que tivemos para a elaboração do edital de licitação (RDC), nossa pista foi concluída no final de 2015.

Aqui faço outra pausa em minha carreira acadêmica para relatar que, no final de 2013, fui consultado pela Deputada Manuela D'Ávila se ela poderia indicar meu nome ao Governador Tarso Genro para o cargo de Secretário de Estado do Esporte e do Lazer, para o último ano de sua gestão. Após conversar com minha esposa e com o então Diretor Prof. Alberto Reppold Filho, recebi apoio de todos e concordei em que meu nome fosse indicado. Para minha surpresa, o Governador aceitou; e, em 23 de dezembro de 2013, me tornei Secretário de Estado do Esporte e Lazer. Confesso que nunca imaginei que assumiria tal posição. Minha vida sempre foi dedicada à Universidade, e nunca me vi em um cargo político dessa natureza.

Hoje, fazendo uma avaliação desse período, penso que nosso trabalho, apesar do ano de Copa do Mundo e de período eleitoral, foi muito positivo. Conseguimos, em uma forte parceria com a Fundação Estadual de Esporte e Lazer, dirigida naquele ano pelo professor de Educação Física Cláudio Gutierrez, e o apoio do Governador, realizar muitas ações importantes. Pelo relato de muitos Prefeitos, Secretários de Esporte de municípios, Presidentes de ONGs, clubes esportivos e outros, o esporte nunca havia recebido tanto apoio financeiro. Esse foi um ano de muito aprendizado em um ambiente muito diferente do universitário.

Em 2015, voltei para a UFRGS. Em janeiro reassumi a Coordenação-Geral do projeto do PST em parceria com o ME; do Projeto Navegar, que estava sendo transferido para o município de Imbé; continei lecionando na graduação e orientando estudantes de Mestrado e Doutorado; além de coordenar os projetos das pistas. Além disso, desde 2010 fui Membro Suplente do Conselho de Curadores da UFRGS e, nesse ano, me tornei Membro Titular.

Em 2016, por solicitação de um grupo de professores dos três cursos da ESEFID, me candidatei e fui eleito para o meu quarto mandato de Diretor. Assumi a Direção no dia 24/12/2016, mandato que vai até 2020.

Em 2017, por indicação da Reitoria, fui eleito Membro do Conselho de Curadores da Fundação de Apoio da UFRGS (FAURGS).

Concluindo, posso dizer que minha vida, com exceção do ano em que fui Secretário de Estado do Esporte, sempre foi dedicada à Universidade, especialmente à ESEF, que, em 2015, teve seu nome alterado para Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID). Minha trajetória sempre foi marcada por algumas ações programadas, como fazer o Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado; mas muitas inesperadas, como ser Diretor, Pró-Reitor, Secretário, Membro Titular do Conselho de Curadores e até Reitor por nove dias. Sempre encarei todos esses desafios consciente de que, de alguma forma, eles reverteriam em benefício de nossa ESEF.

Tenho a consciência de que devo muito a UFRGS, que me proporcionou muitas oportunidades para me tornar a pessoa que sou hoje. Quando ingressei como professor substituto em 1977, não tinha a mínima ideia de aonde eu chegaria em minha vida profissional. Hoje me sinto realizado profissionalmente, ciente de que dei o meu melhor para a instituição.

Agradeço a minha esposa Laura, que foi uma companheira de todas as horas; aos meus filhos, dos quais tenho muito orgulho pelas pessoas que são; aos meus pais, que já não estão mais aqui conosco; aos meus amigos da ESEF, Guimarães, Adroaldo, Cassel, Rangel, Escobar, Werner (Peixinho), Betão, Marco, Cícero e Selda; a todos os colegas professores e técnicos administrativos e a meus estudantes; aos Reitores, Pró-Reitores e técnicos da Administração Central que me acompanharam e me apoiaram nesta caminhada.

Por fim, tenho uma certeza: faria tudo de novo.

6

CONSTRUINDO UM FUTURO DE MEMÓRIAS

Marcio A. Oliveira

Universidade de Maryland

Este capítulo foi escrito com a intenção de registrar lembranças de uma história muito recente e de oferecer reflexões que possam influenciar o desenvolvimento de novas iniciativas e inspirar gestões futuras da SOCIBRACOM.

... O CAMINHO TRILHADO

A Sociedade Brasileira de Comportamento Motor foi criada no dia 6 de setembro de 2002 na cidade de Gramado, Rio Grande do Sul, Brasil. Embora pesquisadores da área de comportamento motor humano (desenvolvimento, aprendizagem e controle) tivessem, anteriormente, demonstrado interesses informais de fundar uma organização acadêmica no país, foi somente durante a realização do III Seminário de Comportamento Motor, organizado pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sediado no Centro de Treinamento e Eventos da UFRGS, em Gramado - RS, onde professores pesquisadores, alunos de pós-graduação e graduação se reuniram para oficializar a criação de uma sociedade científica e profissional no Brasil que teria como suas principais missões: a) promover o estudo do controle motor, da aprendizagem motora, do desenvolvimento motor e suas aplicações na educação física, esporte, fisioterapia e áreas afins,

b) difundir esses conhecimentos em um evento bienal, e em um periódico a ser criado com o nome de Revista Brasileira de Comportamento Motor. Como o III Seminário teve abrangência nacional, e reuniu pesquisadores de quase todos os estados brasileiros, os líderes deste evento decidiram anunciar que aquele evento seria então considerado o I Congresso Brasileiro de Comportamento Motor (CBCM).

Naquela ocasião ficou decidido que a sigla SBCM seria adotada como abreviação oficial do nome da sociedade. Além disso, ficou determinado que o primeiro presidente honorário da sociedade seria o Prof. Dr. Jefferson Thadeu Canfield, o qual contou com um conselho diretor composto pelos Profs. Drs. Ricardo Demétrio Petersen, Go Tani, José Angelo Barela e Edison de Jesus Manoel. Esse ato histórico foi lavrado em ata (Apêndice 1), cujas assinaturas no documento refletem a presença de muitos estudantes e profissionais pesquisadores que testemunharam o ato de criação da Sociedade Brasileira de Comportamento Motor. Nesta lista evidenciamos, não somente, a quantidade de indivíduos presentes nesse ato, mas também a diversidade de membros afiliados a diferentes laboratórios de pesquisa e instituições de ensino superior do Brasil. Em especial, destaco a presença e assinatura de dois pesquisadores precursores da área no Brasil: Dra. Ana Maria Pellegrini e Dr. Ruy Jornada Krebs. Ambos, assim como os demais listados como membros do conselho diretor, sempre defenderam a importância e necessidade da criação de uma organização acadêmica e profissional como essa.



Figura 1. Primeira logomarca da Sociedade Brasileira de Comportamento Motor.

Em geral, novas sociedades científicas e profissionais no mundo resultam da emergência de novas disciplinas científicas ou desenvolvimentos tecnológicos. No entanto, esse não foi exatamente o caso dessa sociedade. Na verdade, a disciplina de comportamento motor já era bastante reconhecida pela academia brasileira. Cursos de desenvolvimento, aprendizagem e controle motor já faziam partes dos currículos universitários, e várias dissertações de mestrado e teses de doutorado já haviam sido defendidas pelos programas de graduação e pós-graduação do país. Muitos estudos conduzidos já haviam sido publicados em periódicos científicos nacionais e internacionais. Mesmo que “tardamente”, a criação da Sociedade Brasileira de Comportamento Motor foi, indiscutivelmente, um marco desenvolvimental para a área no Brasil. Uma oportunidade singular de criar-se uma organização independente, e com um potencial inigualável de congregar profissionais, promover a comunicação de resultados de pesquisa, e fomentar a colaboração entre pesquisadores da área.

Oficialmente, somente dois anos depois, durante a realização II Congresso Brasileiro de Comportamento Motor na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, alunos e profissionais da área se reuniram novamente e realizaram a primeira assembleia geral oficial da sociedade. Nessa assembleia foi eleito o primeiro grupo gestor, e aprovado o primeiro estatuto da SBCM; o qual foi registrado no dia 5 de Setembro de 2004, no cartório de 1º. Serviço de Registro Civil de Pessoas Jurídicas de Porto Alegre (1684657 - folha nº. 9), na cidade de Porto Alegre, RS. A Sociedade foi registrada como pessoa jurídica, de direito privado e sem fins lucrativos, com abrangência em todo território nacional e de prazo indeterminado. No primeiro registro, o endereço da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ficou definido como sede e foro.

Como consta no estatuto, ficaram definidas como finalidades da Sociedade: I) Congregar os profissionais da área de Comportamento Motor no território nacional; II) Promover e apoiar

o aperfeiçoamento técnico e científico dos profissionais pesquisadores da área de Comportamento Motor; III) Promover a realização do Congresso Brasileiro de Comportamento Motor, de outros conclave científicos, divulgando o conhecimento da área; IV) Manter vinculação com entidades congêneres e afins, tanto no país, como no exterior, representando oficialmente a área de Comportamento Motor no Brasil; V) Articular convênios e contratos com entidades públicas e privadas do país e do exterior, para atender os objetivos das instituições participantes; VI) Editar a Revista Brasileira de Comportamento Motor.

Anos depois, a troca da sigla da sociedade foi necessária para atender o pedido da Sociedade Brasileira de Clínica Médica, a qual já possuía registros precedentes utilizando a sigla SBCM. Ironicamente, outros grupos brasileiros também utilizavam (e ainda utilizam) a mesma sigla, tais como a Sociedade Brasileira de Cirurgia da Mão e o Simpósio Brasileiro de Computação Musical. No entanto, com o intuito de identificar uma sigla e logomarca sem precedentes, a sigla SOCIBRACOM foi sugerida e aprovada. Em 2010, durante o V Congresso Brasileiro de Comportamento Motor, realizado em Londrina - PR, foram aprovadas alterações no estatuto original, momento no qual a sigla SOCIBRACOM e uma nova logomarca passou a ser oficialmente adotadas.



Figura 2. Logomarca atual da Sociedade Brasileira de Comportamento Motor.

Vários grupos gestores foram eleitos desde a criação da Sociedade. Todos eles têm cumprido os objetivos e funções designadas a nossa sociedade científica e profissional e, a cada dia, expandindo o portfólio de

atividades da sociedade. A consecução bianual do Congresso Brasileiro tem sido mantida até a presente data e, como esperado, este evento transformou-se num fórum nacional de divulgação de novos conhecimentos produzidos na área e um “*playground*” para a interdisciplinaridade acadêmica e encontro de indivíduos interessados em investigar os diferentes aspectos do comportamento motor humano. Esse evento tornou-se, também, um lugar onde cientistas renomados e oriundos de diferentes lugares do mundo são convidados para compartilhar seus estudos inovadores e inspirar alunos e profissionais brasileiros.

Além do evento bianual de âmbito nacional, várias instituições de ensino superior vêm se voluntariando a organizar eventos de porte menor, a nível estadual. Esses simpósios têm acontecido nos anos consecutivos ao evento nacional e, devido ao número menor de participantes, tornaram-se um espaço no qual alunos de graduação e pós-graduação participam mais ativamente. As discussões acadêmicas são organizadas e focadas em torno dos estudos e interesses específicos dos profissionais e alunos do laboratório/região. Além disso, esses eventos se tornaram uma oportunidade inigualável de divulgação e promoção dos diferentes laboratórios de pesquisa no Brasil, dando aos laboratórios, pesquisadores e programas de pós-graduação maior visibilidade no âmbito institucional e nacional.

Na intenção de continuar a divulgar o conhecimento novo produzido na área, a Revista Brasileira de Comportamento Motor (*Brazilian Journal of Motor Behavior*), que teve como seu primeiro editor o Dr. José Angelo Barela, também se tornou um veículo importante para comunicar e publicar novas descobertas científicas dos laboratórios de pesquisa do Brasil e do mundo. As últimas gestões têm intensificado esforços para expandir o alcance da revista, e torna-la um periódico ranqueado nos critérios nacionais e de ampla circulação e reconhecimento nacional e internacional.

Em 2006, durante a realização do III Congresso Brasileiro de Comportamento Motor na cidade de Rio Claro, São Paulo, prêmios acadêmicos foram instituídos como uma forma de reconhecer

pesquisadores de destaque nacionais e celebrar conquistas de jovens pesquisadores e trabalhos inovadores de alunos de graduação e pós-graduação. O reconhecimento aos pesquisadores sêniores foi estabelecido como “Prêmio Jefferson Canfield”, em homenagem à brilhante e precursora carreira deste renomado pesquisador brasileiro. Esta foi a forma em que a SOCIBRACOM o homenageou em vida, e reconheceu o Dr. Jefferson Thadeu Canfield, como um distinto e precursor cientista brasileiro da área de Comportamento Motor no Brasil, cujas atividades acadêmicas e profissionais foram, indubitavelmente, decisivas para a implantação e desenvolvimento da área de Comportamento Motor em nosso país. O prêmio Jefferson Canfield tem sido atribuído a cientistas brasileiros da área de Comportamento Motor, que à sua imagem e semelhança mereçam reconhecimento público e possuam mérito científico. Até a presente data, a lista de premiados inclui a Dr. Ana Maria Pellegrini (2006), Dr. Ruy Jornada Krebs (2008) e Dr. Go Tani (2010).

Nesse mesmo evento foram instituídos também o prêmio “Jovem Pesquisador”, o qual tive a honra e privilégio de ser o primeiro membro da sociedade a recebê-lo. Além disso, foram estabelecidos os prêmios de melhor trabalho de graduação e pós-graduação, os quais têm sido distribuídos periodicamente nos eventos consecutivos a esse. Em 2012, durante a realização do VI Congresso Brasileiro de Comportamento Motor na cidade de São Paulo, SP - organizado pela Universidade Cruzeiro do Sul foi aprovado em assembleia geral que o prêmio de melhor trabalho de graduação passasse a ser denominado, “Prêmio Ruy Jornada Krebs”, em homenagem a carreira brilhante desse pesquisador no Brasil, e sua incansável dedicação em educar e inspirar jovens a ingressarem na carreira acadêmica.

Durante esses últimos dezesseis anos, foram muitos os desafios enfrentados, mas, sobretudo, foram inúmeras as realizações e conquistas coletadas pelas gestões administrativas. As metas iniciais de estabelecer a SOCIBRACOM como uma associação de renome nacional e de promover a área de comportamento motor no Brasil foram, e continuam sendo cumpridas. Mas quais seriam os próximos passos a serem

tomados? O que poderíamos fazer para antecipar novos desafios gestores que estão por vir? Quais serão as estratégias que deverão ser utilizadas para expandir ainda mais a nossa área no Brasil e atender as demandas acadêmicas e profissionais das próximas décadas?

É bem possível, que a parte mais interessante da história da nossa sociedade ainda esteja para ser inventada e este, talvez, seja o momento de congregarmos para documentar as lições aprendidas e entreter provocações sobre quais seriam os novos empreendimentos e direções a serem tomadas.

NOVOS DESAFIOS E PERSPECTIVAS...

Não é muito difícil reconhecer que estamos vivendo tempos de transformação tecnológica intensa e de mudanças erráticas nos valores políticos, sociais no nosso país e no mundo. Inovações têm alterado, dramaticamente, a forma na qual nos organizamos e relacionamos uns com os outros em nossa sociedade. É bem possível, que num futuro muito próximo, nossos simpósios e congressos sejam totalmente virtuais, e os objetivos inicialmente, estabelecidos para a SOCIBRACOM, não cumpram mais as necessidades e demandas dos membros atuais. Não obstante, o desafio de responder à pergunta que incansavelmente acompanha todo grupo gestor, permanece: porque alguém deve se filiar a uma sociedade científica como a nossa? A razão e benefícios da filiação a qualquer associação acadêmica e científica devem ser óbvios e, sobretudo, atraentes o suficiente para incitar o ingresso e a manutenção contínua da fidelidade de seus afiliados.

A SOCIBRACOM, assim como qualquer outra sociedade acadêmicas e científica do Brasil e do mundo, possui, no momento atual, a oportunidade única de desafiar o *status quo*, de “abrir o canto” e explorar novos horizontes. Expandir-se e assumir outros compromissos que vão além da congregação, celebração e divulgação de legados de pesquisadores que possuem interesses comuns. Para mantermo-nos fortes

e comprometidos com o sucesso futuro da nossa área, novos capítulos da história da SOCIBRACOM precisam ser imaginados e discutidos. Esta não é uma tarefa trivial e jamais pode ser feita por um único líder ou grupo gestor. Um esforço intencional e coletivo se faz necessário para identificarmos, o quanto antes, quais serão as peças do quebra-cabeça que terão mais impacto e influência no futuro próximo da nossa sociedade.

A nossa história, mesmo que recente, tem sido construída de forma bastante sólida. No entanto, existem novos desafios que podem ao mesmo tempo, nos intimidar e inspirar a expansão de nossos propósitos. A SOCIBRACOM, por exemplo, já congrega massa crítica suficiente para educar coletivamente o público sobre temas controversos de pesquisas na área. Poderíamos, por exemplo, advogar para que as agências governamentais alterem suas políticas públicas de financiamento, e que lancem editais em torno de temas emergentes e prioritários que possam garantir o desenvolvimento da área no Brasil e no mundo. Poderíamos criar uma rede sistemática de recursos que deem mais suporte aos jovens pesquisadores brasileiros interessados a se projetarem no cenário internacional. Seria de imenso valor se formalizássemos, através da SOCIBRACOM, parcerias entre laboratórios e pesquisadores que possuem especialidades distintas e, ao mesmo tempo, um potencial inigualável de colaboração científica e realização de estágios acadêmicos. Eu não tenho dúvidas que essas parcerias já existem, mas a SOCIBRACOM poderia reconhecer, agregar, documentar e promover tais oportunidades de forma mais formal. Mais importante ainda, facilitar a criação e promoção de uma rede de contatos e possibilidades de intercâmbio interinstitucional, muitas vezes inacessíveis e imagináveis por alunos de graduação e pós-graduação interessados em aprender e expandir os seus conhecimentos na área. Poderíamos criar oportunidades formais de orientação de membros mais experientes. Estabelecer uma rede de pesquisadores sêniores que estejam dispostos e disponíveis e aconselhar jovens pesquisadores em suas escolhas curriculares e carreira profissional. Enfim, precisamos reconhecer a importância e a necessidade

de se promover uma formação extracurricular altamente qualificada. Oferecer oportunidades para a educação e treinamento interdisciplinar, e ajudar jovens cientistas a progredirem em um mundo menos compartimentalizado. Esta, talvez, seja a estratégia mais simples a ser adotada para elevarmos o status atual de uma sociedade acadêmica e profissional tão jovem como esta.

Fica aqui o convite para congregarmos como de costume, mas não para compartilhar nossos achados científicos e apresentar questões que ainda não foram exploradas por pesquisadores na área. Sugiro um encontro com um objetivo um tanto diferente. Um espaço e tempo para que possamos revisar a atual missão da SOCIBRACOM e discutir qual será o papel da nossa sociedade no futuro próximo. Imagino um momento em que possamos criativamente delinear ações que possam orientar e garantir o sucesso das próximas cinco gestões (10 anos). Uma oportunidade de explorar ideias inovadoras, de identificar e votar ações gestoras prioritárias.

Tomando a área educacional como exemplo, podemos criar uma oportunidade para repensarmos atuais estratégias de comunicação e educação literária da área de comportamento motor nos cursos de graduação e pós-graduação no Brasil. Vivemos um momento único onde vários educadores estão produzindo e disponibilizando recursos educacionais digitais aos seus alunos. Quais são as oportunidades que temos para compartilhar tais recursos? Porque não evitar a duplicação de esforços nesse sentido? Porque não aproveitarmos o movimento mundial de criação e utilização de base de dados colaborativos de pesquisas? O que podemos fazer para promover maior diversidade de conhecimento da área, e para gerar recursos educacionais que alcancem minorias e abordar o problema crônico de acesso à informação que ainda persiste em várias áreas do Brasil? Porque não nos unirmos para discutir ementas das disciplinas da área de comportamento motor? Porque não alinhar as diferenças e compartilhar recursos e estratégias didáticas que utilizamos em nossos cursos no Brasil? Finalmente, porque não criarmos juntos materiais e recursos de ensino inusitados? Explorar e

testar recursos jamais experimentados nas salas de aula e laboratórios do Brasil e do mundo.

Explorando outras áreas de possível discussão, sugiro (re)pensarmos o papel da SOCIBRACOM na promoção e manutenção da integridade na pesquisa da área no Brasil. Fundamentalmente, a nossa missão é, e sempre será, a de promover o avanço do conhecimento científico autêntico, ético e de qualidade. Esses esforços podem ser delineados com o intuito de expandir a representatividade de nossos trabalhos e promover o reconhecimento dos pesquisadores brasileiros no âmbito nacional e internacional.

Nos próximos anos e décadas, espera-se que a velocidade de mudança tecnológica e de valores culturais em nossa sociedade acelere ainda mais. Eu convido os atuais membros da SOCIBRACOM, a se unirem, o quanto antes, para encarar, prontamente, o desafio de escrevermos os próximos capítulos da história da nossa sociedade. Convido todos a imaginar uma nova visão para a nossa sociedade, estabelecermos um cronograma de ações, e definirmos, coletivamente, novas prioridades. Eu acredito que seja possível um plano de ação gestor que reconcilie esforços isolados e competitivos, que reconheça e incorpore o uso de inovações tecnológicas para a promoção da área e para o bem comum. A minha expectativa para esse encontro histórico é que consigamos criar iniciativas sustentáveis e de grande impacto para um futuro imaginável e muito próximo. Finalmente, convido aqueles interessados em co-autorar o futuro da SOCIBRACOM a se comprometerem, sobretudo a beneficiar as minorias marginalizadas no nosso país. Grupos de pesquisa e indivíduos curiosos cujos sonhos acadêmicos e o desenvolvimento de seus estudos ainda sofrem pela falta de acesso à informação atualizada e carência de recursos tecnológicos e científicos. Este é o momento de sermos proativos. Este é um momento em que o papel da ciência na sociedade nunca foi tão necessário e importante.

APÊNDICE 1

Cópia da ata de fundação da Sociedade Brasileira de Comportamento Motor

ATA DE FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPORTAMENTO MOTOR

Aos quatro dias do mês de setembro de 2002, os participantes do III Seminário de Comportamento Motor reunidos no Centro de Treinamento e Eventos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na cidade de Gramado, Rio Grande do Sul, decidiram fundar a Sociedade Brasileira de Comportamento Motor que terá como uma de suas principais missões promover no Brasil o estudo do controle motor, da aprendizagem motora, do desenvolvimento motor e suas aplicações na educação física, esporte, fisioterapia e áreas afins assim como difundir esses conhecimentos em evento bienal da sociedade e num periódico a ser criado com o nome de Revista Brasileira de Comportamento Motor. Nessa ocasião ficou decidido, também, que o primeiro presidente da sociedade será o Prof. Dr. Jefferson Tadeu Canfield que contará ainda com um conselho diretor composto pelas seguintes pessoas: Profs. Drs. Ricardo Demétrio Petersen, Go Tani, José Angelo Barela e Edison de Jesus Manoel. Nada mais havendo a tratar, a reunião foi encerrada da qual, eu, Edison de Jesus Manoel, lavrei a presente ata que dato e assino, *Edison de Jesus Manoel* e que é assinada por todos presentes à reunião.

Centro de Treinamento e Eventos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Gramado, 06 de setembro de 2002.

JEFFERSON TADEU CANFIELD

GO TANI

RICARDO DEMÉTRIO PETERSEN

JOSÉ ANGELO BARELA

Ana Maria Pellegrini

RUY JORWANN KREBS

SUELY SANTOS

Edison de Jesus Manoel

Imbento Cesar Conia

Sérgio T. Fonseca

Andrea Arichte Freudenthein

Rodolfo Nouelivos Bender

Sérgio Tosi Rodrigues

Jefferson Tadeu Canfield

Go Tani

Ricardo Demétrio Petersen

José Angelo Barela

Ana Maria Pellegrini

Ruy Jorwann Krebs

Suely Santos

Edison de Jesus Manoel

Imbento Cesar Conia

Sérgio T. Fonseca

Andrea Arichte Freudenthein

Rodolfo Nouelivos Bender

Sérgio Tosi Rodrigues

Marcelo A. Mendes (UFAM)

Aguiar, M. Xavier

João Carlos de Souza

João Carlos de Souza

João Carlos de Souza

João Carlos de Souza

João Carlos de Souza

João Carlos de Souza

João Carlos de Souza

João Carlos de Souza

João Carlos de Souza

João Carlos de Souza

João Carlos de Souza

BRENDA M. B. RAMOS ~~but~~ h. 9.12 (USP)

Fernando C.M. Ennes

Herbert Ugrasoulido

Marcio Alves de Oliveira

MAURICIO MARTELLI

Paula Laisano Polanski

Ana Paula Bortolacio

Danielha Godoi

Thalia Regina Borjini

Paula De Abreu Marcondes

Luciana Regina Gonçalves

Silvana Aparecida Wucoski

Brisa Eli Ci.M. Alves

Ana Maria Torti Barola

Ana Caroline Priati

Paulo Barbosa de Freitas Jr.

Ana Carolina Chaves Larrondo

Luciana Bergmann Barlucci

JEFFERSON FAGUNDES LOSS

MARINES RAMOS

CASSIO DE MIRANDA MEIRA

Emilio Kawano Filho

~~but~~ h. 9.12 (USP)

~~Fernando C.M. Ennes~~

~~Marcio Alves de Oliveira~~

~~MAURICIO MARTELLI~~

~~Paula Laisano Polanski~~

~~Ana Paula Bortolacio~~

~~Danielha Godoi~~

~~Thalia Regina Borjini~~

~~Paula De Abreu Marcondes~~

~~Luciana Regina Gonçalves~~

~~Silvana Aparecida Wucoski~~

~~Brisa Eli Ci.M. Alves~~

~~Ana Maria Torti Barola~~

~~Ana Caroline Priati~~

~~Paulo Barbosa de Freitas Jr.~~

~~Ana Carolina Chaves Larrondo~~

~~Luciana Bergmann Barlucci~~

~~JEFFERSON FAGUNDES LOSS~~

~~MARINES RAMOS~~

~~CASSIO DE MIRANDA MEIRA~~

~~Emilio Kawano Filho~~

Sobre o livro

Formato 15,5 x 23 cm

Tipologia PT Sans (títulos)
Minion Pro (textos)

Papel Pólen 80g/m² (miolo)
Supremo 250g/m² (capa)

Projeto Gráfico Canal 6 Editora
www.canal6.com.br

Diagramação Erika Woelke

PATROCINADOR



Instituto **ARCOR** *Brasil*

ISBN 978-85-7917-502-2



9 788579 175022